FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.909 | QUINTA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO DE 2022 | R$ 5,00

Banco Central eleva taxa, e juros voltam aos 2 dígitos

O Comitê de Política Monetária do Banco Central elevou a Selic de 9,25% para 10,75% ao ano. Desde julho de 2017, a taxa básica de juros estava abaixo dos dois dígitos, diante da inflação em queda e da atividade econômica praticamente estagnada. O ciclo de aperto iniciado em março de 2021 deve se manter, segundo o BC. Mercado A11

PF reafirma crime do presidente e minimiza ausência

No inquérito sobre o vazamento de investigação de ataque hacker ao TSE enviado ao STF, a delegada federal Denisse Ribeiro reafirmou ter visto crime na atuação de Bolsonaro e disse que a ausência dele a depoimento não muda os fatos. Política A7

Lotsove Lolo Lavy Ivone, 43, com retrato de seu filho Moïse Mugenyi Kabagambe, espancado até a morte, aos 24 anos, em quiosque no Rio Tércio Teixeira/Folhapress

Lula reforça querer Haddad em recado a Boulos e França

Em encontros com petistas e políticos de outras sigla, o ex-presidente Lula tem dito que vê, pela primeira vez, chance de o PT vencer em SP com Fernando Haddad. Ele tem sinalizado isso a Guilherme Boulos e Márcio França, que buscam o posto. Política A4

Mercado A18
De calcinha a chinelo, marcas tentam faturar com NFTs no metaverso

Ilustrada C1
Em revivals, séries tentam corrigir falta de diversidade LGBTQIA de originais

Turismo C8
Saiba como se proteger da Covid-19 ao viajar de avião, ônibus ou carro

Polícia Civil tardou em apurar morte de Moïse

Inquérito mostra que investigações só se aceleraram após protestos da família, que relata intimidação por PMs

O inquérito sobre a morte do congolês Moïse Mugenyi Kabagambe, 24, apresentado à Justiça mostra que a Polícia Civil demorou ao menos três dias para intensificar as investigações sobre o caso. Elas só foram aceleradas após manifestações da família no fim de semana.

Apenas na última sexta (28) o dono do Quiosque Tropicália, onde o jovem foi espancado até a morte no dia 24, foi notificado para comparecer à Delegacia de Homicídios —três dias depois do registro do crime. A determinação era que ele se apresentasse ontem.

A apuração foi acelerada após protestos de familiares do jovem no sábado (29) em frente ao quiosque. O comerciário se apresentou nesta terça (1º) à polícia, após a repercussão do caso.

No mesmo dia, três homens foram presos temporariamente depois de terem confessado participação na morte de Moïse.

Parentes do jovem relatam terem se sentido intimidados por policiais militares em três ocasiões.

Procuradas, as polícias Civil e Militar dizem que os fatos estão sendo investigados. Cotidiano B1 e B2

Telegram ignora decisão do STF sobre Bolsonaro

Há seis meses, o Telegram descumpre determinação do Supremo para retirar do ar publicação de Jair Bolsonaro (PL) com informações falsas sobre urnas eletrônicas. O caso mostra a dificuldade das autoridades com a rede social, que é alvo do TSE. Política A7

A pandemia em 2.fev

Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	79,4%
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	70,0%
Dose de reforço	22,6%

Nos estados

	Ao menos uma dose	1º ciclo completo	Dose de reforço
SP	87,8%	79,3%	35,3%
PI	86,0%	76,9%	17,9%
MG	80,3%	73,8%	23,6%

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel: 653 ↑ 203,3%* | Em 24 h: 946 | Total: 628 078

Casos ↑ +79,4%* (acelerado)

*Variação em relação a 14 dias

Eduardo Knapp/Folhapress

CRATERA É PREENCHIDA COM CONCRETO EM SÃO PAULO

A empresa responsável pela obra diz ter usado 50 caminhões, mais de 30 betoneiras e 6 bombas para preencher o buraco aberto na terça (1º) na marginal Tietê, perto da ponte do Piqueri; a pista central fica interditada até amanhã, e a via deve ser liberada até o dia 11 Cotidiano B3

ANÁLISE

Ana Carolina Amaral

Chuvas são efeito da mudança climática?

A pergunta nunca foi respondida, porque estava equivocada. A resposta correta foi quantificada pela ONU. Chuvas fortes já são 1,3 vez mais frequentes e 6,7% mais intensas. A saída é se adiantar. Ambiente B5

Sérgio Rodrigues

Moïse e as tábuas da lei de Lynch

As tábuas da "lei de Lynch", expressão matriz do verbo "linchar", desabaram seguidas vezes sobre Moïse. Como assim? O que Moïse tinha em falta (ou em excesso) para que sua morte a pauladas tenha permanecido mais de uma semana no limbo? Cotidiano B1

Europa relaxa medidas, mas OMS alerta sobre vírus

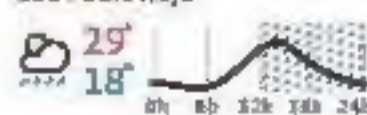
Mundo A9

ISSN 1414-5723
9 771414 572056 33909

ATMOSFERA

São Paulo hoje

29° 18°

0h 6h 12h 18h 24h

Palmeiras viaja sob festa; Mundial tem início hoje

Esporte B7

EDITORIAIS A2

Trágica rotina

Sobre mortes causadas pelas chuvas em São Paulo.

Faz de conta

Acerca de normas para a propaganda partidária.

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Trágica rotina

Mortes nas chuvas em São Paulo expõem falhas na prevenção e irresponsabilidade em áreas de risco

O roteiro repete-se há décadas. Por descaso ou conveniência política, autoridades fazem vista grossa para a ocupação de áreas de risco; frágeis construções, mal equilibradas em morros e encostas, multiplicam-se de forma desordenada; as águas de chuvas contínuas, comuns no verão brasileiro, infiltram-se no terreno irregular.

Por fim, a tragédia: toneladas de terra vêm abaixo, arrastando e destruindo o que há pela frente —famílias inteiras, muitas vezes.

A mais recente catástrofe do tipo ocorreu no fim de semana no estado de São Paulo. Até esta quarta (2), os 17 municípios afetados somavam 27 mortos em deslizamentos e alagamentos. Também em razão de enchentes, havia 1.546 famílias desabrigadas ou desalojadas. Sete pessoas estavam desaparecidas.

Até certo ponto, a perda de vidas era previsível e evitável. Com 20 das 27 vítimas, a Grande São Paulo, por exemplo, dispõe de amplo mapeamento geológico. Sabe-se muito bem onde ficam as regiões que jamais poderiam ser habitadas e as que até comportam algumas edificações, desde que obedecendo a restrições e obras de engenharia.

É certo que não faltou "visão de futuro" por parte de quem construiu, como miseravelmente definiu o presidente Jair Bolsonaro (PL) ao sobrevoar as áreas atingidas. Faltou, isso sim, planejamento adequado, responsabilidade e investimento sólido em programas de moradia por parte dos governantes, em todos os níveis.

Nesse aspecto, causa espécie a notícia de que o governo João Doria (PSDB) gastou, em 2021, menos da metade (45%) do dinheiro previsto para obras antienchente. No ano anterior, o percentual desembolsado foi ainda menor: 18%.

Em que pesem questões administrativas e entraves burocráticos, como argumentou a gestão, a tarefa, hercúlea e de longo prazo, vai além de obras de contenção.

Urge uma mudança de orientação: novas ocupações em terrenos instáveis e à beira de cursos d'água devem ser impedidas de imediato, antes que proliferem; projetos habitacionais precisam contemplar prioritariamente moradores das áreas mais perigosas, que, por óbvio, devem ser removidos.

No curto prazo, um sistema de alerta meteorológico efetivo, que contemplasse ampla cobertura da imprensa e mensagens direcionadas por celular, poderia salvar vidas com a retirada prévia das famílias.

Em um planeta ameaçado pelas mudanças climáticas, ações corajosas e concretas do poder público podem evitar que mais cadáveres sejam contabilizados a cada verão —ou talvez já na próxima chuva.

Faz de conta

Normas para a indesejável propaganda partidária são exemplo de irrealismo na legislação eleitoral

Ele é candidatíssimo, todos os eleitores o sabem, mas a palavra "candidato" não pode ser usada. A pessoa também não está autorizada a pedir votos, embora seja isso claramente o que ela busca.

Situações de faz de conta, em que todos fingem, não são inéditas no Brasil. Mas, se há um campo em que elas se fazem especialmente gritantes, este é o hiper-regulado direito eleitoral.

Regras universais e padronizações não são um mal, muito pelo contrário. Para comprová-lo basta observar o que se dá nos pleitos norte-americanos, onde estados e até condados gozam de ampla autonomia para definir suas próprias normas de registro de eleitores e candidatos, propaganda, votação, contagem de votos, certificações.

É um sistema desnecessariamente confuso, que oferece muito espaço para contestações. Não há dúvida de que, nessa matéria, estamos melhor. Daí, porém, não decorre que não tenhamos problemas.

Um dos pontos a ser aprimorado é a hipertrofia de regulamentações. Ela fica particularmente visível agora com a volta da propaganda partidária no rádio e na TV.

Frise-se que, no entender desta **Folha**, tal instituto, redundante e perdulário, deveria ter permanecido extinto. Como ele retornou, porém, os partidos se preparam para utilizá-lo —e precisam ser extremamente cautelosos.

Afinal, se a Justiça entender que alguma das inserções configura propaganda eleitoral antecipada ou infringe alguma outra das às vezes exóticas regras, pode punir a legenda com a subtração de tempo.

O problema é que, no mundo real, a campanha já começou. Obrigar as siglas a circunlóquios para evitar punições amplia a insegurança jurídica e confere um ar de irrealismo às ações da Justiça Eleitoral.

É claro que as datas de início e fim da propaganda oficial precisam ser definidas, mas daí não segue que as autoridades devam combater ativamente a realidade política. Gostem ou não os juízes, a campanha de governantes com direito à reeleição costuma começar no dia em que eles assumem o posto.

Não é o único exemplo de excesso regulatório. A legislação eleitoral, complementada por infinitas resoluções de TREs e do TSE, define até o tamanho máximo do cartaz de propaganda que o cidadão pode afixar em sua janela. Artistas não podem cantar canções em ato de apoio a seu candidato.

Campanhas pedem —e às vezes conseguem— a censura a jornais e pesquisas. Na sua pior versão, como se vê, o ímpeto paternalista chega a comprometer o direito dos votantes à informação.

Múltiplos espancamentos de Moïse

Thiago Amparo

Com quantos espancamentos se faz um país brutal? Há o espancamento literal. Ali, onde jaz o corpo do congolês Moïse Mugenyi Kabagambe, inconsciente, atado, negro e africano; morto pela brutalidade sanguinária de seus algozes; incapazes de ver as semelhanças entre suas peles escuras. O fato de podermos chamar o episódio de racismo xenófobo confunde quem, erroneamente, entende raça como identidade individualizada, não como sistema de poder que precifica a zero a carne congolesa.

Há, ainda mais, o espancamento de um mito nacional: jaz ali junto ao corpo de Moïse o mito de um país receptivo —como se 6.000 mortos pelo Estado por ano já não tivessem deixado isso evidente. "A gente chegou aqui e os brasileiros sempre foram pessoas boas. Mas, hoje, não sei mais", relatou a mãe de Moïse. Buarque de Holanda estava certo quando nos alertou de que a cordialidade brasileira não significa ser "bom", mas sim reger-se pelo "coração, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado". O homem cruelmente cordial, assim, é o miliciano: é no matar a sangue frio um desafeto que jaz desfalecida a esperança de uma democracia que respeite as leis.

Há o espancamento de qualquer ideia de público. Onde estão as condolências pela Presidência da República, mesmo sendo o seu atual ocupante delas indigno? Damares já enviou o Ministério de Direitos Humanos? Governador do RJ já foi à TV? Onde esconderam o espancamento por uma semana? A Polícia Civil isolou a cena do crime? A PM está ali só para proteger o quiosque? Colunistas brancos já deixaram de ironizar a barbárie do alto de suas poltronas estofadas ou permanecem míopes sobre sua própria pequenez?

É preciso um país inteiro apático para que o corpo caído no chão não pese em nossos ombros. Ou saímos às ruas neste sábado (5) e botamos fogo nos espancamentos que normalizamos ou deveras, como escrevera Drummond, "chegou um tempo em que não se diz mais: Meu Deus." Um tempo em que os olhos não mais choram.

Uma campanha paralela

Bruno Boghossian

As articulações da corrida presidencial deram início a uma campanha paralela para definir o comando do Congresso a partir de 2023. A negociação de alianças envolvendo Lula e Jair Bolsonaro passou a incluir cálculos dos partidos interessados em ocupar as presidências da Câmara e do Senado num futuro governo.

Nas últimas semanas, os petistas voltaram a investir no apoio do PSD a Lula já no primeiro turno. Aliados do ex-presidente indicam que, em troca, podem oferecer à sigla um patrocínio à reeleição de Rodrigo Pacheco (PSD-MG) na chefia do Senado.

O acordo interessa a Pacheco, que foi lançado ao Planalto, mas aparece com apenas 1% nas pesquisas. O PT ganharia mais: ampliaria a sua aliança eleitoral e agregaria um partido à base de Lula em caso de vitória.

O movimento antecipa uma disputa nos bastidores. Renan Calheiros (MDB-AL) é um simpatizante declarado do ex-presidente e tem interesse em voltar ao comando do Senado. O emedebista esteve com Lula na segunda (31) e tenta fazer com que seu partido declare apoio ao petista.

O comando da Câmara também aparece na matemática dos partidos. A inédita formação de federações pode dar origem a superbancadas que vão influenciar a escolha do próximo presidente da Casa. O interesse do PT numa união com outras legendas de esquerda tem o objetivo de criar uma base alternativa ao centrão na disputa por esse posto.

A ideia é reduzir o espaço de Arthur Lira (PP-AL). O atual presidente da Câmara tem sua reeleição praticamente garantida em caso de vitória de Bolsonaro, mas também será um candidato competitivo se Lula vencer —graças a uma habilidosa política interna feita com a distribuição de verbas do governo.

Num segundo mandato de Bolsonaro, não há dúvidas de que o centrão continuaria dando todas as cartas. Além da Câmara, o grupo ainda ganharia peso na disputa pelo comando do Senado. Operador da campanha para reerguer o presidente na disputa, Ciro Nogueira (PP-PI) é o nome que desponta nessa corrida.

Bolsoriarty ou Mabusonaro

Ruy Castro

Jair Bolsonaro acaba de nomear mais um aliado para um cargo-chave na administração. Desta vez, trata-se de um indivíduo com autoridade para bloquear, ignorar ou mesmo apagar as investigações contra um de seus filhos pela extorsão de funcionários chamada "rachadinha". Qual é a novidade? Todo dia, Bolsonaro infiltra em cargos-chave elementos de sua confiança. É sua prerrogativa, mas nunca um presidente amarrou tão bem o sistema visando a proteger-se, assegurar impunidade ou eternizar-se no cargo.

Bolsonaro já se garantiu na rede de procuradorias, corregedorias, controladorias, delegacias, órgãos públicos de busca e informação e até no STF, no qual implantou dois pinos. Tem pelo menos um cúmplice em cada tribunal. Foi fazendo isso aos poucos, em silêncio, enquanto nos distraía com a chusma de militares, nem tão decisivos, que transplantou para o governo. O resultado desse enraizamento está na tranquilidade com que afronta diariamente a lei e sai assobiando, como se se soubesse fora do alcance dela.

A literatura e o cinema criaram dois personagens igualmente sinistros: o professor Moriarty, arqui-inimigo de Sherlock Holmes, e o Dr. Mabuse, imortalizado em três filmes de Fritz Lang. O primeiro controlava Londres; o segundo, a partir de Berlim, fitava o mundo. O alcance de ambos compreendia desde uma carteira furtada no metrô até a manipulação de leis, passando pelo hipnotismo de gente influente, espionagem eletrônica e controle de organismos essenciais.

Quando, ao fim de uma história, achava-se que Moriarty e Mabuse estavam mortos ou derrotados, crimes como os deles continuavam acontecendo. Eram de seus auxiliares deixados impunes ou de estudiosos de seus métodos e que conseguiam replicá-los. O terror não tinha fim.

Bolsonaro, um dia, descerá da cadeira e responderá por seus crimes. Resta ver até que ponto os homens que impregnou no sistema impedirão que pague por eles.

Populismo em baixa

Maria Hermínia Tavares
Pesquisadora do Cebrap e professora aposentada da USP
Escreve às quintas

Quando a pandemia de Covid-19 começou, estudiosos da política e da sociedade temeram que seus efeitos pudessem ir além da destruição de vidas. Imaginaram que o vírus viesse a fortalecer o populismo —de direita ou de esquerda—, dotando os seus líderes de pretextos para concentrar poder e atropelar as liberdades e as instituições da democracia, em nome, bem entendido, da defesa da saúde coletiva.

O receio —embora plausível— não se confirmou. É o que mostra o abrangente estudo do Centro para o Futuro da Democracia, da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, divulgado na semana passada, sob o título "The great reset - public opinion, populism and pandemic" (A grande reconexão: opinião pública, populismo e pandemia).

Primeira revisão do impacto da calamidade sobre atitudes e convicções políticas ao redor do mundo, o documento consolida resultados de numerosas pesquisas conduzidas em 27 países com pouco mais de 180 mil pessoas, ao longo de 2020 e 2021.

Os dados retrabalhados pelos autores do relatório são, em certa medida, surpreendentes: a doença insidiosa parece ter posto freios à onda mundial daquele gênero particular de autoritarismo, quando não provocado sua reversão em três planos diferentes.

Governantes populistas perderam apoio da opinião pública antes e de forma mais acentuada do que chefes de Estado democráticos. Alguns perderam eleições e tiveram que deixar o poder —Trump, nos Estados Unidos; Netanyahu, em Israel; Babis, na República Checa— ou estão com a cabeça a prêmio nos pleitos de 2022, a exemplo do húngaro Orbán e do brasileiro Bolsonaro.

Partidos populistas também viram seu prestígio minguar. Em toda a Europa Ocidental, agremiações de extrema direita foram as mais punidas pelos eleitores. Na América, o Morena do mexicano López Obrador não obteve a maioria necessária para mudar a Constituição. O chavismo sofreu derrota em pleito recente para os governos subnacionais venezuelanos.

Por fim, encolheu também a adesão dos cidadãos a crenças comumente mobilizadas pelas lideranças populistas, como a da oposição entre o "povo puro" e as "elites corruptas", ou a alegação de que a "vontade popular", encarnada no autocrata da vez, deve pairar sobre as instituições da democracia.

Ao buscar explicações para a erosão generalizada das simpatias pela família política na qual Bolsonaro se distingue, o relatório ressalta a percepção do desastre promovido por seus membros no enfrentamento da pandemia. Além do cansaço da polarização política, onde viceja a extrema direita, e uma renascida aspiração por soluções políticas moderadas.

mherminiatavares@gmail.com

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Respeito à boa ciência faz bem!

Nota do Ministério da Saúde agride esforços mundiais no combate à Covid-19

Raul Cutait
Professor do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da USP, cirurgião digestivo do Hospital Sírio-Libanês e membro da Academia Nacional de Medicina

A boa ciência foi agredida por nota técnica recentemente publicada pelo Ministério da Saúde. Contra todas as melhores evidências científicas, deu-se à hidroxicloroquina um valor inexistente para sua eficácia no combate à infecção pela Covid-19 —e, mais ainda, colocou-se em xeque a comprovada eficácia das vacinas, o que redundou em contundentes críticas da comunidade científica brasileira.

Não se pode tapar o sol com a peneira: essas afirmações desrespeitam todos os esforços que a comunidade científica tem dedicado em busca de conhecimentos para se combater a devastadora pandemia causada pela Covid-19, numa velocidade sem precedentes na história da medicina, envolvendo instituições de ilibada reputação, com o apoio financeiro e tecnológico dos setores público e privado.

Apenas para demonstrar o que significa esse esforço mundial, computam-se no site https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov, no qual só são divulgados artigos de revistas científicas incorporadas após cumprirem exigentes critérios de qualidade, mais de 220 mil publicações sobre a Covid-19 em um curto período de pouco mais de dois anos, tendo a comunidade científica brasileira contribuído com sua parcela ao gerar mais de 2.800 estudos. Para responder perguntas objetivas relacionadas com as mais variadas propostas de tratamento, foram ou estão sendo conduzidos centenas de ensaios clínicos.

Como a ciência é evolutiva, tem sido possível demonstrar que vários medicamentos e substâncias que se supunha eficazes no início da pandemia, tais como cloroquina, hidroxicloroquina, ivermectina, zinco, vitamina D e outros, na verdade não têm nenhum impacto. Por outro lado, o emprego em massa das várias vacinas, implantadas após rigorosos testes com a participação de respeitadíssimas instituições científicas, é de inquestionável impacto positivo no controle da pandemia que ainda estamos vivenciando, uma vez que centenas de estudos provaram que elas dificultam a disseminação da doença. Mais ainda, a população vacinada, quando infectada, comprovadamente apresenta menor mortalidade e manifestações clínicas menos graves do que aquela não imunizada.

É fundamental que se entenda que as condutas em medicina seguem uma metodologia científica bem definida, regida pela denominada medicina baseada em evidências, que permite dar pesos distintos às informações geradas na área médica através de dois critérios complementares, que são o grau de evidência científica e o nível de recomendação para sua aplicação na prática clínica.

[...]

Testar caminhos denominados "off label", muitas vezes baseados em raciocínios até interessantes, faz parte do jogo científico; mas estes, via de regra, não podem definir condutas de ampla atuação populacional

Assim, as "novidades" são introduzidas com base em avaliações mais robustas, prevalecendo os estudos feitos através dos chamados ensaios clínicos, onde se compara de maneira randomizada uma nova proposta com algum tipo de tratamento já referendado. Em muitas situações, empregam-se também as chamadas metanálises, onde resultados de séries de estudos, randomizados ou não, são analisados conjuntamente do ponto de vista estatístico. Testar caminhos denominados "off label", muitas vezes baseados em raciocínios até interessantes, faz parte do jogo científico; mas estes, via de regra, não podem definir condutas de ampla atuação populacional.

Nós, médicos, tratamos os pacientes levando em conta nossos conhecimentos, experiências e habilidades, respeitando as características das doenças e dos pacientes, bem como suas preferências individuais, sendo imperativo que todas essas variáveis sigam uma linha mestra, que é a do emprego das melhores informações científicas disponíveis em prol de decisões mais acertadas para cada caso em particular.

O grande ponto de inflexão é que novos conhecimentos são gerados de forma rápida e contínua, o que torna hercúlea a busca pela constante atualização.

Já do ponto de vista de políticas públicas, creio ser dogmático o compromisso com as melhores práticas médicas, definidas pela boa ciência e amplamente divulgadas pelas revistas científicas. Caso contrário, nossa população fica exposta a riscos de vida e de sofrimento, com dispêndio desnecessário dos já limitados recursos econômicos voltados para a saúde.

Sobre armas e democracia

Projeto no Senado é o maior retrocesso no controle armamentício em décadas

Carolina Ricardo, Melina Risso e Michele dos Ramos
Diretora-executiva do Instituto Sou da Paz
Diretora de pesquisa do Instituto Igarapé
Assessora especial do Instituto Igarapé

Recentemente, mais um caso de desvio de armas veio à tona: fuzis e pistolas que abasteciam facções foram apreendidos em uma operação da Polícia Civil e do Ministério Público do Rio de Janeiro. As armas foram compradas legalmente por Vitor Lopes, atirador desportivo e colecionador registrado. Os riscos de atividades que envolvem armas e munições são reais e, por isso, a sua regulação tem o dever de mitigá-los.

Infelizmente, não é o que acontece no país desde 2019. Dezenas de medidas do governo aumentaram o número de armas e munições em circulação e reduziram as capacidades do Estado de evitar que esses arsenais caiam nas mãos da criminalidade. Além disso, iniciamos 2022 com a ameaça da votação de um projeto de lei que pode representar o maior retrocesso para o controle de armas das últimas décadas. Precisamos agir —e rápido.

Apresentado pelo Executivo ao Congresso, o projeto de lei 3.723/2019 tramita no Senado. Seu relator, senador Marcos do Val (Podemos-ES), é instrutor de tiro com histórico de relações com a indústria de armas. No final de 2021, houve uma tentativa de aprová-lo às pressas antes do recesso. A pretexto de uma suposta segurança jurídica para os caçadores, atiradores desportivos e colecionadores (CACs), alguns senadores, incluindo o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), se comprometeram a pautá-lo. De acordo com grupos pró-armas, os CACs vivem uma grande insegurança, já que mudanças na regulamentação de suas atividades —incluindo o aumento dos limites de compra e a facilitação do porte— foram definidas em decretos contestados no STF.

Ocorre que o PL 3.723 não é sobre a segurança jurídica para os CACs. O projeto acaba com a marcação que permite rastrear armas e munições utilizadas no crime e também investigar desvios desses arsenais, incluindo das próprias forças de segurança. Definindo tiro desportivo, colecionamento e registro de armas para caça como "direito de todo cidadão", ele estabelece, ao invés de um limite máximo, um "limite mínimo" de compra de 16 armas para seus praticantes.

[...]

O projeto acaba com a marcação que permite rastrear armas e munições utilizadas no crime e também investigar desvios desses arsenais, incluindo das próprias forças de segurança. Definindo tiro desportivo, colecionamento e registro de armas para caça como "direito de todo cidadão", ele estabelece, ao invés de um limite máximo, um "limite mínimo" de compra de 16 armas para seus praticantes

O projeto também descaracteriza um dos pilares da legislação atual: a proibição do porte. Salvo em casos excepcionais, o cidadão brasileiro não pode circular armado. Se esse projeto for aprovado, os quase 500 mil CACs poderão andar com uma arma pronta para emprego, em qualquer trajeto ou horário, nas ruas do país.

Não se trata de criminalizar os CACs, categorias legítimas previstas em lei. Mas não se pode ignorar a gravidade dos desvios e uso irregular de armas por indivíduos registrados nessas atividades, que devem ser controladas de acordo com o potencial risco coletivo que representam. Não menos preocupantes são os riscos de instrumentalização do armamento por grupos que assumem discursos antidemocráticos, incluindo a defesa do fechamento do Supremo e o questionamento do processo eleitoral no país.

Nenhuma evidência justifica a priorização desse projeto pelo Senado. Seus retrocessos são sobre o controle de armas e também sobre a democracia: facilitar o acesso a arsenais de forma indiscriminada, reduzir os meios de controle do Estado e permitir que centenas de pessoas andem armadas nas ruas é colocar todos os nossos direitos em perigo, incluindo a nossa liberdade.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Já caído, Moïse ainda é agredido no quiosque onde trabalhava, no Rio de Janeiro Polícia Civil do Rio de Janeiro

Moïse

Muito triste isso. Ao contrário do que algumas pessoas afirmam, racismo e xenofobia não são mimimi, mas sim uma realidade cruel em nosso país.
Ricardo Joaquim Barbosa (São Paulo, SP)

★

É o trabalho intermitente, precário e desformalizado aprovado na absurda reforma trabalhista. A vítima foi cobrar diárias de trabalho pontual e sem proteção social. E ainda querem nos convencer de que a reforma foi boa por permitir que o trabalhador negocie diretamente com o patrão.
Rodrigo Évora (Guarulhos, SP)

★

As cenas mostram e provam que o brasileiro está se bestaferizando.
José Campos (São Paulo, SP)

★

A Confederação Israelita do Brasil (Conib) se solidariza com a família do imigrante congolês Moïse Kabagambe, espancado até a morte no Rio de Janeiro, e espera que os autores desse crime bárbaro e cruel sejam punidos com todo o rigor da lei. É preciso esforço para que o Brasil siga sendo um país acolhedor de imigrantes, como a comunidade judaica e tantas outras comunidades de imigrantes aqui integradas podem atestar.
Claudio Lottenberg, presidente da Conib (São Paulo, SP)

★

Apenas a Folha para trazer Hélio Beltrão, na página A18, criticando os movimentos identitários e a defesa da justiça social, contradito três páginas depois com o noticiário sobre o assassinato de Moïse Kabagambe. O liberalismos econômico no Brasil precisa se conectar com o mundo real.
Irineu Barreto (São Paulo, SP)

Bolsonaro e a PF

"PF minimiza ausência de Bolsonaro a depoimento e finaliza inquérito" (Poder, 2/2). Alguém ainda tem dúvida de que a PF terá aumento?
Gustavo da Silva Sabino (Campo Grande, MS)

★

Logo essa delegada vai receber uma "promoção" para cuidar da delegacia da divisa com a Guiana Francesa... Mas ela está de parabéns pela coragem. A PF precisa de mais mulheres assim.
Marcelo Seminaldo (Guarulhos, SP)

★

Até quando esse criminoso vai fazer do Brasil gato e sapato? É inacreditável que Bolsonaro faça o que queira impunemente. Cadê o Aras? Onde está o Ministério Público?
Marcus Machado (Porto Alegre, RS)

Justiça

Excelente o artigo "Uma indevida concentração de poder", do desembargador do TJ-SP Marcelo Semer (Tendências / Debates, 2/2). De fato, "o princípio do juiz natural é a salvaguarda a escolhas tendenciosas ou usurpações de poderes ao julgar". Isso deveria ter sido ensinado a Sergio Moro. Só discordo de que tal princípio nos proteja da parcialidade e do autoritarismo, porque o juiz natural também pode sofrer desses defeitos, ainda que em menor grau do que quando o juiz escolhe quem ele quer julgar.
Luiz Fernando Schmidt (São Paulo, SP)

Privatizar

"Moro chama Petrobras de atrasada e fala em privatizar todas as estatais" (Mercado, 2/2). Sobre os privilégios do Judiciário, nem um piu. Lembrando que esse elemento viveu do famigerado Estado por anos.
Marcos Arrais (São Paulo, SP)

★

É muita ignorância e elevada autoestima. Considerar a empresa, que detém a maior tecnologia de extração em águas profundas, de atrasada é muita ignorância. Assim como achar que fontes renováveis de energia suprem a demanda atual. Falar é fácil, mostrar ideias concretas é que é difícil. Moro é totalmente sem preparo. Segundo a conja, ele é igual ao coiso. Depois dessas colocações, eu acho que ele é ainda pior.
Heveson Lima (Luís Eduardo Magalhães, BA)

Livre-arbítrio

Concordando com Hélio Schwartsman, penso que é lamentável ter que discutir coisas tão óbvias, como ele faz em "O livre-arbítrio salva Deus?" (Opinião, 2/2). Acrescentaria apenas que, se Deus nos deu o livre-arbítrio sabendo que iríamos fazer tanta besteira como fazemos, são questionáveis as suas credenciais.
José Elias Aiex Neto (Foz do Iguaçu, PR)

Liberdade de expressão

Já não basta o colunista ter seu espaço semanal agora a Folha deixa que ele ocupe o espaço dos leitores para explicar o seu próprio artigo (Joel Pinheiro da Fonseca, Painel do Leitor, 2/2)? "Obrigado" pela diminuição do nosso espaço, no qual ter uma carta publicada é muito difícil.
Geraldo dos Santos Júnior (São Paulo, SP)

Diversidade

Maravilhoso e profundo o artigo de Maria Paula de 30/1 ("200 anos de Independência?", Tendências / Debates)! Principalmente quando fala sobre nossa vantagem estratégica, ainda não reconhecida: a nossa enorme diversidade racial e cultural, que se contrapõem ao complexo de vira-lata.
José Silvério Lemos (Vitória, ES)

Inflação

"Inflação deverá ser maior em um governo do PT, diz Stuhlberger" (Mercado, 2/2). A petezada ficou doida com o texto. Calma, habitantes da Lulalândia, é só uma opinião abalizada de alguém do mundo real financeiro.
Max Morel (São Paulo, SP)

★

Texto tendencioso. Os últimos parágrafos contradizem o título, mostrando que o mercado estrangeiro está otimista com Lula e que já há reflexos disso.
Renan Pires Souza Vianna de Oliveira (Rio de Janeiro, RJ)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

COTIDIANO (1º.FEV., PÁG. B3) O sobrenome do aluno Caetano Augusto é Marx, não Marques, como publicado no texto "Alunos deixam de contar das férias para falar sobre a vacina".

política

PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

Queimou a largada

A cratera aberta pela obra do metrô de SP antecipou um embate já anunciado para o governo do estado no "campo azul", ou seja a centro-direita. Rodrigo Garcia e Tarcísio Freitas devem disputar uma vaga no segundo turno contra um nome de esquerda. Aliados de ambos, no entanto, previam o início do duelo para abril, quando o tucano herdará o Palácio dos Bandeirantes e o ministro da Infraestrutura assumirá oficialmente a candidatura. O buraco na marginal Tietê precipitou o enredo.

FAZ E ACONTECE Na defensiva, tucanos e aliados buscam caracterizar o ocorrido como efeito da proatividade de João Doria, que retomou a obra. "As críticas que os adversários fazem são exatamente pelo estilo do Doria de enfrentar os problemas. Ele tem a virtude de não se omitir", diz o secretário estadual Rodrigo Maia.

EXPOSIÇÃO No front de Tarcísio, a avaliação é que a repercussão nas redes sociais, incluindo comparações com as obras federais que ele toca, mostrou que a candidatura do ministro ganha corpo rapidamente. Aliados dizem que se surpreenderam com a proporção que o movimento tomou.

FOGOS Entre integrantes da cúpula do TSE, a conclusão da Polícia Federal de que houve vazamento por parte de Jair Bolsonaro da investigação sobre o ataque hacker aos sistemas da corte foi comemorada.

LA CASA DE PAPEL O entendimento é que a apuração sobre o ataque tinha informações sensíveis e que, ao vazar o conteúdo, Bolsonaro agiu "como se entregasse a planta de uma casa ao assaltante interessado em invadi-la".

NÃO GOSTEI O descontentamento com o vazamento e os danos causados pelo ato foram apontados pelo presidente do TSE, Luís Roberto Barroso, durante discurso na terça (1º) na abertura do ano Judiciário.

PRESSA Relator do Refis na Câmara, o deputado Marco Bertaiolli (PSD-SP) diz que conversou com seu colega de partido Rodrigo Pacheco (MG), presidente do Senado, para que o veto presidencial à adesão de empresas do Simples seja votado ainda este mês.

PREJUÍZO Segundo ele, 600 mil empresas aderiram ao Simples até 31 de janeiro, sendo 437 mil com dívidas. "Se não houver parcelamento de dívidas até 31 de março, serão excluídas do Simples. Isso significa fechamento. Dá no mínimo 1 milhão de empregos ameaçados".

TEM LIMITE Os acenos de Gilberto Kassab ao governador Eduardo Leite (RS) incomodaram o presidente nacional do PSDB, Bruno Araújo. Em entrevista à GloboNews, o comandante do PSD afirmou que poderia haver um convite para que o gaúcho se filiasse para disputar a Presidência.

SALTO EM ALTURA "Parece que o [Rodrigo] Pacheco já foi abandonado. Quando será que o PSD vai ter um candidato produzido nos seus próprios quadros, sem necessidade de ir buscar alternativas pulando o muro do vizinho?", afirmou Araújo ao Painel.

SOSSEGADO Leite perdeu a prévia presidencial tucana contra João Doria em novembro de 2021 e tem afirmado que não pretende disputar a eleição.

PODE PASSAR O presidente da Assembleia do Rio, André Ceciliano (PT), se diz propenso a abrir mão da candidatura ao Senado caso isso ajude na aliança pró-Lula no estado. "O PT do Rio não será problema para Lula, será solução", diz.

DISPONHA O PT tende a apoiar Marcelo Freixo (PSB) para governador, indicando Ceciliano para o Senado. O petista diz, no entanto, que poderia sair candidato a deputado federal caso seja necessário ceder a vaga a outra legenda.

NEGO Ciro Gomes (PDT) afirma que nunca disse frase comparando médicos a sal, como acusa grupo que apoia Sergio Moro (Podemos). "Essa é uma fake news antiga, já desmentida seguidas vezes, e que seus adversários políticos recuperam de tempos em tempos para tentar atacá-lo", diz nota enviada por sua assessoria.

PAPAI FALEI O deputado Caio França (PSB) será o relator da CPI dos Benefícios Fiscais na Assembleia de SP. O tema pode gerar dor de cabeça ao PSDB no ano eleitoral, por causa das acusações de falta de transparência e critério na concessão de benesses. Caio é filho do ex-governador Márcio França, opositor dos tucanos.

TIROTEIO

> Ciro anda duas vezes na contramão da história: quer mais estatais e aposta numa empresa que produz tecnologia em extinção

De Luiz Felipe d'Avila, pré-candidato a presidente do Novo, sobre a defesa feita por Ciro Gomes (PDT) de "reestatizar" a Petrobras

com Guilherme Seto e Fabio Serapião

O ex-presidente Lula (PT) ao lado de Fernando Haddad (PT) durante entrevista Amanda Perobelli - 10.dez.21/Reuters

Lula bate o pé por Haddad em eleição de São Paulo em recado a Boulos e França

Ex-presidente tem dito a interlocutores que partido tem chance real de conquistar pela primeira vez o Palácio dos Bandeirantes

Julia Chaib

BRASÍLIA Em meio a impasses sobre a eleição paulista, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tem repetido em reuniões privadas que vê, pela primeira vez, chance real de o PT ganhar a disputa pelo governo do estado de São Paulo com Fernando Haddad (PT).

A afirmação foi feita em reuniões nesta semana com petistas e políticos de outros partidos, inclusive de fora do estado. Em uma dessas ocasiões, segundo relatos, o ex-presidente avaliou que vê o cenário propício para a eleição do PT e elencou algumas razões.

Diante desse cenário, Lula tem batido o pé na escolha de seu ex-ministro da Educação para disputar o Palácio dos Bandeirantes e enviado recados a políticos da esquerda que buscam o mesmo posto —Guilherme Boulos (PSOL) e Márcio França (PSB).

Além de Haddad ter pontuado bem nas últimas pesquisas eleitorais, Lula afirmou que a aliança com o ex-governador Geraldo Alckmin (sem partido) em âmbito nacional impulsionará a candidatura do ex-prefeito de São Paulo.

O petista disse acreditar que o gesto configura um aceno a setores de centro e centro-direita e que isso impactará positivamente a campanha de Haddad. Alckmin, no PSDB, foi governador quatro vezes.

A expectativa no PT é que o ex-governador paulista também trabalhe pela eleição de Haddad caso ele venha a ser candidato a vice ao lado de Lula. Quando Haddad fora prefeito, havia boa interlocução entre o petista e o ex-tucano.

Nesse cenário, Lula ainda tentaria herdar uma parte dos votos que outrora iriam para Alckmin, que se desfiliou do PSDB no final do ano passado.

Outra razão seria a rejeição do governador João Doria (PSDB-SP) no estado, que respingaria no seu vice-governador Rodrigo Garcia (PSDB-SP), que tentará sucedê-lo no Palácio dos Bandeirantes.

Doria ainda foi eleito em 2016, em primeiro turno, prefeito de São Paulo com forte apoio de Alckmin. Em 2018, após pouco mais de um ano no comando da cidade, se candidatou a governador para suceder o padrinho político no Palácio dos Bandeirantes.

Alckmin, naquele mesmo ano ficou em quarto na eleição para o Planalto —pior desempenho de um tucano em disputa presidencial. Desde então, Doria vinha se articulando para ser o candidato do PSDB à Presidência da República, escanteando Alckmin. No fim de 2020, venceu as prévias do partido contra Eduardo Leite (PSDB-RS).

Forte dentro do PSDB, Doria enfrenta resistência no eleitorado de São Paulo. Segundo a última pesquisa Datafolha, divulgada em dezembro do ano passado, ele tem rejeição de 38% dos paulistas e aprovação de 24%.

De acordo com o mesmo levantamento, na corrida pelo Bandeirantes, Alckmin teria 28% das intenções de voto, seguido por Haddad, com 19%, França (PSB), com 13%, e Boulos (PSOL), com 10%.

Sem o ex-governador na disputa e com o vice-governador Rodrigo Garcia (PSDB-SP), que aparece com 6% das intenções de voto, Haddad sobe de 19% para 28% dos entrevistados que declaram o propósito de votar nele.

Já França, ex-vice-governador de Alckmin, cresce de 13% para 19% em um cenário. Boulos passa de 10% para até 18%.

Os tucanos governam São Paulo desde 1995, quando Mário Covas venceu a disputa pelo governo do estado pela primeira vez, em 1994. Alckmin, por exemplo, foi eleito em primeiro turno em 2014.

Desde então, o PT já brigou pelo governo algumas vezes, a última delas, em 2018, com Luiz Marinho (PT-SP), que terminou a corrida com 12,66% das intenções de voto.

Lula tenta uma costura em São Paulo para que o PSB abra mão de lançar França e o PSOL, de lançar Boulos, para unir os candidatos tidos mais à esquerda em uma chapa só.

"O PSB diz que tem o Márcio França. Em algum momento se faz uma avaliação para ver quem tem mais chances. Se for o Márcio França, vamos discutir com ele. Mas eu acho, com toda modéstia, que o PT nunca esteve tão próximo de ganhar o governo do estado, como está agora", disse Lula em entrevista a sites de esquerda no mês passado.

> **O PSB diz que tem o Márcio França. Em algum momento se faz uma avaliação para ver quem tem mais chances. Se for o Márcio França, vamos discutir com ele. Mas eu acho, com toda modéstia, que o PT nunca esteve tão próximo de ganhar o governo do estado, como está agora**
>
> **Lula (PT)**
> ex-presidente da República

Depois disso, o ex-presidente voltou a afirmar, em reunião com integrantes de outros partidos nesta semana, disse que o integrante do PSB seria um bom candidato ao Senado.

França, porém, tem rechaçado essa possibilidade e diz que não abrirá mão de se candidatar ao governo do estado. Na eleição passada, ele disputou o segundo turno com Doria, e na capital teve mais votos do que o então ex-prefeito.

O PSB conversa para formar uma federação com o PT. São Paulo é considerado o estado mais complicado da negociação, representando um impasse na união dos partidos.

Em outra frente, o PT também quer que Boulos abra mão de disputar o governo paulista. Setores do partido defendem que o líder do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) se candidate a deputado federal.

Na terça-feira (1º), Lula encontrou-se com Boulos, como mostrou a **Folha**. Na reunião, porém, os dois não trataram do cenário eleitoral paulista.

Essa discussão será travada em encontro a ser marcado nas próximas semanas com a presença de integrantes da direção partidária tanto do PT como do PSOL.

Petistas avaliam que, além de disputar uma vaga na Câmara dos Deputados, a qual teria chances de vencer, Boulos também deve fazer um acordo para que o PT o apoie na disputa pela Prefeitura de São Paulo em 2024 e ter um cargo num eventual governo de Lula.

Em 2020, Boulos ocupou o espaço da esquerda, antes monopolizado pelo PT, e chegou ao segundo turno na disputa pela Prefeitura de São Paulo, quando foi derrotado por Bruno Covas (PSDB).

Dirigentes do PSOL, hoje, rechaçam a hipótese de retirar Boulos da disputa pelo Palácio dos Bandeirantes, embora admitam conversar com o PT a respeito da eleição paulista.

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado		Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90		R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90		R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90		R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
366.088 exemplares (dezembro de 2021)

21 técnicas de matar em silêncio

Não há opacidade nas engrenagens de morte turbinadas por Bolsonaro

Conrado Hübner Mendes

Professor de direito constitucional da USP, é doutor em direito e ciência política e embaixador científico da Fundação Alexander von Humboldt

Pode-se avaliar uma decisão de governo ou política pública pelo quanto ela mata. Não mata só por efeito colateral, por cálculo equivocado de riscos, por escolhas trágicas de custo-benefício que buscam mal menor.

Não mata só em cadeias causais intrincadas, multifatoriais e demoradas. Mata em relações simples, rápidas e palpáveis de causa e efeito, mata por opção deliberada pelo mal maior ("maior", claro, se a ordem de valores der algum peso à vida).

Bolsonaro não inventou nossos dispositivos da morte, juridicamente facilitados e legitimados há muito tempo no estado brasileiro. A letalidade policial e a violação massiva de direitos nas prisões, sob chancela judicial, política e social, são exemplos mais gritantes de fenômeno presente em muitas áreas. Franco da Rocha e Brumadinho lembram outras.

Bolsonaro alçou esses dispositivos letais a outro patamar. E também os revestiu, como ninguém antes, de verniz ideológico composto por uma versão delinquente da liberdade — a liberdade sem sociedade, sem solidariedade e sem responsabilidade. A liberdade sem outros direitos constitucionais, a liberdade para quem pode, tem força e tem sorte.

"Necropolítica", termo de Achille Mbembe, oferece conceito possível para mostrar essa faceta mal disfarçada da ação e omissão estatal. A habilidade de "ditar quem pode viver e quem deve morrer" abrange desde reformas de redução da proteção social até ações mortíferas mais diretas.

O termo se disseminou quando figura tão visceralmente ligada à morte virou presidente sob a promessa de incivilizar a política, desvertebrar o estado e combater a diversidade.

A moldura da "necropolítica", porém, talvez seja ampla demais para salientar especificidades do atual governo, mostrar o que Bolsonaro somou de distinto em qualidade e intensidade.

"Democídio" seria um candidato conceitual alternativo. Foi adotado na literatura em dois sentidos: alguns autores o definem como atos estatais que matam cidadãos (Rummel, "Death by government"); outros usam o termo como sinônimo de "matar a democracia" (Keane, "To kill a democracy").

A ambiguidade, curiosamente, ajuda a descrever autocratas, pois costumam matar gente e também a democracia. Democidas no duplo sentido.

Poderíamos também recorrer, como metáfora, às técnicas orientais de assassinato instantâneo, sem alarde e ostentação, que o livro "21 técnicas de matar em silêncio" busca sistematizar. Decisões do governo mataram por muitas dessas técnicas, dentro e fora da pandemia. Um pouco de atenção à ciência e ao jornalismo permite construir rapidamente uma lista de 21 exemplos.

Na pandemia, essas ações mataram: 1) oposição a medidas sanitárias de senso comum (como distanciamento e máscara); 2) campanha por tratamentos alternativos ineficazes; 3) aplicativo que receita cloroquina até para dor de barriga (TrateCov); 4) incentivo à aglomeração para, a despeito de mortes evitáveis, acelerar imunidade coletiva; 5) assédio contra médicos para adoção de protocolos eivados de charlatanismo.

No tema da vacina: 6) atraso deliberado na compra de vacina; 7) campanha de desinformação sobre eficácia da vacina; 8) distribuição falha de vacina; 9) atraso da vacinação infantil já aprovada por órgãos técnicos; 10) nota técnica ministerial afirmando eficácia da cloroquina e ineficácia da vacina; 11) portaria ministerial que, contra a lei, defende vacinação facultativa de crianças e se opõe a passaporte vacinal.

Mas matar em silêncio também transcende à pandemia: 12) encerramento do programa Mais Médicos; 13) fechamento do Departamento de AIDS; 14) criação de empecilhos ao aborto legal e à saúde reprodutiva da mulher; 15) incentivo, contra a lei, ao armamento da população; 16) revogação de normas de segurança no trabalho e redução da fiscalização; 17) anistias a grileiros; 18) fim, na prática, da fiscalização ambiental.

Mata-se também por intoxicação: 19) garimpo que despeja mercúrio em rios na Amazônia; 20) liberação de agrotóxicos que contaminam a água; 21) continuidade da extração de amianto para exportação. Sequer entramos nas políticas de aprofundamento da desigualdade e da pobreza, pois criam ruídos ideológicos desnecessários para detectar a malignidade singular do governo Bolsonaro.

O elo entre comportamento de autoridade individual e a consequência letal, nesses exemplos, não é complexo nem opaco. Não é multivetorial nem multiautoral. Não é produto de inépcia. Dispensam investigações preliminares ou equipamento intelectual acima da média. Os arquitetos da irresponsabilização jurídica fazem parte do mesmo time.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. **Reinaldo Azevedo,** Angela Alonso, **Silvio Almeida** | SÁB. Demétrio Magnoli

PSDB e MDB começam a conversar sobre federação

Campanha tucana vê Tebet como vice, cujos aliados apostam em crescimento

Carolina Linhares, José Marques e Julia Chaib

João Doria (PSDB) e Simone Tebet (MDB) em encontro realizado em SP Reprodução Instagram

SÃO PAULO E BRASÍLIA O presidente do PSDB, Bruno Araújo, disse que o partido deu início a negociações com o MDB para formação de federação partidária na eleição de 2022.

Como Araújo divulgou em redes sociais nesta quarta (2), as siglas agora consultam seus dirigentes e parlamentares internamente para sondar a possibilidade da união.

Federações partidárias, aprovadas pelo Congresso para as eleições de 2022, são similares às coligações, onde partidos somam tempo de TV e se unem para cálculo do quociente eleitoral — mas há a obrigação de que a aliança dure quatro anos.

Por isso, o acerto exige que os partidos entrem em acordo para lançar candidaturas únicas nacionalmente (para Congresso e Presidência) e nos estados (governo estadual, prefeitura, assembleias legislativas e câmaras municipais).

A negociação para a fusão dos partidos foi divulgada por Natuza Nery, na GloboNews, e confirmada pela **Folha**. Se a federação entre PSDB e MDB se concretizar, um dos presidenciáveis, o governador João Doria (PSDB) ou a senadora Simone Tebet (MDB), teria que abrir mão da candidatura.

A validade das federações partidárias ainda aguarda um julgamento no STF (Supremo Tribunal Federal) previsto para ocorrer nesta semana.

A união de PSDB e MDB criaria um superpartido no Congresso Nacional. No Senado, as legendas têm 22 das 81 cadeiras, sendo que o MDB tem atualmente a maior bancada da Casa, com 16 senadores.

Na Câmara, juntos somam 66 das 513 vagas. A maior bancada hoje é a do PSL, com 55.

Uma união desse porte seria semelhante à fusão do PSL e DEM, que originou a União Brasil — com 81 cadeiras na Câmara e 7 no Senado.

"Iniciamos conversas com o MDB sobre a possibilidade de formarmos em federação uma poderosa força política entre partidos que têm relevante história na vida pública do país. Nesse momento, vou me dedicar a ouvir internamente o conjunto de nossas lideranças", afirmou Araújo.

"Há um caminho a ser percorrido, mas o momento que passa o país exige de nós essa tentativa", completou.

PSDB e MDB têm mantido diálogo e proximidade no processo de costuras eleitorais para 2022 — ambos integram a chamada terceira via, que tenta abrir espaço entre o ex-presidente Lula (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PL), que lideram as pesquisas.

A federação obrigaria a união das candidaturas de Doria e Tebet. A aproximação entre eles já está em curso, mas há diferentes pontos de vista.

Para a campanha de Doria, que o vê como o nome da terceira via com mais chances de decolar até o meio do ano, Tebet seria um bom nome como candidata a vice-presidente. Os dois tiveram um encontro em dezembro e têm boa relação. O tucano já indicou querer uma mulher na sua chapa.

Entre aliados de Tebet, contudo, a expectativa é a oposta — de que ela dispare nas pesquisas, por ser menos rejeitada que Doria, e atraia o tucano para vice. Como mostrou a **Folha**, Tebet já tem apoio de senadores do PSDB críticos a Doria, como Tasso Jereissati (CE) e José Aníbal (SP).

Questionado sobre a união das candidaturas, Araújo respondeu que o primeiro passo é juntar as duas siglas e, depois, haveria uma construção coletiva para definir a chapa.

Mas a concretização da federação enfrenta vários obstáculos, a começar pela ala do MDB que trabalha pela eleição de Lula. O senador Renan Calheiros (MDB-AL) defendeu que o MDB apoie o ex-presidente já no primeiro turno.

Já dirigentes dos partidos apontam que a aliança entre MDB e PSDB já está em vigor em uma série de estados, incluindo São Paulo, onde os emedebistas devem apoiar a candidatura ao governo de Rodrigo Garcia (PSDB) e compõem a base da gestão Doria.

O MDB negocia compor a chapa de Garcia com indicação de vice ou para o Senado.

Segundo o presidente do Cidadania, Roberto Freire, seu partido também pode compor a federação entre PSDB e MDB. Na semana passada, a executiva nacional do PSDB aprovou que o partido avance nas conversas nesse sentido.

Freire disse à **Folha** que a conversa com o PSDB está adiantada. Na ocasião Araújo afirmou haver "convergência política tanto em eleições quanto na atuação no Legislativo" entre o PSDB e o Cidadania.

"Além das aproximações já adiantadas pelas lideranças tucanas nos estados, as conversas continuarão sendo conduzidas pelo pelo presidente Bruno Araújo, o secretário-geral Beto Pereira e os líderes na Câmara, Adolfo Viana, e no Senado, Izalci Lucas, com o objetivo de mapear e aparar eventuais arestas regionais", disse o PSDB em nota.

O avanço das federações, porém, depende do resultado do julgamento do STF. Na ação, o PTB afirma que a federação não está prevista na Constituição e é similar às coligações, que foram proibidas em eleições proporcionais.

Diz, ainda, que essa nova forma de união partidária não devia ter tramitado no Congresso via projeto de lei, mas por PEC (proposta de emenda à Constituição).

Em dezembro, o ministro Luís Roberto Barroso, relator do processo, validou a lei que criou as federações, mas fixou o prazo de seis meses antes da eleição como limite para que as siglas oficializem a união.

Essa decisão de Barroso é que será levada a plenário, para análise dos outros ministros.

O presidente Jair Bolsonaro (PL) ao lado do presidente do STF, ministro Luiz Fux, e do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) Pedro Ladeira/Folhapress

Bolsonaro cita regulação da mídia e de redes sociais para atacar Lula e TSE

Presidente usa discurso de abertura do ano Legislativo para mandar recados aos outros Poderes

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) fez um discurso na abertura dos trabalhos de 2022 do Poder Legislativo com indiretas a um de seus prováveis rivais na disputa pela Presidência nas eleições deste ano, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

O chefe do Executivo disse que não irá regular a mídia e a imprensa nem revogará a reforma trabalhista, como o petista sinalizou que poderia fazer em declarações recentes.

"Não deixemos que qualquer um de nós, quem quer esteja no Planalto Central, ouse regular a mídia, não interessa por qual intenção e objeto. A nossa liberdade, a liberdade de imprensa garantida em nossa Constituição não pode ser violada ou arranhada por quem quer que seja nesse país", disse o presidente.

Apesar da fala, Bolsonaro acumula em seu governo diferentes ações para atacar e intimidar o trabalho da imprensa. Não fala exatamente de regulação, mas trata jornalistas com xingamentos, faz ameaças a órgãos de imprensa diversos e já mobilizou o Planalto para tomar medidas pelo sufocamento da mídia.

Aliados do presidente são alvos de decisões do STF (Supremo Tribunal Federal) por publicações nas redes sociais. Em setembro do ano passado, na véspera de manifestação de raiz golpista e pró-governo, Bolsonaro assinou MP (medida provisória) para limitar a remoção de contas e perfis. O texto foi devolvido ao Executivo pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), por gerar "insegurança jurídica".

Na fala desta quarta-feira no Congresso Nacional, Bolsonaro também criticou a possibilidade de regulação da internet e disse que "a nossa liberdade está acima de tudo". Trata-se de um recado ao TSE.

"Os senhores nunca me verão vir aqui neste parlamento pedir pela regulação da mídia e da internet. Eu espero que isso não seja regulamentado por qualquer outro Poder, a nossa liberdade acima de tudo", afirmou Bolsonaro.

Recentemente, o TSE passou a discutir a possibilidade de banimento do aplicativo de mensagens Telegram, amplamente usado pela militância bolsonarista.

O aplicativo é alvo do TSE e está na mira de ao menos duas apurações, uma na Polícia Federal e outra no Ministério Público Federal.

Atualmente com sede em Dubai, nos Emirados Árabes, o Telegram se vangloria do fato de não colaborar com autoridades, ainda que seja alvo de decisões judiciais.

Como mostrou a coluna Painel, da **Folha**, investigadores na esfera cível e criminal que atuam em apurações sobre disseminação de fake news, discurso de ódio e desinformação não veem muita saída além do bloqueio do Telegram no Brasil.

As autoridades vêm tentando contato com a empresa, sem sucesso, o que torna inviável aplicar multas ou outras sanções em caso do descumprimento de ordens judiciais, como foi a de Moraes de agosto do ano passado.

> Os senhores nunca me verão vir aqui neste parlamento pedir pela regulação da mídia e da internet. Eu espero que isso não seja regulamentado por qualquer outro Poder, a nossa liberdade acima de tudo
>
> **Jair Bolsonaro (PL)**
> presidente da República

> As disputas e tensionamentos devem ficar para o momento de campanha. Agora o momento é união e diálogo porque o país tem pressa
>
> **Arthur Lira (PP-AL)**
> presidente da Câmara dos Deputados

Com pouca moderação e uma estrutura propícia à viralização, o uso indevido do serviço de comunicação é uma das preocupações do TSE para as eleições deste ano.

Além de Bolsonaro, o presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), Luiz Fux, também participou da cerimônia de abertura dos trabalhos do Poder Legislativo, na Câmara dos Deputados.

Um dia antes, Bolsonaro não compareceu à cerimônia de abertura do Judiciário, argumentando que iria sobrevoar áreas afetadas pelas enchentes na Grande São Paulo.

Na manhã desta quarta-feira, o presidente fez provocações contra integrantes de outros Poderes, em referências veladas ao Judiciário, um dia após cobranças de Fux e do ministro Luís Roberto Barroso, que além de membro do STF é presidente do TSE.

Em seu discurso na Câmara dos Deputados, o presidente da República relembrou projetos aprovados no seu governo, como a nova lei de licitações, novo marco legal das ferrovias e a posse de armas para produtores rurais. Essa última é uma das principais pautas do chefe do Executivo, e uma das poucas da chamada agenda de costumes que teve andamento no Congresso.

Em outro momento, fez uma nova indireta aos governos petistas: "O homem do campo deixou de ser escravizado de um governo de plantão", disse, ao mencionar a entrega de títulos de propriedade e assentamento.

Bolsonaro também listou projetos que, segundo ele, "merecem atenção e análise do Congresso em 2022". Ele citou o marco legal das garantias, que altera o mercado imobiliário e de oferta de crédito, o da portabilidade da conta de luz, que dá mais liberdade ao consumidor, e a reforma tributária. "Contamos, uma vez mais, com as senhoras e os senhores parlamentares para a aprovação e implementação dos projetos de que o Brasil necessita", disse Bolsonaro.

Esse foi o segundo ano seguido que o chefe do Executivo leva pessoalmente a mensagem presidencial ao parlamento desde que assumiu a Presidência da República.

Ele chegou ao Congresso Nacional acompanhado dos ministros da Economia, Paulo Guedes, e da Secretaria de Governo, Flávia Arruda. Os ministros da Casa Civil, Ciro Nogueira, e da Saúde, Marcelo Queiroga, e das Comunicação, Fabio Faria, também estiveram presentes na solenidade.

Nos dois primeiros anos de sua gestão no governo federal, o presidente enviou o então ministro da Casa Civil Onyx Lorenzoni para ler sua mensagem ao Congresso.

Durante a cerimônia de abertura dos trabalhos do Legislativo do ano passado, Bolsonaro foi alvo de protesto de parlamentares do PSOL. Foi chamado de "genocida" e "fascista". E respondeu em tom irônico "nos encontramos em 2022".

No ano passado, o governo Bolsonaro apostava em uma nova relação com o Congresso, após ter conseguido eleger os presidentes da Câmara e do Senado, respectivamente Lira e Pacheco.

O governo de fato viu melhorar o diálogo com a Câmara, após dois anos de atritos com o antecessor Rodrigo Maia (sem partido-RJ). Por outro lado, o Senado se tornou um foco de problemas para o governo, barrando a chamada pauta de costumes e impondo algumas derrotas, como a instalação da CPI da Covid.

Além disso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) despontou como pré-candidato ao Planalto, incomodando Bolsonaro e seus aliados mais próximos.

Também durante a sessão desta quarta, Pacheco e Lira divergiram em seus discursos sobre preocupações e riscos das eleições gerais deste ano.

Enquanto Pacheco afirmou que um dos desafios será a "defesa da democracia" e defendeu que derrotados respeitem o resultado da disputa, o deputado afirmou que os interesses políticos dos envolvidos devem ficar para outubro.

Aliado de Bolsonaro, Lira ainda mandou um recado velado a Lula ao dizer que, independentemente da conjuntura futura, retrocessos discricionários "e quiçá imperiais" não serão permitidos.

O ex-presidente tem sinalizado interesse em reverter a reforma trabalhista, afirmando que ela não gerou empregos. Ele também contestou a prioridade dada ao teto de gastos, mecanismo que corrige as despesas pela inflação acumulada em 12 meses.

Lira, que falou antes de Pacheco, pediu que todos deixem as eleições para outubro. "Deixemos os interesses políticos para outubro e agora trabalhemos com ainda mais afinco e unidos para aprovar as medidas que são tão necessárias para o país e para os brasileiros."

"As disputas e tensionamentos devem ficar para o momento de campanha. Agora o momento é união e diálogo porque o país tem pressa", disse o presidente da Câmara.

As críticas de Pacheco foram feitas quando estava ao lado de Bolsonaro, que já questionou a lisura das eleições, afirmou sem provas que venceu no primeiro turno o pleito de 2018 e levantou dúvidas sobre a confiabilidade do sistema de urnas eletrônicas.

Pacheco também afirmou que um dos desafios deste ano será a "defesa da democracia". E disse ser fundamental que o processo eleitoral não seja prejudicado pela divulgação de informações falsas.

Ele criticou o negacionismo no enfrentamento da pandemia e a disseminação de informações falsas, em um momento de crise sanitária. Ainda ao lado de Bolsonaro, citou que os brasileiros passaram a usar máscara para evitar a infecção —o presidente já foi multado diversas vezes por não usar o item de segurança— e defendeu a vacinação em massa da população.

Em algumas partes do discurso, Lira alfinetou o Senado, onde estão travados alguns projetos já aprovados pela Câmara dos Deputados. **Renato Machado, Danielle Brant, Matheus Teixeira, Ranier Bragon e Marianna Holanda**

'Capitã Cloroquina' se filia ao PL e quer tentar vaga na Câmara

UOL A secretária de Gestão do Trabalho e da Educação do Ministério da Saúde, Mayra Pinheiro, anunciou nesta quarta-feira (2), pelas redes sociais, que se filiou ao PL, partido do presidente Jair Bolsonaro. A "Capitã Cloroquina", como é conhecida, deve se candidatar a uma vaga na Câmara dos Deputados.

"Começando uma nova história a serviço do Brasil", escreveu a médica bolsonarista, ao lado do presidente do partido, Valdemar Costa Neto.

Ela também postou foto ao lado do comandante da Força Nacional de Segurança Pública, coronel Antônio Aginaldo de Oliveira, também do PL. Ele é marido da deputada Carla Zambelli (PSL-SP).

Mayra ficou conhecida como "Capitã Cloroquina" por defender a eficácia da hidroxicloroquina e da cloroquina contra Covid, apesar dos estudos provarem que a medicação não trata a doença.

Mayra Pinheiro ao lado de Valdemar Costa Neto Reprodução/Twitter

Ela foi responsável pela força-tarefa de Manaus para incentivar o uso desses remédios durante o colapso da falta de leitos e de oxigênio, o ofício que afirmava ser inadmissível o não uso dessas drogas na capital do Amazonas durante seu colapso e também o TrateCov, página na internet que orientava a administração de cloroquina e antibióticos até para dor de barriga de bebê.

A CPI da Covid sugeriu o seu indiciamento sob a acusação de epidemia com resultado morte, prevaricação e crime contra a humanidade.

PF minimiza falta de Bolsonaro a depoimento

Delegada que finalizou investigação reafirma crime do presidente em divulgação de inquérito sigiloso sobre eleições

José Marques e Fabio Serapião

BRASÍLIA A delegada federal Denisse Ribeiro enviou ao ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), a conclusão do inquérito sobre o vazamento de uma investigação de ataque hacker ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Denisse reafirma no relatório, encaminhado na tarde desta segunda-feira (31), ter visto crime na atuação de Jair Bolsonaro, do deputado Filipe Barros (PSL-PR) e do ajudante de ordens presidencial Mauro Cid no caso.

Mesmo sem indiciamento formal, é a primeira vez que a PF imputa crime ao presidente nas investigações que tramitam sob a relatoria de Moraes.

Ainda no relatório, a delegada diz que a ausência do presidente no depoimento na sexta (28) não trouxe prejuízo aos esclarecimentos dos fatos.

O presidente da República faltou à oitiva que havia sido marcada por Moraes. A AGU (Advocacia-Geral da União) chegou a entrar com um recurso para desobrigá-lo a comparecer, o que foi negado minutos depois pelo ministro.

Em declaração enviada à PF na própria sexta-feira, Bolsonaro alegou que exerceu seu "direito de ausência" e disse que sua posição encontra respaldo em decisão do Supremo.

Com esse documento da polícia, o imbróglio envolvendo o depoimento de Bolsonaro deve chegar ao fim.

Moraes deve enviar a conclusão da delegada para a PGR (Procuradoria-Geral da União) se manifestar e, depois, tomar uma decisão a respeito —se abre ou não uma ação penal contra o presidente.

Não há prazo para término dessas próximas fases.

O inquérito em questão apurava a divulgação de uma investigação sigilosa aberta em 2018 sobre um ataque hacker no sistema do TSE. Os documentos do caso foram usados em uma live realizada pelo presidente no dia 4 de agosto do ano passado.

O material foi mostrado ao vivo por Bolsonaro para embasar o discurso, sem provas, de que há vulnerabilidade nas urnas eletrônicas e que as eleições de 2018 teriam sido fraudadas.

O deputado, o ajudante de ordens e seu irmão, Daniel Cid, um assessor da comissão que analisa a PEC do voto impresso na Câmara e o delegado responsável pelo inquérito divulgado foram ouvidos pela PF.

"As oitivas das pessoas envolvidas indicam entretanto que o inquérito obtido foi utilizado com desvio da finalidade anunciada ao presidente do feito, sendo repassado a outros funcionários públicos (presidente da república e assessor especial Mauro Cid) para ser amplamente divulgado como lastro para ilações lançadas durante a chamada live presidencial", diz o relatório.

Na conclusão, a delegada diz que a divulgação do inquérito se deu com "o nítido desvio de finalidade e com o propósito de utilizá-lo como lastro para difusão de informações sabidamente falsas, com repercussões danosas para a administração pública".

O próprio delegado do caso divulgado por Bolsonaro disse em seu depoimento que a investigação conduzida por ele não identificou manipulação dos votos ou ataque à integridade das urnas.

No relatório final, a delegada também rebate a tese levantada pela defesa de Bolsonaro de que o inquérito não estava em sigilo e, portanto, não haveria ocorrido o vazamento.

Ela argumenta que "o inquérito policial, ao contrário do processo judicial, possui como regra o sigilo, conforme doutrina majoritária, posicionamento dos tribunais (inclusive súmula 14 do STF) e diante do artigo 20 do Código de Processo Penal".

Ao concluir o relatório, Denisse faz duas solicitações a Moraes. Uma delas é o compartilhamento do caso com a investigação das milícias digitais.

O entendimento da investigadora é que o vazamento e o uso do conteúdo para disseminar desinformação é mais um evento que envolve a organização criminosa investigada no inquérito, que também é relatado por Moraes.

A delegada também pede que a quebra de sigilo telemático do ajudante de ordens do presidente seja compartilhada com o inquérito que apura uma live em que Bolsonaro associou a vacina contra Covid ao desenvolvimento da Aids.

Órgão vê atuação de auxiliar em falso elo entre Aids e vacina

SÃO PAULO E BRASÍLIA A Polícia Federal encontrou, durante a investigação do vazamento do inquérito sobre ataque hacker no TSE (Tribunal Superior Eleitoral), indícios da atuação de Mauro Cid, ajudante de ordens de Jair Bolsonaro, em outros episódios de disseminação de desinformação.

A PF afirma que informações coletadas na quebra de sigilo telemático do ajudante de ordens de Bolsonaro também indicam sua participação na live de 21 de outubro em que Bolsonaro fez uma falsa associação entre a vacinação contra a Covid e o desenvolvimento da Aids.

Médicos, porém, afirmam que a associação entre o imunizante e a transmissão do HIV, o vírus da Aids, é falsa.

"Dados armazenados em serviço de nuvem apontam a participação de Mauro Cid em outros eventos (vide relatório de análise nº 001/2022) também destinados à difusão de notícias promotoras de desinformação da população", diz o relatório da delegada.

Bolsonaro leu durante a live semanal uma notícia falsa que dizia que "vacinados [contra a Covid] estão desenvolvendo a síndrome da imunodeficiência adquirida [Aids]".

A veiculação da desinformação resultou na intervenção do Facebook e Instagram, que derrubaram o vídeo.

À época, a Procuradoria-Geral da República chegou a abrir investigação preliminar, mas com a demora de Augusto Aras em dar seguimento ao caso, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, atendeu pedido da CPI da Covid e instaurou um inquérito.

A falsa notícia à qual o presidente se referiu foi publicada em pelo menos dois sites, Stylo Urbano e Coletividade Evolutiva.

Os textos afirmam erroneamente que pessoas estão perdendo a capacidade do sistema imunológico após completarem a vacinação e, por isso, terão "efetivamente a síndrome da imunodeficiência adquirida [Aids] desenvolvida".

As páginas dizem se apoiar em dados do governo britânico. O relatório do portal oficial do Departamento de Saúde Pública do Reino Unido ao qual os portais se referem, porém, não cita a Aids.

Além disso, os portais Stylo Urbano e Coletividade Evolutiva fraudaram a tabela do departamento britânico que analisa os casos de Covid entre vacinados e não vacinados, inserindo uma coluna que não consta no documento oficial, chamada "reforço ou degradação do sistema imunológico".

Como mostrou a **Folha**, um dos pedidos da delegada Denisse Ribeiro ao concluir o caso do vazamento do inquérito do hacker do TSE foi o de compartilhamento da quebra de sigilo telemático de Cid com esse caso também relatado por Moraes.

"Autorização para compartilhamento do relatório de análise nº 001/2022 e RE 2021.0077841-SR/PF/DF (quebra de sigilo telemático), ambos relacionados a esta investigação, com o INQ 4888-STF, como subsídio para análise conjunta", pede a delegada. **FS e JM**

BOLSONARO SE REÚNE COM BRAGA NETTO E CHEFES DAS FORÇAS ARMADAS EM BRASÍLIA
Em encontro fora da agenda, presidente conversou com comandantes militares e ministro da Defesa; segundo ministério, foram tratados "aspectos da conjuntura nacional e internacional" de interesse da área Reprodução/@DefesaGovBr no Twitter

Telegram ignora decisão do STF sobre presidente há 6 meses

Marcelo Rocha

BRASÍLIA O Telegram ignora há cerca de seis meses uma determinação do STF (Supremo Tribunal Federal) para retirar do ar publicação de Jair Bolsonaro (PL) com informações falsas sobre as urnas eletrônicas.

A decisão, do ministro Alexandre de Moraes, deu-se no inquérito que apura a responsabilidade do presidente no vazamento de dados sigilosos de investigação sobre um ataque hacker à Justiça Eleitoral.

O caso expõe na prática a dificuldade das autoridades brasileiras em lidar com o Telegram, que está na mira do TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Em agosto passado, Moraes ordenou que uma publicação de Bolsonaro sobre a suposta vulnerabilidade das urnas fosse apagada do aplicativo. O texto, porém, segue no ar até hoje.

Outras redes sociais, como o Twitter e o Instagram, cumpriram a decisão do ministro e derrubaram o conteúdo. O Telegram nem sequer se manifestou no inquérito.

"O sistema eleitoral foi invadido e, portanto, é violável", escreveu o presidente na mensagem que ainda consta em seu canal na plataforma.

Atualmente com sede em Dubai, nos Emirados Árabes, o Telegram se vangloria do fato de não colaborar com autoridades, ainda que seja alvo de decisões judiciais.

Como mostrou a coluna Painel, da **Folha**, investigadores na esfera cível e criminal que atuam em apurações sobre disseminação de fake news, discurso de ódio e desinformação não veem muita saída além do bloqueio do Telegram no Brasil.

As autoridades vêm tentando contato com a empresa, sem sucesso, o que torna inviável aplicar multas ou outras sanções em caso de descumprimento de ordens judiciais, como foi a de Moraes de agosto do ano passado.

Com pouca moderação e uma estrutura propícia à viralização, o serviço de comunicação é uma das preocupações do TSE para as eleições de 2022.

A dificuldade de alcançar o Telegram, que não tem sede ou representante legal no país, está inserida no debate sobre os desafios de tornar legislações nacionais efetivas em um mercado de serviços na internet cada vez mais globalizado.

Nesse cenário, as opções seriam: aceitar o crescimento desenfreado de uma plataforma que não atende aos contatos do Judiciário brasileiro ou bloquear o Telegram até que a empresa passe a dialogar.

Nas últimas semanas, a corte eleitoral subiu o tom nas críticas ao serviço de comunicação e não descarta a medida mais drástica, que é o bloqueio.

Essa possibilidade, como mostrou a **Folha** em recente reportagem, gera preocupação de parte dos especialistas na área, dadas as possíveis consequências da medida, que está inserida em um complexo debate não só da perspectiva legal, como técnica. Por outro lado, o Telegram não responde às autoridades, tampouco a pedidos da imprensa.

O presidente do tribunal, ministro Luís Roberto Barroso, encaminhou um ofício ao presidente do Telegram com o objetivo de formalizar uma cooperação que vise o combate à desinformação. Não houve resposta até o momento.

Para Barroso, serviços de comunicação com papel relevante no pleito de outubro não podem operar no país sem representação jurídica adequada, responsável pelo cumprimento da legislação nacional e das decisões judiciais.

O Telegram é hoje um dos canais de comunicação prediletos de Bolsonaro, usado para divulgar ações de sua administração e conta com mais de um milhão de seguidores.

Na semana passada, Bolsonaro disse a apoiadores que o governo está "tratando" sobre o caso do aplicativo. "É uma covardia o que estão querendo fazer com o Brasil", disse ao ser provocado sobre o tema.

Procurado pela **Folha**, o Palácio do Planalto não se manifestou sobre o assunto até a conclusão desta edição.

Nesta quarta-feira (2), em meio a provocações dirigidas a integrantes do Judiciário, o presidente usou o Twitter para convocar apoiadores a se inscreverem em seu canal no serviço de comunicação.

O Telegram está na mira de ao menos duas apurações, uma na Polícia Federal e outra no Ministério Público Federal.

A mensagem de Bolsonaro sobre as urnas eletrônicas, que ainda aparece no aplicativo, tem links que direcionam os leitores para arquivos do inquérito da PF aberto após invasão cibernética a sistemas da Justiça Eleitoral em 2018.

A publicação soma mais de 260 mil visualizações e mais de 1.400 comentários.

Foi com base nesse material que ele e aliados encamparam, durante uma transmissão online, a tese de que o sistema eleitoral é suscetível a fraudes, suspeita rebatida pelo TSE. A polícia disse a Moraes que viu crime do presidente no vazamento dos dados dessa apuração.

Os links não funcionam mais porque os arquivos foram apagados de outras bases onde estavam hospedados. Essa providência, contudo, não foi do Telegram. Foi usada uma rede social chamada "Brasileiros", construída a partir da plataforma de código aberto Mastodon, para armazenar os documentos anexados.

Embora seja de agosto de 2021 e sobre um assunto tido como superado por ministros do STF e do TSE — a alegação de que o resultado das urnas é manipulável—, a publicação ainda disponível no Telegram é um exemplo dos desafios no combate à desinformação.

Além de Bolsonaro, outros pré-candidatos, como o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Ciro Gomes (PDT), também contam com canais no aplicativo. O petista conta atualmente com 47 mil seguidores e Ciro, 19 mil.

A corte eleitoral já firmou parcerias com quase todas as principais plataformas e entende que exceções, caso do Telegram, não são desejáveis.

Na volta do recesso do Judiciário, informou o TSE, Barroso pretende discutir internamente com os ministros as providências possíveis. Ele conversa com seus sucessores no comando do tribunal, Edson Fachin e Alexandre de Moraes.

Entenda o caso

O que é?
O Telegram é um aplicativo de mensagens com funcionamento parecido com o do WhatsApp. Grupos sobre política têm crescido no Brasil nos últimos meses. Além de ter alta capacidade viralização com grupos que podem comportar até 200 mil membros, em relação aos canais, o Telegram possui uma dinâmica que se assemelha muito mais a redes sociais. Apesar disso, não modera conteúdo —a não ser em casos como de terrorismo

Qual é a preocupação do TSE?
Como a empresa tem uma postura de nenhuma cooperação e não tem sede e nem representante legal no Brasil, o tribunal tem dificuldade de fazer a legislação nacional ser efetiva. E, diante de uma atuação relativamente mais proativa das principais redes sociais em moderar conteúdos, grupos de extrema direita têm migrado para plataformas que possuam regras menos restritivas ou até mesmo nenhuma moderação, como o Telegram

Quais medidas são estudadas?
Em agosto passado, Moraes ordenou que uma publicação de Bolsonaro sobre a suposta vulnerabilidade das urnas fosse apagada do aplicativo. O texto, porém, segue no ar até hoje. Nesse cenário, as opções seriam: aceitar o crescimento desenfreado de uma plataforma que não atende aos contatos do Judiciário brasileiro ou bloquear o Telegram até que a empresa passe a dialogar

O que diz a lei atual?
O fato de uma empresa não ter sede nem representação legal no país não significa que ela não tenha que obedecer à legislação brasileira. No Congresso, o projeto de lei das fake news pretende tornar obrigatório que redes sociais e aplicativos de mensagens tenham representantes legais no país. Nesse caso, as penalidades mais severas são a proibição de seu funcionamento no país e a suspensão temporária. As punições mais leves são a advertência e a multa

O governador do estado de São Paulo, João Doria, visita buraco na marginal Tietê Eduardo Anizelli - 1º.fev.22/Folhapress

Cratera arranha final de governo Doria e vira munição para eleições

Aliados minimizam episódio; opositores criticam o governador paulista e ainda avaliam os impactos

Artur Rodrigues e Carolina Linhares

SÃO PAULO A cratera aberta no asfalto da marginal Tietê, na zona norte de São Paulo, ao lado de obra da linha 6-Laranja do Metrô, virou arma contra as campanhas do governador João Doria (PSDB) ao Palácio do Planalto e de Rodrigo Garcia (PSDB) ao Palácio dos Bandeirantes.

O tamanho do estrago político, porém, ainda é incerto.

A linha que ligará a Brasilândia (zona norte) à Liberdade (centro) foi retomada por Doria após quatro anos de paralisação. É uma de suas principais apostas de vitrines eleitorais, e foi estilhaçada na manhã desta terça-feira (1º).

A obra é de responsabilidade da Linha Uni e da Acciona, que afirmaram estar apurando os fatos. Há interdições no sentido Ayrton Senna da marginal —ainda não se sabe o impacto que haverá no cronograma das obras da linha, até então prevista para 2025.

Para opositores de Doria, o evento pode tanto ser apenas um abalo temporário como um terremoto na campanha do tucano. Tudo depende dos desdobramentos do acidente, como o tempo de interdição da marginal e o tamanho do estrago na obra do metrô.

Em suas redes sociais, Doria afirmou ter determinado a "apuração imediata das causas e elaboração de plano da concessionária responsável pela obra, junto à prefeitura da capital, para normalização do tráfego da marginal rapidamente".

"E que as obras possam ser reiniciadas, com segurança, o mais breve possível", escreveu.

O secretário dos Transportes Metropolitanos, Paulo Galli, apontou o rompimento de uma galeria de esgoto como o motivo do alagamento.

"A obra vinha normalmente. Estamos na embocadura da tuneladora [equipamento para escavação, conhecido como tatuzão] para esse poço. Seria rompido amanhã [quarta-feira], quando teríamos o tatuzão passando pelo túnel. Daí, houve o rompimento da galeria de esgoto que passa no sentido transversal", afirmou nesta terça.

O assunto já é alvo de investigação. A Promotoria de Habitação e Urbanismo da Capital abriu um inquérito para apurar as causas e "a extensão dos danos urbanísticos e ambientais decorrentes do incidente que causou danos no canteiro de obras e na pista de rolamento da marginal".

O Ministério Público informou que já requisitou informações sobre o caso.

Entre integrantes do núcleo duro da campanha de Doria, o desabamento foi minimizado, embora secretários consultados pela **Folha** ainda avaliassem, na tarde desta terça, os danos práticos e políticos para a gestão.

A essa altura, porém, o assunto já havia virado munição política de inimigos políticos de Doria, da esquerda à direita.

A deputada federal Sâmia Bomfim (PSOL-SP) e o deputado estadual bolsonarista Douglas Garcia (PTB-SP) coincidiram até no termo usado para criticar o governador, mirando o partido.

"Fundamental apuração imediata. Por sorte, não há registro de vítimas. Selo PSDB de gestão!", escreveu Sâmia em suas redes.

"Selo PSDB de qualidade: obras desabando na marginal Tietê! Ano passado a Alesp autorizou João Doria a contratar um empréstimo bilionário para melhorias no metrô. Meu voto foi não, por saber que este dinheiro seria mal gasto", postou o deputado.

> Fundamental apuração imediata. Por sorte, não há registro de vítimas. Selo PSDB de gestão!
>
> **Sâmia Bomfim (PSOL-SP)**
> deputada federal

O vereador Rubinho Nunes (Podemos), membro do MBL (Movimento Brasil Livre), relacionou a pretensão eleitoral de Doria com o acidente.

"O oportunismo do Doria não tem limites. A obra estava há quase 10 anos atrasada, mas chegou o ano eleitoral, e o governador quis retomá-la às pressas. O resultado? Desabamento e cratera na marginal Tietê", afirmou nas redes.

Se depender da oposição, os desdobramentos do caso não devem acabar tão cedo. O PT pediu responsabilização do governo Doria.

O deputado estadual Paulo Fiorilo (PT) afirmou à **Folha** que fez uma representação ao Ministério Público para investigar o caso. "São recorrentes problemas desse tipo nas obras do Metrô. É preciso que o MP instaure o inquérito para apurar", disse.

De acordo com ele, o assunto também poderia ser tratado em uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito). A ideia é que, caso a Justiça dê seguimento à comissão da Dersa, que foi travada na Alesp por aliados de Doria, o assunto pode virar alvo de investigação dos deputados.

Um dos principais opositores de Doria, Márcio França (PSB), possível concorrente de Rodrigo Garcia na disputa ao governo, também foi às redes e classificou o caso como "incompetência inacreditável".

Para o cientista político Marco Antonio Teixeira, da FGV, embora vários estados estejam sofrendo por tragédias causadas pelas chuvas, no caso do acidente do metrô pode haver questionamentos mais duradouros em relação à eficácia da atual gestão.

Teixeira afirma que o assunto remonta ao buraco do metrô, em Pinheiros, no qual sete pessoas morreram soterradas e mais de 70 casos foram interditadas. "Você vai ter a coisa do trânsito, lembrando não apenas do problema todo dia, mas questionando a eficiência da gestão da obra", diz.

O assunto também pode esvaziar um trunfo de Doria para a campanha de Garcia, sobretudo contra o hoje inimigo político Geraldo Alckmin (sem partido), cuja gestão como governador de São Paulo foi marcada por atrasos em obras do metrô.

Auxiliares de Doria ligados à comunicação da campanha avaliam que não haverá prejuízo eleitoral e destacam haver mais de 8.000 obras em andamento pelo estado —ainda que o metrô seja uma área politicamente sensível para os tucanos.

Os aliados do governador atribuem a cratera a uma falha técnica de engenharia e apostam que o problema será resolvido rapidamente, o que só serviria para comprovar a capacidade de Doria como gestor.

Também lembram que o PSDB não deixou de eleger governadores em São Paulo após o acidente da linha 4-amarela, em 2007.

Ainda de acordo com tucanos, a crise não atinge a candidatura de Garcia ao Palácio dos Bandeirantes. O vice-governador, que tem viajado pelo estado para inaugurações, foi poupado nesta terça, enquanto Doria visitou o local do desastre.

A obra é de responsabilidade da Linha Uni e da Acciona, que afirmam que estão no local dos fatos para apurar o que aconteceu. "Todas as medidas de contingência já foram tomadas. Parte do asfalto da marginal Tietê cedeu e, por questão de segurança, a pista está parcialmente interditada", disse, em nota.

As críticas a Doria são atribuídas por sua equipe a bolsonaristas. A hashtag "Doria chama o Tarcísio", em referência ao ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, que deve concorrer ao Governo de São Paulo, ficou entre as mais comentadas no Twitter, além das palavras "Tietê", "metrô" e "PSDB".

A presença de Doria na estação atingida pouco tempo depois do desabamento também é uma forma de se contrapor a Bolsonaro, que foi criticado pela omissão em outras tragédias, como as chuvas na Bahia no fim do ano passado.

Na última terça-feira, o presidente da República esteve em São Paulo, sobrevoando áreas afetadas pelas chuvas no estado de São Paulo.

Leia mais na pág. B3

Moro evita confronto em reduto de governador e terceiriza crítica ao PSDB

Danielle Castro

BEBEDOURO (SP) Em agenda no interior de São Paulo nesta quarta-feira (2), o pré-candidato à Presidência da República Sergio Moro (Podemos) fez críticas ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) —seu provável adversário no pleito de outubro—, ao STF (Supremo Tribunal Federal) e ao presidente Jair Bolsonaro (PL).

O ex-juiz, no entanto, evitou confronto com o governador João Doria (PSDB), outro potencial adversário na disputa nacional, e terceirizou a um aliado as críticas aos governos tucanos.

Questionado sobre sua avaliação sobre os governos do PSDB, partido que comanda o estado de São Paulo desde 1995, o ex-ministro da Justiça de Bolsonaro preferiu não responder e encaminhou a pergunta ao deputado estadual e pré-candidato ao governo paulista Arthur do Val (Podemos).

"Na verdade, quem tem que falar sobre o governo do estado é o nosso Arthur do Val aqui, acho que vou passar para você, Arthur, a resposta para essa pergunta", afirmou Moro, ex-juiz da Operação Lava Jato.

Arthur do Val então bateu firme no governo do PSDB. Atacou o discurso de "governar para os brasileiros de São Paulo" de Doria, classificou a administração tucana como um desastre e disse que esta é a primeira chance em três décadas de "chutar o PSDB do governo".

Ele deve enfrentar nas urnas o atual vice-governador do estado, Rodrigo Garcia (PSDB), candidato para a disputa estadual apoiado por Doria, que deve renunciar ao governo paulista em abril para concorrer ao Palácio do Planalto.

Em complemento à resposta do colega paulista, Moro disse que, neste momento, o que interessa é priorizar a aliança "com as pessoas" em detrimento da conversa com partidos.

"Nenhuma aliança vai ser construída em um gabinete de Brasília a portas fechadas", declarou Moro, destacando que o Podemos tem consolidado bases em todo o Brasil para um projeto nacional de governo.

As declarações foram dadas em Bebedouro (a 379 km de São Paulo), onde o ex-juiz participou de reunião com líderes partidários, prefeitos e vereadores da região.

Além de Arthur do Val, acompanhou Moro no evento o deputado federal Júnior Bozzella (PSL), um dos principais entusiastas da União Brasil, partido que surgirá da fusão entre PSL e DEM.

Em discurso para líderes políticos, o ex-ministro da Justiça de Bolsonaro criticou o presidente, a quem acusou de "não ter os mesmos planos" que ele para combater a corrupção, repetindo que o presidente da República prioriza a própria família em detrimento da lei.

Disse ainda que Bolsonaro não tem culpa pela pandemia de Covid-19, mas que sua má gestão, com desincentivo ao uso de máscaras e da vacinação, levou ao quadro de 630 mil mortes pela doença no país.

No mesmo evento, também disparou críticas ao ex-presidente Lula (PT), outro potencial adversário dele nas eleições de outubro: "A gente ouve o Lula e parece que vai cair picanha do céu e vai jorrar cerveja pela torneira. E a gente sabe que isso é mentira", disse.

Moro ainda fez críticas a decisões do Supremo contra decisões suas e afirmou que se sentiu "revoltado de ver o trabalho da Lava Jato" sendo desmontado.

"Começo a ver anulações de condenações criminais e a pensar se a lei vale mesmo para todos. Qual mensagem parte do Supremo e, infelizmente, do Congresso [com isso]?", perguntou.

O resgate da Operação Lava Jato deve ser o mote de toda a pré-campanha de Moro ao Palácio do Planalto.

Com sua foto ao lado da bandeira brasileira como fundo, Moro discursou para cerca de 150 pessoas —com direito a trilha sonora e relatos no microfone de jovens inspirados no trabalho do ex-juiz e pessoas que percorreram 600 km para estar no evento.

Moro também reforçou temas como segurança pública, citando sua atuação no Ministério da Justiça. No evento, foram exibidas em um painel frases do ex-juiz defendendo os direitos das mulheres, o combate à violência doméstica e liberdade de imprensa.

> Quem tem que falar sobre o governo do estado é o nosso Arthur do Val aqui, acho que vou passar para você, Arthur, a resposta para essa pergunta [a avaliação que Moro fazia dos governos tucanos em SP]

> Nenhuma aliança vai ser construída em um gabinete de Brasília a portas fechadas
>
> **Sergio Moro (Podemos)**
> pré-candidato à Presidência

O ex-juiz Sergio Moro (Podemos) durante evento realizado no interior de São Paulo Reprodução/@SergioMoro no Twitter

mundo

Europa começa a suspender restrições, mas OMS lança alerta

Para diretor da entidade, é prematuro para qualquer país se render ou declarar vitória sobre coronavírus

BAURU (SP) A França iniciou nesta terça (1º) a redução gradativa das restrições impostas para conter a pandemia de coronavírus, um movimento parecido com o que se vê em vários países da Europa. Deixam de ser obrigatórios, por exemplo, o uso de máscaras na rua e a limitação de público em espaços culturais.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), porém, pediu cautela no alívio das medidas. Para Maria Van Kerkhove, líder técnica da entidade, muitos países ainda não passaram pelo pico de contágios provocado pela variante ômicron, o que se torna ainda mais grave onde não há altos índices de cobertura vacinal.

O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, por sua vez, expressou preocupação de que a alta transmissibilidade e a menor gravidade dos casos atribuídos à nova cepa possam levar os países a decidir que medidas de prevenção não são mais necessárias, ou, pior, não são mais possíveis. "Nada poderia estar mais longe da verdade. Mais transmissão significa mais mortes. Não estamos pedindo um retorno a lockdowns. Mas estamos pedindo que protejam seu povo usando todos os recursos disponíveis, não só vacinas", disse. "É prematuro para qualquer país se render ou declarar vitória."

Em entrevista publicada nesta quarta (2), o presidente francês, Emmanuel Macron, recomendou que a população siga cuidadosa. "Temos que permanecer vigilantes, pois a pressão nos hospitais ainda é alta", ele afirmou.

A média móvel de casos diários de Covid no país alcançou o pico de 366,5 mil em 25 de janeiro. Desde então, o índice está em queda, mas ainda supera a marca de 322 mil novas infecções por dia. Em 2 de novembro de 2021, a média móvel era de 5.288 —ou seja, um aumento de quase 6.000% em três meses.

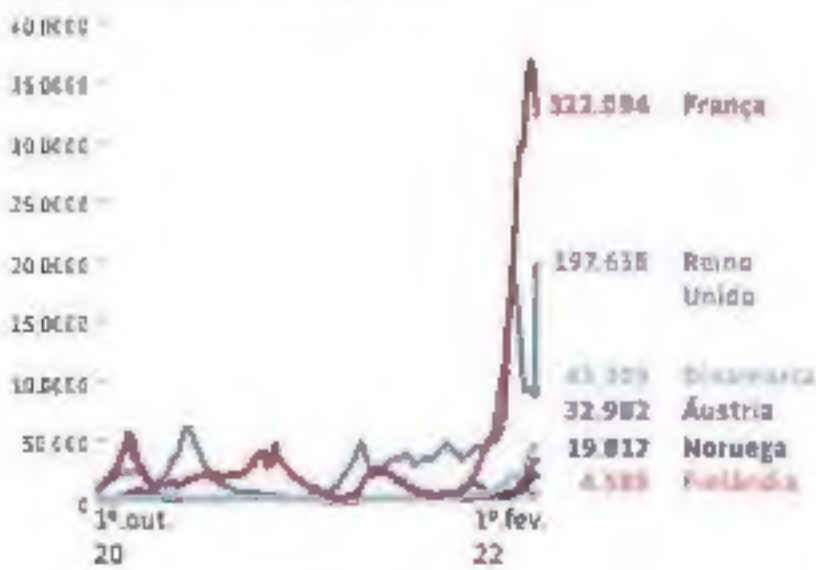
O número de pacientes internados com Covid na França também continua em alta —eram mais de 32 mil nesta terça, dos quais 3.751 em leitos de UTI. O número de mortes cresceu desde novembro (mais de 700%), mas as atuais cerca de 260 vítimas diárias da doença formam uma cifra bem menor que a registrada nos picos da pandemia —o que se atribui, entre outros fatores, aos índices de vacinação. Mais de 76% dos franceses concluíram o primeiro esquema de vacinação, e 48% receberam doses de reforço.

Apesar de os números não indicarem um cenário de controle da pandemia, o primeiro-ministro francês, Jean Castex, anunciou no fim de janeiro a suspensão da maior parte das restrições. Além do uso de máscaras, o trabalho remoto também deixa de ser obrigatório. Espaços culturais e esportivos, como estádios de futebol, não sofrerão mais restrições de público. A partir de 16 de fevereiro começa ainda uma nova fase de alívio de restrições, quando casas noturnas, fechadas desde dezembro, poderão reabrir, e os franceses, voltar a beber nos balcões dos bares.

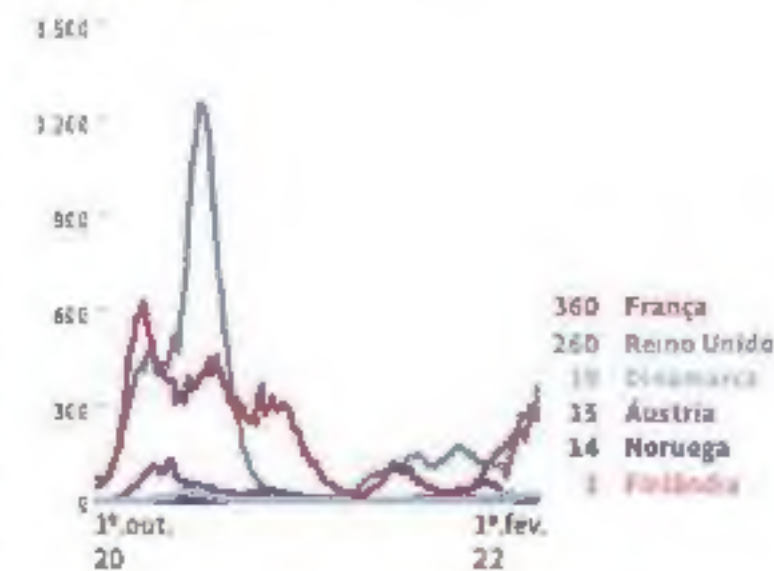
O passaporte vacinal, que, nas palavras de Macron, foi pensado para "irritar os não vacinados", segue em vigor. Nesta quarta, o ministro da Saúde francês, Olivier Veran, afirmou que o comprovante será exigido pelo menos até que hospitais possam funcionar normalmente, sem a necessidade de cancelar procedimentos não emergenciais para abrir leitos de Covid. "Se não houver uma nova variante em circulação, a utilidade do passe de vacina será discutível", acrescentou.

Média móvel de novos casos

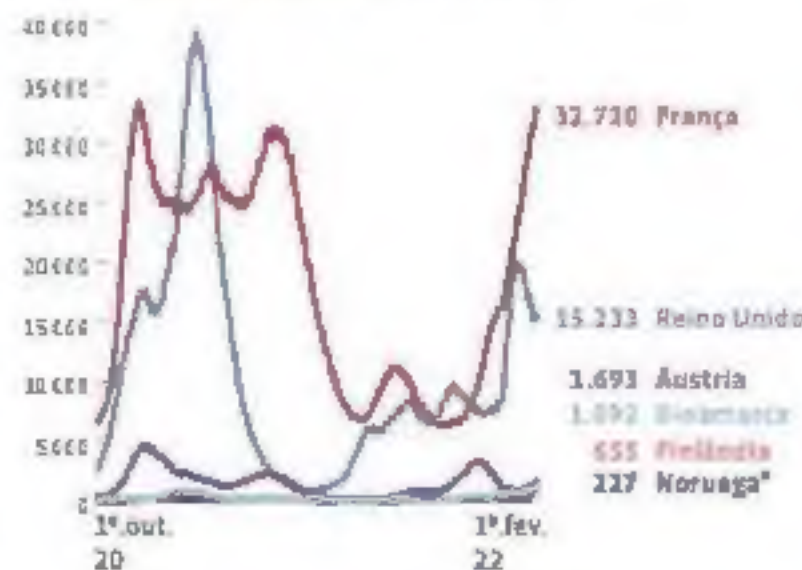
322.094 França
197.638 Reino Unido
Dinamarca
32.982 Áustria
19.817 Noruega
Finlândia

1º.out. 20 — 1º.fev. 22

Média móvel de novos óbitos

360 França
260 Reino Unido
Dinamarca
33 Áustria
14 Noruega
Finlândia

1º.out. 20 — 1º.fev. 22

Número de hospitalizados com Covid-19

32.730 França
15.233 Reino Unido
1.693 Áustria
Dinamarca
655 Finlândia
227 Noruega*

1º.out. 20 — 1º.fev. 22

*Último dado de 23.jan.2022. Fonte: Ourworldindata.org

A Dinamarca tornou-se na terça o primeiro país da União Europeia a suspender todas as restrições de uma só vez. Os dinamarqueses não precisam mais usar máscaras ou mostrar o passaporte vacinal, e locais como bares, restaurantes e casas noturnas voltaram a operar sem limitação de horário e de público.

A Noruega agiu à semelhança da Dinamarca. O premiê Jonas Gahr Stoere disse, nesta terça, que não sabe se este é o "começo do fim da pandemia" e que talvez volte a impor restrições, mas, por enquanto, suspendeu as medidas mais duras, como a limitação de horário e de pessoas em ambientes públicos.

Na Finlândia, a primeira-ministra Sanna Marin anunciou nesta quarta que vai começar a relaxar as restrições a partir de 14 de fevereiro. Nessa etapa, restaurantes e bares vão poder voltar a abrir até meia-noite e reuniões públicas serão permitidas.

A Áustria, que havia imposto em novembro um lockdown restrito aos não vacinados e depois ampliado para a população geral, recuou da posição na segunda-feira (31) e disse que a medida não é mais justificável, já que agora há menos pressão sobre o sistema de saúde. Os não imunizados, porém, ainda são barrados em uma série de atividades.

Na Inglaterra, a vigência do conjunto de restrições batizado de Plano B expirou no último dia 25. As medidas, além de criarem um impasse político para o primeiro-ministro Boris Johnson —alguns dos membros de seu partido as consideravam arbitrárias—, foram suspensas, de modo que o uso de máscaras, a apresentação do passaporte vacinal e o trabalho remoto não são mais obrigatórios.

Com AFP e Reuters

Guglielmo Mangiapane/Reuters

HOMEM INTERROMPE PAPA GRITANDO 'ESTA NÃO É A IGREJA DE DEUS'

Gritando "esta não é a igreja de Deus" em inglês, um homem interrompeu a audiência semanal realizada pelo papa Francisco no Vaticano nesta quarta-feira (2). Ele gesticulava segurando uma máscara preta que havia removido do rosto até que foi levado pela polícia. Uma fonte do Vaticano disse à agência Reuters que o sujeito é um cidadão irlandês que mora em Roma e já protagonizou episódios semelhantes em várias igrejas da capital italiana. Depois que o indivíduo foi levado pela polícia, o pontífice pediu aos presentes na sala de audiência que se juntassem para fazer uma oração pelo homem. "É um irmão nosso que tem um problema", afirmou Francisco.

Zelig na nuvem de 'zaps'

Consumo de informação digital segregou o público em guetos de interesses

Lúcia Guimarães

É jornalista e vive em Nova York desde 1985. Foi correspondente da TV Globo, da TV Cultura e do canal GNT, além de colunista dos jornais O Estado de S. Paulo e O Globo

Saldo de viagem: uma infecção leve de Covid; duas tempestades épicas com apagões; um número obsceno de empadinhas; 20 dias conversando e nadando com as crianças que a pandemia afastou de mim.

Minha ausência mais longa do Brasil chegou ao fim com sucesso, apesar do encontro com o vírus que passei dois anos evitando em Manhattan.

Eu perguntava que efeito terá tido o isolamento social entre parentes e amigos. Viver como expatriado é aceitar algum grau de isolamento, que não deve ser confundido com solidão.

Mas outro isolamento parece ter se formado na confluência da pandemia com a explosão de desinformação motivada por radicalização política no Brasil.

Compreendi que não compartilho mais uma língua franca de fatos com pessoas que conheço há décadas ou que vi crescer. Ficou claro, neste milênio, que o consumo de informação digital foi segregando o público em inestimáveis guetos de interesses.

Não se trata de nostalgia pela hierarquia editorial. É apenas a constatação de que o ecossistema de realidade compartilhada não evoluiu para outro em que a higiene da informação prevalece, e essa nova atividade —desmentir notícias falsas— não atinge o público necessário.

Detecto em conversas informais sobre qualquer tema frases que soam originadas em mensagens de "zaps". Ficções sobre as vacinas transmitidas nessas câmaras de eco são repetidas por pessoas com muito mais refinamento do que eu para combinar o vinho com a entrada de peixe.

Recolho clichês o bastante, como "cultura de cancelamento", este aplicado a quem pensa com independência, que passei a me sentir cercado de Zeligs. Leonard Zelig é o personagem do filme de Woody Allen de 1983, um camaleão que vai se transformando em personalidades à sua volta. Se tivesse sido criado nesta década, Zelig viveria numa nuvem de "zaps" de influenciadores.

É estranho notar profissionais educados cuja dieta de informação depende de serviços de clipping que decidem por eles o que é relevante.

Em Nova York, só tinha tido experiência semelhante e esporádica com espectadores da Fox News. Existe, claro, todo um país que não frequento, o que diz acreditar que Donald Trump ainda é presidente. Mas lembro o comentário de um famoso ex-correspondente de guerra e âncora de telejornal que entrevistei nos anos 1990: "Nós, americanos, não sabemos o quanto vocês são bem informados sobre o mundo".

O WhatsApp não emplacou por lá como aqui. Discutir trabalho, mandar press releases ou abordar quase estranhos pelo "zap" lá é falta de profissionalismo.

Nunca tive vida social confinada a jornalistas, mas, mesmo entre amigos mais distraídos que não saberiam dizer quem governa a Ucrânia, penduro uma praça mental em que o jornalismo ainda é fonte de fatos, apesar da balcanização editorial em toda parte.

Todas as viagens anuais ao Brasil me faziam lembrar de uma passagem do romance "O Fauno de Mármore", de Nathaniel Hawthorne, pregada na parede do escritório de um velho amigo que vive no Rio: "Entre dois países, não temos nenhum, ou só aquele pequeno espaço entre os dois, em que, no final, repousamos nossos ossos descontentes".

Como será preservar aquele pequeno território emocional de repouso se temos que viajar do país estrangeiro a uma distopia cognitiva orquestrada por Mark Zuckerberg e os oligarcas dos algoritmos?

EUA mandam tropas para o Leste Europeu contra Rússia

Movimentação é simbólica e não envolve Ucrânia, mas marca escalada grave

Igor Gielow

SÃO PAULO O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, determinou nesta quarta-feira (2) o envio de 2.000 soldados do seu país para a Polônia e para a Alemanha, escalando ainda mais a crise com a Rússia em torno da Ucrânia.

Outros mil militares do país que estão na Europa serão reposicionados para a Romênia, país ex-comunista no leste do continente. "É importante que enviemos um sinal forte ao senhor [Vladimir] Putin", disse o porta-voz do Pentágono, Jack Kirby, em referência ao presidente russo.

Numericamente, o deslocamento significa pouco ante os cerca de 130 mil soldados russos que cercam a Ucrânia, segundo a mais recente estimativa ocidental, em uma mobilização que começou em novembro do ano passado.

Politicamente, a sinalização é grave. Biden havia deixado de sobreaviso 8.500 soldados, nos EUA e na Europa, para esse tipo de reforço, antes cogitado apenas no caso de os russos agirem contra a Ucrânia.

O Kremlin protestou. Na véspera, Putin acusou os Estados Unidos e a Otan, a aliança militar que Washington lidera contra Moscou desde 1949, de empurrar a Rússia para uma guerra que não deseja. A crise atual, em termos de comprometimento das grandes potências nucleares, já faz par ou até ultrapassa a de 2014.

O ano é chave para entender a crise. O governo pró-Rússia em Kiev foi derrubado, e Putin reagiu anexando a península de maioria russa étnica da Crimeia, além de fomentar uma guerra civil de separatistas da mesma extração no Donbass (leste da Ucrânia).

O resultado foi um conflito que, embora em cessar-fogo precário desde 2015, já matou 14 mil pessoas. Em abril de 2021, Putin havia mobilizado forças, tendo percebido uma movimentação de Kiev de tentar reocupar o Donbass.

Foi um aperitivo para novembro. A escalada de forças, na forma de exercícios militares e deslocamento de tropas e armas, parece visar dar credibilidade à ideia de que Putin pode ir às vias de fato.

Ao mesmo tempo, o líder russo nega tal intenção, e com bons motivos: uma guerra seria destrutiva em termos humanos e para a sua economia, além de arriscar sair de controle e envolver países da Otan —a Ucrânia quer, mas não faz parte do clube de 30 nações.

Com a situação colocada, Putin foi além e desenhou num ultimato os termos para alcançar a estabilidade na região. O mais importante, refluir tropas colocadas pela Otan em países ex-comunistas absorvidos na expansão do pós-Guerra Fria a partir de 1999 e vetar de forma perene a entrada da Ucrânia no time.

EUA e Otan, claro, rechaçaram a ideia, mas deixaram abertas portas de negociação sugeridas pelos russos no campo de controle de armas, posicionamento de mísseis de alcance intermediário de lado a lado e monitoramento de exercícios militares.

Um detalhamento da proposta foi publicado pelo jornal espanhol El País. O texto sugere também que EUA e Rússia prometam não colocar os referidos mísseis na Ucrânia.

Putin falou sobre diálogo possível na entrevista que concedeu na terça, mas não citou a desescalada de suas forças. Ao contrário, emergiram novas imagens em redes sociais de reforços militares russos.

O russo conversou nesta terça-feira com Boris Johnson, o atribulado premiê britânico que visitou Kiev e tenta abafar a crise de seu governo. Antes, um porta-voz do Kremlin disse que Putin falaria com todos, inclusive os "totalmente confusos", citando a "estupidez da política britânica".

Ao fim, ambos disseram que é preciso achar uma solução pacífica. O presidente francês, Emmanuel Macron, disse que conversaria com Biden e que poderia ir até Moscou.

> “
> É importante que enviemos um sinal forte ao senhor [Vladimir] Putin
>
> **John Kirby**
> porta-voz do Pentágono

Mas integrantes do governo em Moscou são claros acerca da eventual necessidade de uma medida militar, ainda que indireta.

As forças americanas vão operar sob a bandeira da Otan. A aliança hoje já tem cerca de 5.000 tropas multinacionais em quatro países próximos das fronteiras russas: os Estados Bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia), que foram parte da União Soviética e margeiam as terras de Putin, e a Polônia, vizinha da Belarus que hoje abriga forças russas em exercícios.

Sozinhos, os EUA ainda têm na Polônia cerca 4.000 militares, em instalações diversas.

A questão simbólica colocada é: e se um soldado americano for morto numa escaramuça eventual numa fronteira? Se ele vale o mesmo que um estoniano, uma obviedade, o peso de um episódio desses muda o patamar, e é isso que Biden quer enfatizar.

Além disso, há a intenção de acalmar os membros orientais da aliança militar, que se veem expostos a Moscou.

Por fim, Putin viaja na quinta (3) para a China, onde irá ganhar um reforço importante: o líder Xi Jinping apoia a demanda russa na Ucrânia, assim como recebe suporte russo nos seus interesses no Pacífico, como em Taiwan.

COCAÍNA ADULTERADA MATA AO MENOS 17 NA ARGENTINA

Autoridades argentinas confirmaram nesta quarta-feira (2) que ao menos 17 pessoas morreram e outras 56 precisaram ser levadas a hospitais na região metropolitana de Buenos Aires, até a conclusão desta edição, após consumirem cocaína adulterada. O procurador-geral Germán Martínez disse ao Clarín que é grande o risco de, nos próximos dias, crescer o número de vítimas e internados. "Alguém pode ter comprado a cocaína nas últimas horas e consumi-la, em qualquer parte do país. O importante é que quem tenha isso no bolso se dê conta do risco", afirmou.

Eliana Obregon/AFP

O agora ex-presidente da CNN Jeff Zucker

Brendan McDermid - 15.mai.19/Reuters

Presidente da CNN renuncia após revelação de caso com funcionária

GUARULHOS Jeff Zucker, 56, presidente da rede americana CNN e da divisão de notícias e esportes da WarnerMedia, anunciou sua renúncia aos cargos nesta quarta-feira (2), alegando que manteve um relacionamento amoroso com uma alta executiva da CNN sem tê-lo divulgado à empresa.

A notícia foi anunciada em memorando interno aos funcionários das empresas, obtido pelo jornal The New York Times. Zucker explica, no documento, que a existência do relacionamento veio à tona durante as investigações internas sobre a conduta do ex-âncora Chris Cuomo, realizadas no ano passado.

Irmão do ex-governador de Nova York Andrew Cuomo, que renunciou após ser acusado de assédio sexual contra colegas, Chris foi demitido da CNN em dezembro. A empresa alegou que evidências apontaram envolvimento maior do jornalista na estratégia do irmão para reagir às denúncias.

"Como parte da investigação sobre o trabalho de Chris Cuomo, perguntaram-me sobre um relacionamento consensual com minha colega mais próxima, alguém com quem trabalhei por mais de 20 anos", escreveu Zucker. "Reconheci que a relação evoluiu nos últimos anos. Era obrigado a divulgar quando começou, mas não o fiz. Errei."

Zucker estava se referindo a Allison Gollust, vice-presidente executiva e diretora de marketing da CNN e uma das mais altas lideranças da rede, que está envolvida em decisões de negócios da empresa. Ela disse, em comunicado, que permanecerá no cargo.

Gollust explicou que seu relacionamento com o agora ex-presidente da CNN mudou recentemente. "Jeff e eu somos amigos próximos e colegas profissionais há mais de 20 anos", escreveu. "Nosso relacionamento mudou durante a [pandemia de] Covid. Lamento que não o tenhamos divulgado no momento certo." Nenhum dos executivos envolvidos é casado.

O episódio se dá no momento em que a fusão entre WarnerMedia e Discovey está prestes a se concretizar, tornando-se o conglomerado de mídia com o segundo maior faturamento do planeta, atrás da Disney. Após a divulgação da renúncia, a empresa comunicou que em breve anunciará um presidente interino.

Antes de presidir a CNN, Zucker trabalhou na rede NBC e foi um dos responsáveis por lançar, em 2004, o programa "O Aprendiz", apresentado por Donald Trump, que mais tarde chegaria à Casa Branca. Zucker começou na CNN em 2013.

Nova maré vermelha na América Latina se afasta da Venezuela

ANÁLISE

Diogo Schelp
Jornalista e comentarista político, foi editor-executivo da Veja

Em visita à Argentina no início de dezembro, o ex-presidente Lula subiu em um palanque ao lado do líder argentino, Alberto Fernández, de sua vice, Cristina Kirchner, e do ex-mandatário uruguaio José Mujica para prenunciar a reedição do período, entre a primeira e a segunda década deste século, em que governos de esquerda foram predominantes na América Latina. "Esses companheiros foram parte do melhor momento da democracia da nossa Grande Pátria, da nossa querida América Latina", disse Lula.

De fato, já se fala em uma nova "maré vermelha" na região, devido às recentes vitórias eleitorais da esquerda no Chile, com Gabriel Boric, e no Peru, com Pedro Castillo, no ano passado, ao retorno do grupo político de Evo Morales ao poder na Bolívia, em 2020, e ao favoritismo que Lula e Gustavo Petro vêm demonstrando nas pesquisas para as eleições deste ano no Brasil e na Colômbia, respectivamente.

Entre 2006 e 2016, a esquerda governou de maneira mais ou menos simultânea, com intervalos aqui e ali, o Brasil, a Argentina, o Uruguai, o Chile, a Bolívia, o Peru, o Equador, o Paraguai e algumas repúblicas da América Central. Além, claro, da Venezuela. O fator Venezuela é o que fará a nova onda de governos de esquerda, se confirmada pelas eleições de Lula e Petro, ser essencialmente diferente da anterior.

Para garantir governabilidade interna e credibilidade externa, alguns dos novos governos de esquerda da região buscam distância do regime de Nicolás Maduro. Boric, que assume a Presidência em março, disse à BBC no mês passado que o projeto de esquerda na Venezuela "é uma experiência que fracassou" e que "a principal demonstração de seu fracasso são os 6 milhões de venezuelanos na diáspora".

A declaração é um reconhecimento de que o chavismo levou não só ao empobrecimento da população, mas também à corrosão da democracia, pois o que motiva os venezuelanos a fugirem de seu país é uma combinação de fatores econômicos e políticos. Assim como Boric, Castillo, presidente do Peru, também tenta tranquilizar setores domésticos que o veem como um chavista de chapelão.

À CNN, na semana passada, questionado sobre o que pensa dos regimes da Venezuela, de Cuba e da Nicarágua, Castillo disse: "Não faço parte disso e não gostaria que o Peru se convertesse em nenhum desses modelos". Eleito por um pequeno partido marxista, ele enfrenta uma crise com o Parlamento de maioria oposicionista. Em seis meses de mandato, já está em sua segunda reforma ministerial.

Até mesmo o governo kirchnerista vem trocando farpas com representantes de Maduro, depois de a Argentina, que preside o Conselho de Direitos Humanos da ONU, cobrar da Venezuela "investigações imediatas e exaustivas" sobre acusações de violações de diretos humanos que ocorrem no país.

Diosdado Cabello, considerado o número 2 do chavismo, revidou em seu programa na TV, sugerindo que a cobrança era resultado de pressão externa: "O Fundo Monetário Internacional pressiona muito? O Banco Mundial pressiona muito?". A tirada irônica de Cabello se deve ao fato de que a Argentina enfrentou nas últimas semanas duras negociações de sua dívida com o FMI. O acordo será submetido ao Congresso, mas enfrenta resistência da ala mais leal a Cristina. Seu filho, Máximo Kirchner, renunciou ao posto de líder do governo por se opor ao resultado da negociação com o fundo.

Durante seus mandatos presidenciais, entre 2007 e 2015, Cristina era muito próxima do governo chavista da Venezuela. Agora, no entanto, esse passado de afinidade assombra a atual vice. Em delações à Justiça espanhola, com o intuito de evitar a extradição para os Estados Unidos, Hugo Carvajal, um ex-general e ex-espião chavista, vem fazendo acusações graves contra figuras importantes da América Latina, incluindo Cristina.

Segundo Carvajal, o governo de Chávez enviou US$ 21 milhões à campanha que a elegeu, não apenas os US$ 800 mil apreendidos num avião particular que pousou em um aeroporto portenho, em 2007, no "caso do maletín". Gustavo Petro, candidato à Presidência da Colômbia, também foi citado. O ex-militar chavista diz que recursos venezuelanos irrigaram por baixo dos panos campanhas passadas de Petro.

> [...]
> Os novos governos de esquerda da América Latina podem até restabelecer as relações diplomáticas com Caracas, mas querem mais é manter uma distância segura do regime chavista

Carvajal ainda precisa apresentar provas de suas acusações, mas fato é que elas mantêm viva a lembrança de que a "maré vermelha" anterior não foi só um período de alianças ancoradas em afinidades ideológicas ou projetos comuns de integração. Havia também a disposição de Chávez de ganhar força regional por meio da distribuição dos petrodólares e a influência que grandes empresas interessadas nas oportunidades que seu país oferecia —dispensando licitações— exerciam sobre seus próprios governos.

A nova onda vermelha que se vislumbra no horizonte é diferente da anterior porque não terá a ascendência de Chávez, que cobrava dos vizinhos uma postura de enfrentamento com os Estados Unidos e que preferia usar as instituições regionais para fins políticos em vez de comerciais.

A Venezuela não terá mais um papel de liderança, com capacidade de ditar os rumos da esquerda regional. Os novos governos de esquerda da América Latina podem até restabelecer as relações diplomáticas com Caracas, mas querem mais é manter uma distância segura do regime chavista.

Nicolás Maduro não tem nada a oferecer.

mercado

Juros voltam a dois dígitos após quase 5 anos; BC indica reduzir ritmo de alta

Copom eleva Selic em 1,5 ponto percentual, para 10,75% ao ano, maior nível desde maio de 2017

Eduardo Cucolo e Nathalia Garcia

SÃO PAULO E BRASÍLIA O Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central elevou a taxa básica de juros de 9,25% para 10,75% ao ano nesta quarta-feira (2). Desde julho de 2017, a taxa Selic estava abaixo dos dois dígitos, período em que foi reduzida diante de uma inflação em queda e uma atividade econômica praticamente estagnada.

O BC também sinalizou que o ciclo de aperto iniciado em março do ano passado não chegou ao fim, diante de uma inflação ainda resistente e que ameaça estourar a meta pelo segundo ano seguido.

Mas disse em seu comunicado que, em relação aos seus próximos passos, o comitê antevê como mais adequada, neste momento, a redução do ritmo de ajuste da taxa em sua próxima reunião.

Segundo o Copom, essa sinalização reflete o fato de que os efeitos cumulativos do ciclo de aperto monetário ainda se manifestarão ao longo dos próximos meses.

Na reunião anterior, em dezembro, o BC também elevou a taxa em 1,5 ponto percentual e indicou que faria nova alta da mesma magnitude neste início de ano. Por isso, todos os analistas consultados pela Bloomberg já esperavam esse aumento. O comitê volta a se reunir em 15 e 16 de março.

Conforme mostrou a **Folha**, o ciclo de aumento dos juros no Brasil —oito altas seguidas, totalizando 8,75 ponto percentual— é o maior entre as principais economias do planeta. Em março do ano passado, a taxa básica estava em 2% ao ano, menor patamar desde a criação do Copom, em 1996.

A Selic está agora no maior patamar desde maio de 2017, ainda no governo de Michel Temer (MDB), quando os juros eram de 11,25% ao ano.

Esse é também o maior ciclo de aperto desde a criação do sistema de metas de inflação, quando a taxa básica subiu de 25% para 45% ao ano, em março de 1999, diante do fim do regime de câmbio fixo.

A alta de 8,75 pontos desde o ano passado também supera o aumento de 8,50 pontos visto de outubro de 2002 a maio de 2003, na transição entre os governos FHC e Lula.

De acordo com o relatório Focus desta semana, em que o BC divulga projeções do mercado, economistas esperam que os juros fechem 2022 a 11,75% ao ano. Em 2023, cairia para 8% ao ano.

O choque de juros é uma resposta do BC à escalada de preços observada desde o fim do ano passado e às sucessivas revisões para cima das expectativas de inflação para o próximo ano.

"O Copom enfatiza que os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados para assegurar a convergência da inflação para suas metas e dependerão da evolução da atividade econômica, do balanço de riscos e das projeções e expectativas de inflação para o horizonte relevante da política monetária", disse o comitê em seu comunicado desta quarta.

O Copom considera que, diante do aumento de suas projeções e do risco de desancoragem das expectativas de inflação para os próximos anos, é apropriado que o ciclo de aperto monetário avance significativamente em território contracionista.

Para a instituição, apesar do desempenho mais positivo das contas públicas em 2021, a incerteza em relação ao arcabouço fiscal segue mantendo elevado o risco de desancoragem das expectativas de inflação.

O IPCA deve superar a meta de inflação pelo segundo ano seguido. As projeções de mercado coletadas na pesquisa Focus são de uma taxa de 5,38% em 2022, sendo que a meta é de 3,50%, com limite de tolerância até 5%. No ano passado, a inflação foi de 10,06%, para um limite de 5,25%.

Rafael Ihara, economista-chefe da Meraki Capital, afirma que a redução no ritmo de alta dos juros a partir de março está de acordo com as expectativas do mercado.

Ele projeta uma alta de mais um ponto percentual, para 11,75%, no mês que vem, e um aumento de mais 0,50 ponto, para 12,25%, em maio, encerrando o ciclo de alta de juros.

"Já estava precificado uma alta menor na reunião de março. A dúvida era se ele [Copom] seria explícito ou não. Ele preferiu deixar de forma bem clara a redução de ritmo na reunião seguinte", afirmou.

Ihara diz que, a partir de maio, o foco do BC passa a ser a inflação de 2023, dada a defasagem entre a alta de juros e seus efeitos mais fortes na economia.

Já para Carlos Kawall, diretor da ASA Investments e ex-secretário do Tesouro, o Banco Central surpreendeu ao sinalizar que reduzirá o ritmo de aumento da Selic já na próxima reunião. "A gente imaginava que fosse deixar isso em aberto, pelo fato de, em março, ainda ter poder sobre a inflação de 2022. Mas fez uma opção mais branda, mais 'dove', e antecipou que vai reduzir o ritmo", afirmou.

No jargão usado entre economistas, "dove" (pombo, em inglês) significa que a autoridade monetária adota um discurso mais brando, com intenção de cortar ou de subir menos os juros.

Kawall aponta que, se o BC vier mais brando em março, com aumento de um ponto, talvez tenha de fazer um novo aumento no encontro seguinte de 0,50 ponto, dependendo da evolução da expectativa de inflação para 2023.

"Estamos bastante próximos do fim do ciclo [do aperto monetário], que poderá ocorrer na reunião de março, mas, com a redução do ritmo, talvez se estenda até maio, com a Selic chegando a 12%, 12,25%."

Taxa básica de juros (Selic)

Em % ao ano

50 40 30 20 10 0

42

31.mar 99 — 2.fev 22

Variação da Selic por período* em ponto percentual

20 15 10 5 0 -5 -10

1,5

4.mar 99 — 2.fev 22

*As reuniões ocorrem a cada 45 dias. Houve uma reunião extraordinária em 14.out.02. Fonte: Banco Central

Novo presidente da Fiesp diz que é preciso pensar além do Copom

Sob o comando do empresário Josué Gomes da Silva, a Fiesp divulgou um duro comunicado sobre a alta dos juros. Na nota "É preciso pensar para além do Copom", a entidade diz que as reuniões deveriam soar como "alerta sobre tudo o que deixamos de fazer a contento para colhermos crescimento econômico com geração de emprego e renda de modo sustentável". Josué assumiu a Fiesp em janeiro no lugar de Paulo Skaf, que dirigiu a entidade por 17 anos.

Ignorar regras de responsabilidade fiscal pode sobrecarregar ação do Copom

OPINIÃO

Mauro Rochlin
Doutor em economia (UFRJ), é professor da FGV (Fundação Getulio Vargas)

A taxa de inflação, medida pelo IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), atingiu a marca de 10% em 2021. É a segunda vez em quase duas décadas que o indicador alcança dois dígitos.

Apesar desse mau resultado, os prognósticos para este ano são melhores. O relatório Focus do Banco Central prevê que a taxa de 2022 será de cerca de 5%.

No Brasil, a estratégia de combate à inflação é concentrada no poder dissuasório da política monetária. Desde 1999, o país adota uma política de juros conhecida como Regime de Metas de Inflação (RMI).

A premissa desse modelo é que a taxa de juros dos títulos do governo —a taxa Selic— se constitui no principal instrumento de política anti-inflacionária.

O argumento é que a atratividade desses títulos afeta a decisão de consumir (ou de poupar) da população, o que tem forte impacto no comportamento dos preços. O modelo relaciona a alta dos juros à queda do consumo, e, por consequência, à queda dos preços.

Baseado nesse pressuposto, o Banco Central iniciou, em maio do ano passado, um ciclo de alta da Selic. Partindo de um patamar de 2%, a taxa já atinge valor superior a 10%. A ideia é que essa alta arrefeça as pressões de consumo e que isso ajude no controle dos preços.

De fato, os números do PIB (Produto Interno Bruto) do terceiro trimestre de 2021 já apontam uma acomodação no consumo das famílias. A expectativa é que isso se converta em pressão de baixa nos preços, corroborando as previsões do mercado.

O problema aqui é o outro lado da moeda: juros altos também geram menor crescimento econômico e um desemprego maior.

Para reduzir a pressão sobre a política monetária, a adoção de uma política fiscal menos perdulária seria imprescindível. Moderar os gastos do governo ajudaria a dosar o consumo e a acalmar o mercado de câmbio.

Com a redução da demanda e com a queda do dólar, os preços tenderiam a se estabilizar. Essa estabilidade, por sua vez, abriria espaço para uma queda consistente da taxa de juros, o que impulsionaria o crescimento do PIB. A partir desse contexto, um círculo virtuoso poderia prosperar.

A corrida eleitoral tem sido um celeiro de políticas públicas excessivamente generosas. Objetivos eleitorais têm inspirado arranjos fiscais de diversos governos.

Enquanto o atual cenário recomenda moderação e comedimento na política fiscal, o que se observa são iniciativas, como a PEC dos Precatórios, que driblou o chamado teto dos gastos, pressionando na direção contrária.

Ignorar as regras básicas de responsabilidade fiscal pode sobrecarregar a política de juros e, consequentemente, frear o crescimento econômico. Não parece uma boa ideia.

Renda fixa tende a dar mais retorno, mas é preciso ficar atento à inflação

FOLHAINVEST

Clayton Castelani e Lucas Bombana

SÃO PAULO Investimentos em renda fixa devem ter retorno acima da inflação em 2022, considerando uma taxa básica de juros de dois dígitos e um IPCA equivalente a pouco mais da metade da registrada em 2021, de acordo com cálculos do buscador de aplicações financeiras Yubb.

O Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central do Brasil elevou nesta quarta-feira (2) a taxa Selic em 1,5 ponto percentual, para 10,75% ao ano. Ao aumentar os juros, a autoridade monetária restringe o acesso ao crédito e, com menos dinheiro em circulação, espera desacelerar a inflação.

Assim como em 2021, o cenário atual é favorável ao investimento em renda fixa, quando comparado à renda variável —como ações negociadas na Bolsa. Mas, no ano passado, a inflação anual de 10,06% superou os ganhos de praticamente todas as aplicações tradicionais domésticas.

Na pesquisa Focus desta semana, a mediana das projeções dos economistas consultados pelo BC (Banco Central) indica uma inflação no Brasil de 5,38% ao final de 2022.

Essa estimativa de inflação, somada à alta da Selic, deve fazer com que até mesmo a caderneta de poupança, que é o investimento mais popular do país e também aquele que possui o pior retorno no segmento de renda fixa, produza ganhos reais.

Pascowitch reforça a importância da análise da remuneração de cada investimento em renda fixa em comparação à inflação.

"Investidores costumam analisar somente o rendimento nominal, aquele que aparece na tela, mas não fazem o cálculo quanto ao rendimento real, descontando a inflação", diz. "É fundamental que haja essa preocupação em 2022 a fim de aproveitar as melhores oportunidades", afirma.

Embora a alta dos juros seja potencialmente nociva para as ações de empresas listadas na Bolsa brasileira, Pascowitch também alerta para a possibilidade de a baixa na renda variável gerar oportunidades de compra.

Considerando que investimentos em Bolsa devem ser planejados para longo prazo —mais de dez anos—, empresas sólidas com preços baixos tendem a trazer retorno superior à renda fixa ao longo do tempo.

Segundo Patrícia Palomo, diretora da Sonata Gestora de Patrimônio, a despeito do desempenho mais positivo da Bolsa brasileira e do real ante o dólar nas últimas semanas, no caso do mercado de juros, os prêmios dos títulos não apresentaram alívio semelhante, oferecendo boas oportunidades de compra aos investidores nos níveis atuais.

"Nessa dinâmica, ativos indexados à inflação continuam sendo interessantes para quem quer proteger e construir patrimônio com rendimento acima da inflação."

Ela acrescenta que, conforme o BC mantenha o processo de aperto monetário, os títulos pós-fixados, que acompanham a Selic, continuarão ganhando atratividade.

"Quando a gente volta a vivenciar um cenário de taxa de juros de dois dígitos, a renda fixa, que tinha perdido seu glamour, volta com tudo", endossa Luciane Effting, superintendente executiva de investimentos do Santander.

À medida que os investidores voltam a encontrar na renda fixa de baixo risco títulos públicos e privados que oferecem uma rentabilidade ao redor de 1% ao mês, é natural que eles passem a olhar com um pouco menos de entusiasmo para ativos de maior risco e volatilidade, afirma a superintendente do Santander.

"Sem dúvida teremos um ano de bastante volatilidade e é na volatilidade que encontramos oportunidades", diz Luciane. "A melhor estratégia é o investidor saber combinar as oportunidades na renda fixa, mas sem deixar de olhar a diversificação, que pode maximizar o retorno da carteira", acrescenta a superintendente.

Na carteira recomendada de ações da Santander Corretora para fevereiro, destacam-se nomes do setor financeiro, como BTG Pactual e Itaú, e de commodities, como JBS, Petrobras, Suzano e Vale.

"Diante do cenário de recuperação econômica, que tende a ser acelerado com o avanço da vacinação em massa nas grandes economias, as ações de companhias cíclicas, da 'velha economia', que acompanham o crescimento econômico, tendem a ser mais buscadas, com tendência geral de valorização", diz Paloma Brum, analista na Toro.

Paloma afirma que, em um ambiente de juros bem mais altos do que no ano passado, cresce o nível de risco na concessão de empréstimos e financiamentos, o que implica naturalmente um prêmio maior para remunerar as instituições credoras, que devem vivenciar a dilatação dos spreads que recebem, favorecendo suas receitas e margens.

Por outro lado, ela diz que empresas do setor imobiliário tendem a estar entre as mais impactadas pela alta dos juros.

"Os financiamentos imobiliários consistem em uma das linhas de crédito que é ajustada mais rapidamente diante de aumentos na Selic. Dessa forma, a alta da taxa tende a reduzir o apetite para a tomada de novos financiamentos, assim como aumentar o grau de inadimplência entre aqueles que já têm contratos", afirma.

Ela diz ainda que os juros mais altos também implicam aumento das despesas com crédito, com aumento do endividamento e redução da renda disponível para realizar outros gastos, especialmente aqueles de itens não essenciais.

"Assim, a alta da Selic pode prejudicar o volume de vendas e as receitas de companhias do varejo, como redes de supermercados, vestuário, calçados e bens de consumo duráveis, como eletrodomésticos e automóveis."

Como ficam os investimentos com a alta dos juros

Rendimento com a Selic em 10,75% ao ano, em %

Bruto / Com desconto do IR / Com desconto da inflação

Aplicação: Poupança nova* 6,17; Poupança antiga* 6,17; Tesouro SELIC 2,98; CDB banco médio 13,85 / 5,41; CDB banco grande; LC; LCA*; LCI*; RDB; Debênture incentivada* 16,09 / 0

*Investimentos isentos de imposto de Renda
IR de 20% para aplicações com vencimento de 181 a 360 dias. Inflação anual de 5,38% prevista pelo boletim Focus de 31 de janeiro. Fonte: Yubb

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Escalação

O novo presidente da Fiesp, Josué Gomes da Silva, que acaba de assumir o comando da entidade no lugar de Paulo Skaf, nomeou nesta quarta (2) o ex-presidente Michel Temer e o apresentador Luciano Huck como presidentes de dois dos conselhos da entidade. As nomeações fazem parte de uma grande renovação determinada por Josué no início de sua gestão. Outras oito pessoas foram escolhidas para substituir os conselhos da Fiesp, que tem 14 cadeiras.

DANÇA DAS... Os novos conselheiros são Pedro Wongtschowski (Grupo Ultra), Rubens Menin (MRV), José Roberto Ermírio de Moraes (Votorantim), Luciano Coutinho (ex-BNDES), Fábio Barbosa (Gávea Investimentos), Jackson Schneider (Embraer Defesa), o jurista Cesar Asfor Rocha e Murilo Cesar Lemos dos Santos Passos.

...CADEIRAS A advogada Maria Cristina Mattioli, Marta Lívia Suplicy (movimento Virada Feminina), o médico Raul Cutait e Jacyr Costa Filho (ex-Tereos) permanecem, respectivamente, nos conselhos superiores de relações do trabalho, feminino, responsabilidade social e agronegócio.

EM CAMPO Huck vai comandar o conselho superior de economia criativa, cuja função é propor políticas públicas para o desenvolvimento de cultura, tecnologia e criatividade. Já Temer assume o conselho superior de estudos nacionais e política. Os mandatos terminam em dezembro.

TOM DE VOZ O primeiro posicionamento da Fiesp em relação ao Copom, nesta quarta (2), foi interpretado por industriais como um recado mais crítico ao governo do que os sinais de seu antecessor, Paulo Skaf, aliado de Bolsonaro.

BATIDA As marcas JBL e Harman Kardon, de equipamentos de áudio, estão preocupadas com a falsificação de seus produtos no país. No ano passado, a Receita Federal apreendeu mais de 250 mil itens falsificados com as duas marcas. Mais de 60% foram caixas de som portáteis, carro-chefe da fabricante, que vem monitorando as ações da Receita contra a pirataria no Brasil.

APERTA O PLAY Rodrigo Kniest, presidente da Harman do Brasil, afirma que as recorrentes cargas de produtos falsificados prejudicam a empresa, o mercado e a sociedade com sonegação de impostos e com produtos com performance inferior e riscos ao usuário. De acordo com a Receita Federal em Foz do Iguaçu, os eletroeletrônicos correspondem a 11,6% do total de apreensões, totalizando mais de R$ 87 milhões.

A GRANEL A cratera aberta no asfalto da marginal Tietê nesta terça (1º) provocou reclamações de atraso nas entregas de carga na Ceagesp. Houve queixas de demora de até uma hora e meia, mas sem grandes impactos na entrada de mercadorias e veículos.

NO TRILHO A grande pergunta sobre quem vai bancar o rombo da cratera da obra da linha 6-laranja do metrô ainda depende de investigação, mas a expectativa é que o contrato amorteça eventuais disputas entre a concessionária e o poder concedente.

BILHETE Para a advogada Natascha Schmitt, a atualização dos termos em 2020, quando a Acciona assumiu a obra, deve ter ajudado a contemplar elementos de alocação de riscos. "Já foi feito segundo uma lógica mais moderna e mais bem pensada de alocação de risco. Esses contratos novos vêm com dispositivos importantes. Isso é muito importante para segurança jurídica", diz.

CATRACA Segundo o advogado Rodrigo Campos, o documento contém cláusula que prevê o risco de interferência e compartilhamento por terceiros. No caso de haver responsabilidade de um terceiro, a Acciona poderá pedir um ressarcimento pelos danos. Campos diz que o contrato da linha 6 tem ainda cláusula de solução de controvérsia para o caso de divergência sobre a responsabilidade.

MARCHA Apesar da crise global de escassez dos chips, as vendas da Ferrari saltaram de 9.119 para 11.155 veículos, com lucros recordes, no último ano. Segundo a montadora italiana, as vendas para China, Hong Kong e Taiwan dobraram. A marca prevê aumento nos lucros neste ano, para cerca de R$ 7 bilhões.

SOLA A indústria calçadista afirma que recuperou o nível de postos de trabalho anterior à pandemia. No ano passado, foram abertas quase 27 mil vagas, chegando a 266 mil pessoas nas fábricas nacionais, segundo a Abicalçados (associação do setor). É a primeira vez que o setor encerra um ano com saldo positivo de vagas geradas desde 2016.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS

[illegible]

Cheque especial | Empréstimo pessoal

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

[illegible]

Autônomo, empregador e facultativo

Valor mín.	R$ [illegible]	20%	R$ [illegible]
Valor máx.	R$ [illegible]	20%	R$ [illegible]

[illegible]

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ [illegible]	5%	R$ 53,[illegible]

Assalariados	Alíquota
Até R$ 1.[illegible]	7,5%
De R$ [illegible] a R$ 2.[illegible]	9%
De R$ 2.203,49 a R$ 3.305,22	12%
De R$ 3.305,[illegible] a R$ 6.433,5[illegible]	14%

[illegible]

IMPOSTO DE RENDA

em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,[illegible]
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

[illegible]

R$ [illegible]	Valor em R$
Empregado	[illegible]
Empregador	[illegible]

[illegible]

Prova de vida do INSS deixa de ser presencial e se torna automática

Governo cruzará dados digitalmente; bloqueio de benefícios por falta de renovação cadastral está suspenso até 31 de dezembro

Suzana Petropouleas e Ricardo Della Coletta

SÃO PAULO E BRASÍLIA O governo federal anunciou nesta quarta-feira (2) o fim da exigência de prova de vida presencial para aposentados, pensionistas e outros beneficiários do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social). A prova passará a ser feita de forma digital, via cruzamento de dados de bases dos governos federal, estadual e municipal.

Os cerca de 36 milhões de beneficiários que fazem a prova de vida anualmente não precisarão mais se deslocar até uma agência bancária. Se o governo não encontrar nas bases de dados evidências de que o segurado está vivo, irá até sua residência para capturar dados biométricos como digitais e foto do rosto, segundo o presidente do INSS, José Carlos Oliveira.

O INSS informou que tem até o dia 31 de dezembro deste ano para implementar as mudanças necessárias para cumprir a nova portaria.

"Até essa data, o bloqueio de pagamento por falta da comprovação de vida fica suspenso", segundo o INSS.

O governo fará um cruzamento de informações para atestar que o titular do benefício, nos dez meses após seu último aniversário, realizou algum ato registrado em bases de dados próprias do INSS ou mantidas e administradas pelos órgãos públicos federais, informou o órgão.

A portaria com as novas regras foi assinada na manhã desta quarta-feira em cerimônia no Palácio do Planalto, com a presença de Oliveira, do presidente Jair Bolsonaro, do ministro do Trabalho e Previdência Onyx Lorenzoni e do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira.

"A partir de agora a obrigação de fazer a prova de vida é nossa, do INSS. Faremos isso cruzando dados de todas as bases: se o cidadão votou, tirou passaporte, transferiu um imóvel ou veículo, tirou um RG, se fez inclusive uma operação privada, nós vamos aceitar isso como prova de vida", disse Oliveira.

"Se não encontrarmos nenhuma movimentação do cidadão, ainda assim ele não terá que sair de casa. Oferecemos meios para que o servidor ou Correios vá à residência e faça a captura dos dados biométricos na porta da casa do segurado, para que ele não tenha que sair."

O governo informou que o INSS deverá oferecer aos beneficiários de qualquer idade que não fizeram nenhuma movimentação no período analisado formas para que a prova de vida seja realizada sem sair de casa. Para isso, poderão ser utilizados servidores, entidades conveniadas e parceiras, além das instituições financeiras que pagam os benefícios, como a Caixa Econômica Federal.

Até agora, a prova de vida era feita nos bancos responsáveis pelo pagamento, seja no atendimento pessoal, seja pelo caixa eletrônico (com biometria), seja em aplicativos (para algumas instituições).

A prova de vida digital, pelo site ou aplicativo Meu INSS, era uma opção restrita aos segurados que têm biometria facial registrada no Denatran (Departamento Nacional de Trânsito) ou TSE (Tribunal Superior Eleitoral), ou seja, pelas bases de dados da carteira de motorista e do título de eleitor.

Os aposentados e pensionistas que quiserem continuar realizando a prova de vida poderão fazê-la nas agências bancárias, que não podem recusar a realização do procedimento, segundo o governo.

A prova de vida é utilizada para evitar fraudes nos pagamentos de benefícios como aposentadoria e o BPC (Benefício de Prestação Continuada), realizados por meio de conta-corrente, poupança ou cartão magnético.

Em declaração após o evento, o ministro Onyx informou que o governo também deve buscar parcerias com bancos de dados privados para complementar as bases públicas de informação.

Ainda de acordo com o ministro do Trabalho e Previdência, aqueles que já realizam prova de vida pelo aplicativo Meu INSS poderão seguir esse procedimento normalmente.

O QUE SERÁ ANALISADO PARA ATESTAR A VIDA DO SEGURADO

- Registros de vacinação
- Consultas no SUS
- Comprovante de votação nas eleições
- Emissão ou renovação de passaporte
- Emissão ou segunda via da carteira de identidade
- Emissão ou renovação da carteira de motorista
- Operações privadas, ainda não especificadas pelo governo

Trabalhador perdeu com mudanças no órgão, diz estudo

Suzana Petropouleas

SÃO PAULO Pesquisa inédita publicada nesta quarta (2) aponta que mudanças no INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) a partir de 2018 geraram perda da proteção dos brasileiros que buscam voltar ao mercado de trabalho após adoecimento, lesão ou acidente.

O estudo "As transformações recentes no Programa de Reabilitação Profissional do INSS", publicado na revista científica Trabalho, Educação & Saúde, analisou os manuais técnicos de procedimentos do Programa de Reabilitação Profissional do órgão, publicados em 2011, 2016 e 2018.

Os autores mostram que o programa, voltado para a reinserção profissional de trabalhadores que recebem benefícios como o auxílio-doença, sofreu um processo de desestruturação a partir de 2018 e passou a levar em conta apenas a saúde física do segurado, deixando de lado aspectos como a integração social e econômica.

A pesquisa foi conduzida pela analista do INSS e mestre em sociologia Kelen Clemente Silva e por Fernando Kulaitis, professor de sociologia da UEL (Universidade Estadual de Londrina).

A principal mudança, segundo os autores, ocorreu em 2018, a partir da concentração do poder de avaliação do paciente e de decisão nas mãos dos peritos médicos, determinada pelo órgão naquele ano.

Antes, decisões como a aptidão do segurado para participar do programa ou quais novos trabalhos ele poderia exercer eram tomadas em conjunto, com a presença do trabalhador, do médico e de um profissional de referência, como psicólogo, fisioterapeuta, assistente social ou psiquiatra. Pesavam se critérios sociais, econômicos e culturais, além de seu potencial e aptidões, segundo o estudo.

"Este foi o maior problema que encontramos: as decisões agora ficarem concentradas no médico perito, desconfigurando toda a proteção à saúde do trabalhador. O segurado fica desprotegido porque não tem mais uma avaliação da escolaridade, do perfil, de onde mora, sua questão familiar. O perito avalia só a restrição física", diz Silva. "As outras questões que interferem no retorno ao trabalho não são consideradas."

A longo prazo, na avaliação da pesquisadora, a mudança resulta em dificuldades para o trabalhador se reinserir no mercado de trabalho, tornando-o sujeito a trabalhos mais precários e mais suscetível a voltar a depender da assistência social.

Rômulo Saraiva estreia no site da Folha coluna que busca decifrar a Previdência

SÃO PAULO O advogado especialista em Previdência Social e consultor Rômulo Saraiva é o novo colunista da Folha. A coluna estreou nesta quarta (2), com textos publicados semanalmente no site.

Autor do livro "Fraude nos Fundos de Pensão" e mestre em direito previdenciário pela PUC-SP, Saraiva é professor universitário e membro da comissão de Seguridade Social da OAB de Pernambuco.

A coluna trará informações sobre direito previdenciário que tenham relevância para aposentados do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) e trabalhadores da iniciativa privada.

A proposta é analisar novidades do mundo previdenciário e mostrar os efeitos práticos de mudanças na legislação, nas normas administrativas e na jurisprudência.

"Será dado um olhar em relação ao que acontece de mais relevante nos tribunais espalhados pelo país para debater os problemas e a insegurança jurídica que pairam nas regras previdenciárias. Também pretendo analisar as dificuldades que os trabalhadores enfrentam para terem seus direitos reconhecidos pelo INSS", afirma o advogado.

As mudanças na legislação previdenciária e entraves na concessão de benefícios nas agências do INSS são fatores que dificultam e, muitas vezes, impedem o acesso a benefícios e revisões, avalia.

"Quando não são conhecidos seus direitos, uma das consequências mais nefastas é a privação de uma renda de caráter alimentar. O INSS responde por quase metade de todas as demandas na Justiça Federal em todo o Brasil", afirma o advogado.

Em sua primeira coluna, Saraiva explica como o comércio ilegal de dados do INSS expõe os trabalhadores e os aposentados.

O INSS responde por quase metade de todas as demandas na Justiça Federal em todo o Brasil

Rômulo Saraiva
advogado especialista em Previdência e novo colunista da Folha

Sinais da elite para Lula

Centrão e até donos do dinheiro dão sinais de que podem aderir ao petista

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Partidos do centrão, quase o Congresso inteiro, e gente "do mercado" dão sinais de que Lula da Silva (PT) pode ser também para eles a alternativa incontornável, se por mais não fosse porque a opção, até agora, é Jair Bolsonaro (PL).

Ainda é muito cedo, em especial para políticos e "o mercado", que precisam de perspectivas menos incertas antes de fazerem seus arranjos. Faltam oito meses para o primeiro turno, mas algumas características da política e da economia destroçadas do Brasil talvez induzam certa precipitação ou conformismo.

No PSD, no MDB, no Republicanos (Igreja Universal), no PSC há adeptos da debandada pró-Lula. Tantos que esses partidos podem ser incapazes de "fechar questão" em favor de tal ou qual candidatura. É esse o caso mesmo do PP, dos regentes do governo Bolsonaro, Ciro Nogueira, ministro da Casa Civil, e Arthur Lira, presidente da Câmara. No PP, a conversa é liberar "acordos regionais" (aderir a Lula ou ficar "neutro" até saber em qual barco pular).

Adesão a vitoriosos sempre houve, claro. Com a fragmentação partidária ainda maior, com partidos ainda menores, quaisquer meia dúzia de evasões tende a provocar "rachas". Apenas dois partidos têm mais de 50 deputados (PSL e PT); apenas outros dois têm mais de 40 (PL e PP).

Como Lula é particularmente forte no Nordeste, o regionalismo de conveniência contribui para os "rachas". O Nordeste tem quase 30% das cadeiras da Câmara. Dado que Bolsonaro tem por ora apenas um quarto dos votos e aversão maior em grandes cidades, o racha dos governistas deve ser significativo também no Sudeste (quase 35% da Câmara).

É fato que dois partidos maiores de extrema direita ou quase isso estão para se formar. O PL de Bolsonaro pode ter de 60 a 70 deputados com a migração dos bolsonaristas do PSL para o nacional-mensalismo. A União Brasil pode ter bancada semelhante, juntando ao DEM o resto do PSL, entre outros, embora nesse novo partido direitista existam lulistas de ocasião.

Essa conta é meio boba, se levada ao pé da letra. Coalizões não garantem votos presidenciais, claro, vide as eleições de 1989 e 2018 (duas eleições também particulares, de ruína de políticos dominantes) ou mesmo a de 2006. Com celulares a propagar ondas de loucura e mentira, o resultado fica menos previsível.

A depender da distância em que estiver de Bolsonaro lá por abril, Lula ainda pode ser objeto de campanha de trituração — a depender também de sua viagem ao centro, da quantidade de mingau que comerá pelas bordas (até do PSDB ou do PDT de Ciro Gomes) e da "conciliação nacional" que vai propor.

"Conciliação" é a palavra em que parte do "mercado", elite da finança, presta atenção. "Ruim com Lula, pior com Bolsonaro e terceira via não existe" é uma conversa que se ouve. Apenas nomear um vice decorativo, um Geraldo Alckmin, é pouco, mas sinal de boa vontade. Um acordo maior no Congresso e um programa econômico convencional para início dos trabalhos, ao menos, é uma possibilidade que acalmaria qualquer dono de dinheiro e diminuiria as chances de um governo Lula 3 naufragar já em 2023 —ninguém aguenta mais ruína econômica persistente, fora os golpistas. A gente já vê aqui e ali gente do "mercado" ou seus porta-vozes dizerem tal coisa em público.

Na reabertura do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD), presidente do Senado, disse na fuça de Bolsonaro que não vai tolerar propaganda de mentiras em massa por celular, ameaças à legitimidade da votação e investidas autoritárias. O clima não está bom para Bolsonaro, embora os primeiros acordos informais da política sejam fechados apenas lá por volta de abril. Acerto firme, apenas em setembro, se a eleição estiver com uma cara definida, dizem cabeças e chefes da política.

Produção da indústria sobe 3,9% em 2021, mas permanece no nível de 2009

Setor avança após dois anos de queda, porém se mantém abaixo do patamar pré-pandemia

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO Após dois anos em queda, a produção industrial brasileira voltou a crescer, com alta de 3,9% no acumulado de 2021, informou nesta quarta-feira (2) o IBGE.

O resultado, porém, é associado em grande parte a uma base de comparação fragilizada. Em 2020, ano inicial da pandemia, o indicador havia amargado tombo de 4,5%, após queda de 1,1% em 2019.

Mesmo com o resultado positivo no acumulado de 2021, o maior desde 2010 (10,2%), a produção das fábricas não conseguiu recuperar o patamar pré-coronavírus. Em dezembro, ficou em nível 0,9% inferior ao de fevereiro de 2020, antes dos efeitos da Covid.

Segundo André Macedo, gerente da pesquisa do IBGE, o patamar atual da produção industrial é similar ao do começo de 2009. À época, a economia global tentava se recuperar da crise de 2008. A comparação reforça a ideia de que o setor esbarra em dificuldades para avançar no país.

No recorte mensal, a produção subiu 2,9% em dezembro ante novembro de 2021. A alta veio após estagnação (0%) no mês anterior, que interrompeu a sequência de cinco quedas do indicador.

O desempenho de dezembro surpreendeu. Analistas consultados pela Bloomberg projetavam avanço de 1,6%.

Macedo disse que o crescimento traz uma sinalização positiva para o setor. O resultado, entretanto, também está bastante associado a uma base de comparação fragilizada, avaliou o técnico.

Nesta quarta, o IBGE informou ainda que, em relação a dezembro de 2020, a produção das fábricas caiu 5%. Nesse recorte, as estimativas de analistas sinalizavam retração maior, de 5,9%.

Macedo lembrou que, mesmo com a alta acumulada em 2021, a indústria passou a dar indícios de perda de fôlego no decorrer do ano.

"Em 2021, houve uma característica decrescente ao longo do ano, uma vez que houve ganho acumulado de 13% no primeiro semestre, e, posteriormente, o setor industrial mostrou redução de fôlego."

No segundo semestre, a produção recuou 3,4%. "Os resultados positivos dos primeiros meses do ano tinham relação com uma base de comparação muito depreciada, já que em 2020 houve perdas bastante intensas para a indústria."

No acumulado dos 12 meses de 2021, a produção teve resultados positivos em 18 das 26 atividades investigadas pelo IBGE. Os destaques vieram de veículos automotores, reboques e carrocerias (20,3%), máquinas e equipamentos (24,1%) e metalurgia (15,4%).

"É um ano em que a indústria cresce sobre um período de muita perda. Essa também é uma característica da atividade de veículos automotores, que, em 2020, teve acumulado no ano de -27,9%", disse.

Para o economista Rafael Cagnin, do Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), o crescimento em 2021 significa um simples "efeito estatístico" depois de dois anos de queda.

Ele afirma que o setor já vinha em dificuldades antes da pandemia. De acordo com o IBGE, a produção industrial caiu em 6 dos últimos 10 anos.

"O crescimento de 3,9% tem de ser analisado nesse contexto", diz Cagnin. "A reação passa pela retomada de reformas e pela conscientização de que, além de enxergar os problemas do passado, o país precisa olhar para o futuro e as transformações tecnológicas do mundo", acrescenta.

A escassez de insumos ainda é apontada como um problema que atinge parte das fábricas. A falta de componentes é associada à pandemia, que desalinhou cadeias produtivas globais. Montadoras de veículos, por exemplo, chegaram a paralisar linhas de produção devido ao quadro.

A falta de insumos tem sido acompanhada pelo aumento de preços. Em 2021, a inflação de mercadorias usadas pela indústria acumulou alta de 28,39%, de acordo com o IPP (Índice de Preços ao Produtor).

O avanço foi o maior já registrado na série histórica, iniciada em 2014. O IPP, outro indicador do IBGE, mede a variação dos preços na porta de entrada das fábricas, sem o efeito de impostos e fretes.

Analistas consideram que a escalada da inflação para o consumidor brasileiro e a renda do trabalho em queda também representam um obstáculo para a recuperação industrial. Em conjunto, os dois fatores dificultam a compra de bens por parte das famílias.

"Há os reflexos da pandemia no processo produtivo, como encarecimento dos custos de produção e falta de matérias-primas, e, também, pelo lado da demanda doméstica, inflação em patamares mais elevados e mercado de trabalho que, embora tenha mostrado algum grau de recuperação, ainda é muito caracterizado pela precarização das condições de emprego, com salários menores", pontuou Macedo.

Na comparação com novembro, a expansão de 2,9% da indústria geral foi puxada pela produção de veículos automotores, reboques e carrocerias. O segmento subiu 12,2% em dezembro. Foi o quarto mês consecutivo de crescimento —período com ganho acumulado de 17,4%.

Outra contribuição em dezembro veio da atividade de produtos alimentícios, que subiu 2,9%. O avanço se deve, principalmente, à produção de açúcar e à volta da exportação de carne bovina para a China, diz o IBGE.

Para Macedo, ainda é prematuro avaliar se a alta mensal representa ou não o início de uma reversão das perdas na produção industrial.

Conforme o economista João Leal, da Rio Bravo Investimentos, após a divulgação do dado de dezembro das fábricas, é possível projetar PIB com avanço de 0,2% a 0,3% no quarto trimestre de 2021. A estimativa atual da casa, que deve ser revisada nos próximos dias, é de variação menor, de 0,1%.

Porém, Leal diz que o cenário para a indústria e a economia como um todo continua complicado. "O começo de 2022 deve ter problemas de oferta, com lockdown na China e fechamento de alguns portos. Além disso, há os efeitos sobre a demanda, com inflação elevada e recuperação do mercado de trabalho marcada por salários mais baixos."

Na visão de economistas, a produção industrial tende a andar de lado neste ano, com crescimento um pouco acima de zero no acumulado até dezembro. A incerteza do período eleitoral, o risco de novas variantes do coronavírus, que podem impactar a produção de insumos no mundo, e a pressão inflacionária estão entre as principais ameaças de 2022, diz Cagnin, do Iedi.

"O cenário não é muito favorável. Devemos ter PIB estagnado, com inflação elevada, renda fragilizada e juros altos. Isso compromete o desempenho da indústria."

Leal, da Rio Bravo, tem avaliação semelhante. "Teremos efeito da inflação ainda elevada e o impacto dos juros. Então, o cenário não é positivo."

A maior parte das atividades industriais ainda está abaixo do pré-pandemia. Em dezembro de 2021, 16 das 26 pesquisadas operavam em patamar inferior ao de fevereiro de 2020.

A mais distante do pré-crise é manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos —24,9% abaixo do pré-pandemia.

A indústria extrativa é a única que está no mesmo nível do pré-pandemia. As outras nove atividades analisadas estão acima. Nesse caso, o destaque vai para produção de máquinas e equipamentos, que operava, em dezembro, 16,5% acima do pré-crise.

Produção industrial no Brasil

Nível da produção
Em pontos, base = 100
100, 90, 80, 70, 60
87,4 Pré-pandemia
86,6
fev.20 — dez.21

Variação ante o mês anterior
Em %
3, 2, 1, 0, -1, -2, -3
0,2
2,9
jan.21 — dez.21

Acumulado no ano
Em %
4, 2, 0, -2, -4, -6, -8, -10
-2,3
3,9
2012 — 2021

Fonte: IBGE

Volvo anuncia investimento de R$ 1,5 bilhão em caminhões

Eduardo Sodré

SÃO PAULO O grupo Volvo América Latina anunciou nesta quarta (2) um novo ciclo de investimentos no Brasil. Será aplicado R$ 1,5 bilhão entre 2022 e 2025, com foco em pesquisa e desenvolvimento.

A empresa, que tem fábrica em Curitiba, fechou 2021 como líder no segmento de caminhões pesados. O destaque foi o FH 540, que teve 8.935 unidades emplacadas e foi o mais vendido do país entre todas as categorias.

No total, a montadora de origem sueca fechou o ano com 21.823 caminhões comercializados, alta de 45,7% em relação a 2020. O resultado foi melhor que a média do mercado.

No geral, as vendas do segmento tiveram alta de 42,8% no mesmo período, segundo a Fenabrave (associação dos distribuidores de veículos).

Wilson Lirmann, presidente do grupo Volvo na América Latina, confirma que o agronegócio foi o principal responsável pelo crescimento da marca no Brasil, mas os problemas de infraestrutura são um desafio para os negócios.

"O agro demanda produtos cada vez mais sofisticados, com grande vantagem competitiva da porteira para dentro. Mas, da porteira para fora, há grandes deficiências", afirma o executivo.

Uma das preocupações de Lirmann é a perda de competitividade da indústria nacional, o que reduz as possibilidades de exportar para além da América do Sul, embora caminhões de uso global sejam montados aqui.

Venda de veículos recua 39% em janeiro

SÃO PAULO Nenhum empresário do setor automotivo esperava bater recordes de vendas em janeiro, mas o resultado alcançado agora ficou bem abaixo das expectativas.

As vendas de veículos leves e pesados tiveram queda de 38,9% em comparação a dezembro, segundo dados do Renavam (Registro Nacional de Veículos Automotores).

Em um cenário normal de início de ano, essa retração deveria estar entre 15% e 25%.

Foram emplacadas 126,5 mil unidades. O resultado inclui carros de passeio, comerciais leves, caminhões e ônibus.

Em relação a janeiro de 2021, a queda registrada agora é de 26,1%. Naquele mês, a ilusão de que a pandemia de Covid-19 estava sob controle começava a se dissipar.

A antecipação das compras que tradicionalmente ocorre no fim do ano e o período de férias —das montadoras e de seus clientes— ajudam a explicar o que aconteceu. Mas há outros fatores envolvidos, e o principal deles é a queda nos estoques.

"O resultado é conjuntural e acontece, principalmente, em razão dos baixos estoques das concessionárias em dezembro, e da persistente falta de produtos, ainda provocada pela escassez de insumos e componentes", afirmou o presidente da Fenabrave, José Maurício Andreta Jr.

Com Reuters

mercado

Aeroportos de MG passam ao bloco de Congonhas em leilão

Terminais estavam com Santos Dumont, que agora ficará sozinho em certame

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO O bloco de aeroportos liderado por Congonhas, em São Paulo, tem capacidade financeira para absorver os três terminais mineiros que iriam a leilão com o Santos Dumont, no Rio, defendeu na terça-feira (1º) o secretário nacional de Aviação Civil do Ministério da Infraestrutura, Ronei Glanzmann.

Congonhas e Santos Dumont são considerados as joias da coroa da sétima rodada de concessões aeroportuárias, prevista pelo governo federal para o primeiro semestre.

Em um aceno a políticos e empresários fluminenses, o Ministério da Infraestrutura informou na segunda (31) que o Santos Dumont será leiloado sozinho, não em um bloco com os terminais mineiros de Montes Claros, Uberlândia e Uberaba, além do aeroporto de Jacarepaguá (RJ).

Com isso, houve um redesenho dos lotes em disputa, e o trio de Minas foi adicionado ao grupo liderado por Congonhas. O bloco capitaneado pelo terminal paulista já contava com aeroportos de Mato Grosso do Sul e do Pará — Campo Grande (MS), Corumbá (MS), Ponta Porã (MS), Santarém (PA), Marabá (PA), Carajás (PA) e Altamira (PA).

"O Ministério da Infraestrutura (Minfra) realiza o estudo de cada aeroporto, individualizado, e para cada ativo identifica o valor presente líquido, fluxo de caixa livre do aeroporto, previsão de investimentos, receitas e despesas", disse Glanzmann em nota encaminhada à Folha.

"Então, a partir dessa estratégia de política pública, o Minfra identificou que o bloco que inclui o aeroporto de Congonhas tem valor presente líquido para absorver os aeroportos do estado de Minas Gerais", completou.

Para o economista Gesner Oliveira, sócio da GO Associados, a inclusão dos três aeroportos mineiros não deixa menos atrativo o bloco de Congonhas.

"Nesse caso, estamos falando de regiões muito dinâmicas economicamente. O bloco ainda pega um eixo muito forte", diz Oliveira, que também coordena o Centro de Estudos de Infraestrutura e Soluções Ambientais da FGV (Fundação Getulio Vargas).

O redesenho dos blocos da sétima rodada veio após o modelo de concessão do Santos Dumont virar alvo de impasse e troca de farpas.

No Rio, a separação do terminal na disputa é vista como uma tentativa do governo federal de dialogar com o estado e acalmar os ânimos.

A medida, contudo, não eliminou o principal ponto de discórdia da concessão, que é a possibilidade de ampliação de voos no Santos Dumont.

Lideranças fluminenses consideram que um grande aumento da oferta, após o leilão, colocaria em xeque as operações do aeroporto internacional do Galeão, também localizado no Rio.

A avaliação é que haveria chance de canibalização entre os empreendimentos, o que poderia dificultar ainda mais a retomada do Galeão no pós-pandemia.

Inicialmente, o governo federal se mostrou favorável à ampliação dos voos no Santos Dumont.

"A inclusão dos três aeroportos mineiros no bloco traria necessidade de mais investimentos para o futuro concessionário. Isso iria gerar uma pressão para trazer um número maior de voos para o Santos Dumont", disse na segunda-feira à Folha o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Simplificação do Rio, Chicão Bulhões.

"A retirada é positiva, mas a modelagem vai precisar ser discutida no grupo de trabalho", acrescentou.

A sétima rodada de concessões envolve 16 aeroportos. O Ministério da Infraestrutura projeta investimentos na casa dos R$ 8,63 bilhões. Antes de fazer o redesenho do certame, os ativos seriam distribuídos em três lotes. Agora, são quatro.

Pelo edital original, Congonhas também teria em seu bloco o terminal de Campo de Marte (SP). Esse empreendimento foi unido a um novo lote, dedicado à aviação executiva, com Jacarepaguá. Anteriormente, o terminal fluminense fazia parte do grupo do Santos Dumont.

"Os dois aeroportos [Campo de Marte e Jacarepaguá] têm características únicas. São aeroportos voltados para aviação executiva, com grande potencial de exploração imobiliária, o que resulta em um alto valor de mercado perante os investidores. Os blocos foram pensados neste sentido", diz o secretário Glanzmann.

O bloco Norte II, formado por Belém (PA) e Macapá (AP), não teve alterações. As mudanças anunciadas pelo governo federal ainda precisam passar por análise do TCU (Tribunal de Contas da União).

Como fica o bloco de Congonhas

- Montes Claros (MG)
- Uberaba (MG)
- Uberlândia (MG)
- Campo Grande (MS)
- Corumbá (MS)
- Ponta Porã (MS)
- Altamira (PA)
- Carajás (PA)
- Marabá (PA)
- Santarém (PA)

Bolsonaro pede ao Congresso poder para zerar impostos do diesel

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA Em meio a discussões no governo sobre uma proposta para reduzir a tributação de combustíveis, o presidente Jair Bolsonaro (PL) fez um apelo, nesta quarta-feira (2), a parlamentares por apoio a uma medida que lhe permita zerar impostos federais sobre o diesel sem compensação de receita.

"Peço agora ajuda aos parlamentares aqui. Ninguém vai fazer nenhuma barbaridade, mas quero que emergencialmente me deem os poderes de zerar o imposto do diesel — do gás de cozinha nós já zeramos —, para enfrentar esses desafios", afirmou Bolsonaro, durante cerimônia em alusão a novas regras de prova de vida do INSS.

Ao fazer a declaração, Bolsonaro também ressaltou que o governo busca uma alternativa para conter o preço dos combustíveis.

O governo discutiu, durante as últimas semanas, o envio de uma PEC (proposta de emenda à Constituição) para mexer na tributação de combustíveis. A PEC seria usada para permitir a redução de alíquotas sem necessidade de compensação, afastando exigências da LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal).

A equipe do ministro Paulo Guedes (Economia) já convenceu Bolsonaro a limitar o alcance da desoneração apenas ao diesel, o que reduz o impacto da medida até R$ 17 bilhões. Um corte de alíquotas que alcançasse também gasolina, etanol e energia elétrica poderia custar mais de R$ [illegible] bilhões.

Na segunda-feira (31), Bolsonaro disse que o governo desistiu de enviar ao Congresso a PEC. A solução, disse ele, deve vir do próprio Congresso.

O governo já vinha desidratando a proposta original, principalmente por resistências internas. Primeiro, desistiu da criação de um fundo para estabilizar os preços, depois, limitou os benefícios da PEC ao diesel.

Prefeitura Municipal de Boracéia
AVISO DE LICITAÇÃO
Concorrência 01/2022
Objeto: Alienação, por venda, de área de terra. Abertura: 07/03/2022 às 9h00. Edital: www.boraceia.sp.gov.br

Departamento Autônomo de Água e Esgotos
AVISO DE LICITAÇÃO

CGG DO BRASIL PARTICIPAÇÕES LTDA.
Licença de Pesquisa Sísmica

SINDICATO DOS PROFESSORES DE LEME, PIRASSUNUNGA, PORTO FERREIRA E DESCALVADO - SINPRO UNICIDADES

SINDICATO DOS PROFESSORES DE MOGI GUAÇU E ITAPIRA

PECINI perplan

AVISO DE LICITAÇÃO Sesc

O Serviço Social do Comércio – Administração Regional no Estado de São Paulo, nos termos da Resolução nº [illegible] de [illegible], publicada na seção 3 do Diário Oficial da União – Edição nº 144 de 26/07/2012, bem como o que dispõe o art. 2º da Resolução nº 1428/2020, prorrogada pelas Resoluções nºs 1456/2020, 1468/2021 e 1493/2021, torna pública a abertura das seguintes licitações:

MODALIDADE: Pregão Eletrônico

Objetos:
PE 2022012000017 – Fornecimento e serviços de instalação de câmara frigorífica modular para a Unidade Guarulhos. Abertura: 23/02/2022 às 10h30
PE 2022012000023 – Aquisição de veículo caminhonete – tipo furgão médio – para a Administração Central. Abertura: 23/02/2022 às 10h30
PE 2022012000032 – Serviços de transporte de passageiros para Diversas Unidades. Abertura: 18/02/2022 às 10h30
PE 2022012000034 – Serviços especializados de vigilância e segurança patrimonial armada e desarmada, para a Unidade Carmo. Abertura: 31/02/2022 às 10h30
PE 2022012000035 – Serviços especializados para a reforma parcial – adequação de sala para a implantação do "Programa Mesa Brasil" na Unidade Jundiaí. Abertura: 16/02/2022 às [illegible]
A consulta e aquisição dos editais estão disponíveis no endereço eletrônico portal.sescsp.org.br mediante inscrição para obtenção de senha de acesso.

RATIFICAÇÃO

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
EDITAL
ALINE CRISTINA ANTUNES DE SOUZA
Diretora do Serviço de Compras

Compass Gás e Energia S.A.

Superbac Biotechnology Solutions S.A.
Cotia/SP, 31 de janeiro de 2022
Luiz Augusto Chacon de Freitas Filho
Presidente do Conselho de Administração

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO SEBASTIÃO
EDITAL DE TOMADA DE PREÇOS Nº 019/2021
PROCESSO Nº 17.211/2021
Objeto: Contratação de empresa especializada em serviços de engenharia para construção de mirantes, na Praia Brava e Praia da Enseada, com fornecimento de material e mão de obra, em atendimento à Secretaria de Turismo. Tipo: Menor preço global. Data e horário para apresentação dos envelopes documentos e propostas: até 23/02/2022 às 09:30h. Data e horário abertura sessão: 23/02/2022 às 10:00h. Endereço para obtenção: Av. Gdo Mor Lobo Viana, 427 bl b sl 6 – Centro São Sebastião/SP – Secretaria de Obras. Taxa para adquirir o edital R$4,00 ou gratuitamente no site www.saosebastiao.sp.gov.br. São Sebastião, 02 de fevereiro de 2022. Adriana Augusto Balbo Verhaeghe – Secretária de Turismo

Lucro do Santander cai 10,6% no 4º trimestre

Em 2021, ganhos sobem 7%, para R$ 16,3 bi; com alta do juro, banco prevê freio no crédito e aumento na inadimplência

Lucas Bombana

SÃO PAULO O banco Santander Brasil registrou um lucro líquido de R$ 4,34 bilhões no quarto trimestre de 2021, o que corresponde a uma queda de 10,6% na comparação com o mesmo período do ano anterior, segundo balanço divulgado nesta quarta-feira (2).

No acumulado do ano passado, o lucro líquido da instituição financeira alcançou a marca de R$ 16,347 bilhões, alta de 7% ante 2020.

Contribuiu para os resultados do Santander Brasil a evolução de 3,8%, na comparação trimestral, e de 12,4%, em bases anuais, da carteira de crédito, que encerrou dezembro em R$ 462,74 bilhões.

"Todos os segmentos apresentaram crescimento do saldo em 2021, com destaque para a consistência do segmento de pessoa física, que contribuiu com 52,4% da variação anual da carteira de crédito total, e de PMEs, que representou 13,7% da variação", informa o banco.

O crédito à pessoa física fechou o ano em R$ 210,24 bilhões, aumento de 20,6%. Os produtos que apresentaram as maiores contribuições positivas foram crédito pessoal/outros (+33,9%), cartão de crédito (+23,2%), crédito imobiliário (+20,5%) e consignado (+10,8%).

Já o índice de inadimplência superior a 90 dias terminou o ano passado em 2,7%, um crescimento de 0,6 ponto percentual ante dezembro de 2020 e de 0,3 ponto em relação a setembro de 2021.

Entre os clientes pessoa física, a inadimplência atingiu 3,6% em dezembro, aumento de 0,66 ponto percentual no ano e de 0,15 ponto no trimestre. No caso da pessoa jurídica, a taxa de inadimplência foi de 1,3%, aumento de 0,45 ponto percentual no ano e estabilidade no trimestre.

"Em um cenário macroeconômico mais desafiador, nossos indicadores de crédito permanecem controlados, com leve tendência, já prevista, da deterioração da inadimplência", disse Angel Santodomingo, diretor financeiro do Santander Brasil, no relatório.

De acordo com Sérgio Rial, presidente do conselho de administração do Santander Brasil, o ambiente macroeconômico aguardado para 2022, com os juros de volta à casa dos dois dígitos, deve trazer na esteira uma desaceleração no ritmo de expansão do crédito, com aumento da inadimplência.

"Acho que a gente vai ver naturalmente uma desaceleração no crédito imobiliário, quando comparamos com os últimos dois anos. Essa desaceleração vai ocorrer", diz Rial, durante entrevista à imprensa nesta quarta para comentar os resultados do banco.

A carteira de crédito imobiliário à pessoa física do Santander Brasil registrou crescimento de 20,5% em 2021, para R$ 52,9 bilhões.

Por outro lado, Rial acredita que as pequenas e médias empresas (PME) representam um segmento de mercado que pode manter um aquecimento maior dentro da carteira de crédito do banco ao longo dos próximos meses.

Ele prevê também que a inadimplência deva manter a tendência de alta observada no último exercício, se aproximando de patamares mais próximos de 3%.

"A gente vai continuar muito focado em crescimento e sem com isso abrir mão da qualidade de gestão de risco", afirmou o executivo.

Santander Brasil

Lucro líquido (4º tri de 2021): R$ 4,34 bilhões
Agências: 1.987
Funcionários: 48.834
Clientes: 53,4 milhões
Principais concorrentes: Itaú Unibanco, Bradesco, Banco do Brasil, Caixa

---

Combate ao retrocesso nas cotas

Lei poderá ser revista, e é preciso se manifestar pela manutenção das ações afirmativas

Cida Bento

Conselheira do Ceert (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades), é doutora em psicologia pela USP

"Quando a universidade pública abriu as portas e ampliou a diversidade, ela melhorou", diz Angélica Minhoto, que foi pró-reitora de graduação da Unifesp e participou de estudo realizado com seis universidades federais e com seis universidades particulares visando conhecer o impacto do sistema de cotas sobre a performance do alunado.

O estudo concluiu que, após a adoção das ações afirmativas, a maior parte das instituições "teve um ganho na nota média da prova de conhecimentos específicos", conforme o Relatório Técnico de 2021 do Centro de Estudos Sociedade Universidade e Ciência vinculado à Universidade Federal de São Paulo.

Outros estudos mostram que os ambientes universitários tornam-se mais democráticos, como estudo do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), de 2019, que aponta que a Lei de Cotas aumentou em 39% a presença de estudantes negros e indígenas vindos de escolas públicas, nas instituições federais, nos quatro primeiros anos do programa.

A despeito desses resultados positivos, alguns intelectuais vêm ressurgindo na grande mídia e, em suas manifestações, atacam as políticas que visam o combate ao racismo e a promoção da equidade racial, bem como atacam lideranças negras que se destacam nesse processo de luta por uma sociedade efetivamente democrática.

Vários deles assinaram um manifesto contra cotas, que teve mais de uma centena de assinaturas e foi publicado pela Folha *em 30 de maio de 2006, no qual se destacaram argumentos como "almejamos um Brasil no qual ninguém seja discriminado, de forma positiva ou negativa, pela sua cor [...]".*

Mas não se registram manifestos desses intelectuais contra a ausência de negros e indígenas nas universidades. Eles demonstraram sua discordância quando esses espaços, antes monolíticos, começaram a se tornar mais plurais e a cara da universidade brasileira começou a ter um pouco a cara do Brasil.

Isso acontece justamente em 2022, quando a lei de cotas no ensino superior, sancionada em agosto de 2012, poderá ser revista e num período em que proliferam projetos nas duas Casas legislativas propondo mudanças na lei, fazendo com que os movimentos sociais se organizem para identificar e impedir as iniciativas que veiculem retrocessos.

Enfim, esse cenário me lembra um texto de Henry Giroux que argumenta que a expansão dos direitos das chamadas "minorias" na década de 1980, nos Estados Unidos, gerou forte reação e medo da perda de privilégios de alguns segmentos brancos da classe média que se sentiram alvo de um preconceito racial às avessas.*

Esse sentimento de ameaça foi capitalizado pelo Partido Republicano, que passou a atacar agressivamente as políticas de ação afirmativa, propondo redução de gastos sociais e a destruição do Estado de bem-estar.

Isso ocorreu há 40 anos em outro país, mas parece estar acontecendo no Brasil de hoje.

Mas no Brasil de hoje crescem também outras manifestações, como as de organizações privadas que, após a morte de George Floyd, são pressionadas para que seus investimentos financeiros foquem organizações públicas, privadas e da sociedade civil que tomem medidas concretas para lidar com a injustiça racial e que fortaleçam organizações que lutam pela equidade.

Está aí uma oportunidade para que essas organizações, dentre elas a Folha, *se manifestem publicamente pela manutenção das ações afirmativas e cotas e apoiem outro futuro para a juventude negra que não seja a violenta interrupção de suas vidas, como ocorreu com Moïse Kabagambe no quiosque Tropicália, na Barra da Tijuca, quando cinco "valentões" o espancaram selvagemente até a morte.*

* Henry Giroux, "Towards a Pedagogy and Politics of Whiteness". Harvard Educational Review, v. 67, nº 2, pp. 285-320, verão 1997

DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. **Nelson Barbosa** | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Marcas tentam faturar com NFT até de calcinha

Modernidade e aproximação do público jovem são atrativos para empresas ao lançar produtos digitais, diz especialista

Daniela Arcanjo

SÃO PAULO Após o boom do ecommerce na pandemia, marcas de diferentes segmentos começam a apostar em um mercado ainda mais tecnológico: a venda de registros de produtos digitais na internet —ou NFTs, para os iniciados no metaverso.

Nivea, Nike e as brasileiras Pantys, de calcinhas absorventes, e Alpargatas, dona da Havaianas, são alguns dos conhecidos nomes do público que lançaram artes digitais nesse formato.

A Alpargatas foi uma das primeiras no Brasil, em maio. O primeiro leilão foi o do gif nomeado "Happy Feet", arrematado por R$ 5.600. Parte do lucro foi revertida para doações.

Já a Nivea entrou no mercado em dezembro com uma arte chamada "The Value of Touch" (o valor do toque) na plataforma Polygon Scan.

Tokens não fungíveis, ou NFTs na sigla em inglês, criam assinaturas que permitem singularizar o que se tornou banal e facilmente reproduzível na internet. É assim que memes, tuítes e peças de arte que não existem fisicamente estão sendo comercializados por milhões de dólares em plataformas especializadas.

Para tal feito, é usada a mesma tecnologia das criptomoedas: o blockchain, uma espécie de sistema verificador de transações descentralizado e independente de bancos centrais. É possível compará-lo a um livro-caixa global que faz registros de informações —todas públicas, embora anônimas, já que cada usuário é identificado por meio de um código. Sua transação acontece em uma rede descentralizada de internet chamada ethereum (da criptomoeda ether).

O mercado é bilionário. Até terça-feira (1º), NFTs movimentaram quase US$ 20,876 bilhões, dos quais cerca de US$ 2,310 bilhões foram no ramo da arte, segundo dados da plataforma Non Fungible.

Uma vez comprado, é possível revender o NFT, mas não a obra, o que impossibilita o comprador de comercializar a arte em plataformas de música e no mundo físico.

Diante disso, é comum perguntar-se para que, então, comprar o criptoativo. A resposta reside especialmente na revenda: por ser insubstituível e exclusivo, a aposta é que esse registro se valorize no futuro.

Emily Ewell e sua sobrinha, Maria Eduarda Camargo, resolveram fazer a aposta. Na segunda (31), a Pantys, marca delas, lançou 33 artes entre fotos, vídeos e gifs em NFT. São imagens ligadas ao universo em que atuam, de calcinhas absorventes para menstruação. Cada compra terá parte do seu lucro destinada a doações.

As peças são comercializadas em uma espécie de leilão na plataforma OpenSea, e o valor mínimo é US$ 40,66 (R$ 215,29), ou 0,015 ether.

Ewell, que é americana, foi visitar a família nos Estados Unidos em dezembro do ano passado e ficou surpresa com a popularidade do tema por lá.

"Na Pantys a gente sempre olhou para conteúdo digital como se fosse um produto mesmo. Os clientes o consomem entre as compras e às vezes traz até mais valor no dia a dia do que comprar as calcinhas, que vão durar de dois a três anos."

Dessa vez, explica, o conteúdo digital realmente teria um preço. E se alinha com parte do posicionamento da marca, que vende a ideia de modernidade, juventude, tecnologia.

"É um espaço muito masculino o de criptomoedas e tecnologia. A comunidade feminina é menor", diz Ewell.

Para o professor de finanças na ESPM Alexandre Ripamonti, a entrada das marcas no metaverso é uma tendência para 2022. "Imagina que você sabe que vai dar sol. Você tem que estar preparado para ir para a praia", diz.

Além da valorização do NFT, a marca também pode ter ganhos —ou perdas— se escolher preservar criptomoedas na transação.

Além de eventual valorização dos ativos, o especialista diz que o metaverso é mais um lugar para expandir a posição da marca. "Estar presente lá é estar presente em algo que vai ligar a sua marca à inovação, ao público jovem, ao mercado digital", afirma.

Apesar de ser um universo aparentemente promissor, a cabeça do empresário que vai se aventurar pelos NFTs deve ser a de um investidor de altíssimo risco.

Há alguns meses especialistas vêm alertando para a formação de uma bolha no mercado de criptoativos. E a descentralização, seu trunfo, é também seu calcanhar de Aquiles: não há órgãos regulatórios para proteger o dinheiro do investidor.

Outro problema foi enfrentado pela Pantys: as críticas ao impacto ambiental dos NFTs, uma vez que a estrutura computacional exigida pela tecnologia demanda muita energia.

NFT lançado pela marca de calcinhas Pantys; parte do lucro será destinada a doações Reprodução

Balanço decepciona investidores, e ações da Meta, dona do Facebook, caem 23%

SAN FRANCISCO E NOVA YORK | FINANCIAL TIMES A companhia proprietária do Facebook, Meta, disse esperar que as receitas no primeiro trimestre fiquem aquém das expectativas de Wall Street devido ao "aumento da concorrência", o que fez suas ações despencarem mais de 20% nas negociações após o pregão.

Se as ações não se recuperarem nesta quinta (3), será o pior dia para a ação desde que a empresa abriu seu capital, em 2012, com quase US$ 200 bilhões (R$ 1 trilhão) eliminados de seu valor de mercado. O declínio foi aproximadamente igual à capitalização de mercado individual da Intel e maior que a do McDonald's e da AT&T.

As empresas de tecnologia de rápido crescimento sofrem pressão considerável neste ano, enquanto os investidores se preparam para uma política mais rígida do Federal Reserve. O índice de ações Nasdaq Composite teve seu pior mês em janeiro desde que o coronavírus abalou os mercados financeiros dos Estados Unidos, em março de 2020.

Juntamente com a intensa volatilidade no início do ano, os corretores alertaram para "bolsões de ar" extremos no mercado, com os preços se movendo muito mais drasticamente do que se esperava conforme as notícias do dia.

No final do mês passado, as ações da Netflix tiveram sua maior queda em quase uma década, depois que a orientação da empresa ficou aquém das expectativas. O PayPal, que ficou abaixo das expectativas na terça-feira (1º), caiu quase 25% durante as negociações na quarta, perdendo US$ 51 bilhões (R$ 270 bilhões) na avaliação da empresa.

O Spotify também divulgou nesta quarta uma perspectiva decepcionante para o crescimento de assinantes no primeiro trimestre, fazendo suas ações caírem até 23% nas negociações após o expediente, antes de se recuperarem para negociar cerca de 10% mais baixas.

A Meta registrou uma queda anual de 8% nos lucros no quarto trimestre, para US$ 10,2 bilhões, pressionada por seu investimento em um mundo virtual cheio de avatares digitais conhecido como metaverso, bem como maiores gastos em seu ramo de tecnologias de realidade virtual e aumentada.

A Meta disse esperar que as receitas no primeiro trimestre de 2022 fiquem na faixa de US$ 27 bilhões a US$ 29 bilhões, equivalentes a um crescimento de 3% a 11% ano a ano.

Isso ficou abaixo das expectativas dos analistas, de receitas de US$ 30,3 bilhões no primeiro trimestre, de acordo com a S&P Capital IQ, e marca uma desaceleração em relação ao aumento de 20% nas receitas no último trimestre de 2021, quando a empresa gerou US$ 33,7 bilhões.

A Meta culpou o "aumento da competição pelo tempo das pessoas", bem como "uma mudança de envolvimento com nossos aplicativos" para assistir a mais vídeos curtos, que geram menos dinheiro do que a publicidade que aparece em seu feed.

Ela também citou o impacto das novas mudanças de privacidade adotadas pela Apple, que incluem a exigência de que os aplicativos garantam autorização explícita para rastrear usuários e enviar publicidade direcionada.

Os resultados medíocres ocorrem quando a empresa de rede social luta para manter sua posição vantajosa entre adolescentes e usuários mais jovens no Facebook e no aplicativo Instagram. Escândalos de privacidade e moderação prejudicaram o grupo enquanto ele também enfrenta a concorrência acirrada dos aplicativos Snapchat e o TikTok da ByteDance.

Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves

New York Times atinge objetivo de 10 milhões de assinantes

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES A The New York Times Co. atingiu sua meta de 10 milhões de assinaturas com antecedência, anunciou a companhia nesta quarta-feira (2), ajudada substancialmente pelo 1,2 milhão de assinantes que adicionou ao adquirir o site de notícias esportivas The Athletic.

A transação de US$ 550 milhões (R$ 2,8 bilhões) para tomar o controle do The Athletic, anunciada no mês passado, foi concluída na terça-feira (1º), a empresa anunciou.

Também nesta semana, o Times anunciou a aquisição do serviço Wordle, de jogos online.

Nos três meses finais de 2021, antes da aquisição do The Athletic, o Times ampliou o número de assinantes digitais em 375 mil.

As novas assinaturas incluem 171 mil para seu app de notícias, o que significa que a maioria dos novos assinantes foi conquistada pelas outras ofertas digitais da empresa: o app Games, que inclui palavras cruzadas; o app de receitas Cooking; o site de recomendação de produtos Wirecutter; e o Audm, que produz versões em áudio de jornalismo baseado em textos.

Pela última semana de dezembro, o The New York Times tinha quase 8,8 milhões de assinaturas. Delas, 5,9 milhões eram para o app de notícias, mais de 3 milhões para outros produtos digitais, e um pouco menos de 800 mil para a versão impressa do jornal.

A previsão inicial era que os 10 milhões de assinantes fossem conquistados em 2025.

O The New York Times também anunciou um novo objetivo: vai buscar atingir a marca dos 15 milhões de assinantes pelo final de 2027.

No quarto trimestre de 2021, a empresa reportou lucro operacional ajustado de US$ 109,3 milhões (R$ 568,3 milhões), uma alta de 12% ante o período em 2020, e receita de US$ 594,2 milhões, alta de 16,7%.

Polícia levou 3 dias para notificar dono de quiosque em que Moïse foi morto

Apuração de caso no Rio de Janeiro foi acelerada após mobilização da família e repercussão

Ítalo Nogueira,
Julia Barbon e
Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO O inquérito sobre a morte do congolês Moïse Mugenyi Kabagambe, 24, apresentado à Justiça, mostra que a Polícia Civil levou ao menos três dias para intensificar as investigações sobre o caso. Elas foram aceleradas após manifestações da família no fim de semana.

O dono do quiosque Tropicália, onde Moïse foi morto, foi notificado no dia 28 para comparecer à Delegacia de Homicídios — três dias depois do registro da morte do congolês. A determinação era que ele se apresentasse nesta quarta-feira (2).

Os autos também não deixam claro quando as imagens do crime foram apreendidas. Depoimento do responsável pelo quiosque indica que isso só ocorreu três dias depois.

A apuração foi acelerada após protestos da família no sábado (29) em frente ao quiosque Tropicália. O comerciante se apresentou na terça-feira (1º) à polícia, um dia antes do determinado, após a repercussão do caso.

Aleson Cristiano de Oliveira Fonseca, 27, Brendon Alexander Luz da Silva, 21, e Fábio Pirineus da Silva, 41, funcionários de dois quiosques da orla, confessaram a participação no crime, segundo a polícia, e foram presos temporariamente nesta terça, com base nos novos depoimentos obtidos no mesmo dia.

"Tivemos uma semana praticamente sem nada feito. A partir da mobilização da sociedade e da visibilidade que a imprensa deu ao caso, em três dias, de 31 até hoje [terça], o inquérito andou e já existem pessoas presas", afirmou Álvaro Quintão, presidente da comissão de direitos humanos da OAB-RJ.

Procurada para comentar a condução da investigação, a Polícia Civil afirmou que as "informações serão esclarecidas durante a investigação, que está em andamento e segue sob sigilo".

Moïse foi morto a pauladas na noite do dia 24. De acordo com os documentos do inquérito, o registro de ocorrência foi feito na madrugada do dia 25. Naquele momento, a polícia não tinha a identificação exata do congolês.

O primeiro depoimento tomado naquela madrugada foi do funcionário do Tropicália com quem Moïse discutiu antes de começar a ser agredido.

Neste primeiro momento, a testemunha mentiu aos policiais sobre o que havia acontecido. Ele disse que estava colocando gelo dentro do isopor de coco quando ouviu os gritos do congolês e presenciou o início das agressões. O funcionário do quiosque também disse aos agentes que não conhecia os autores nem a vítima.

Esta testemunha retificou sua versão nesta terça e confirmou que sua discussão com Moïse originou a confusão e identificou os responsáveis pelas agressões.

Na tarde do dia 25, o irmão de Moïse foi ouvido após reconhecer o corpo da vítima no IML (Instituto Médico-Legal). Nele, a polícia tomou conhecimento de que o congolês trabalhou no Tropicália e que a testemunha o conhecia.

Novo depoimento só foi tomado na sexta-feira (28). Uma prima de Moïse identificou o primeiro nome do dono do quiosque e menciona a existência de imagens do crime.

No sábado (29), a família do congolês organizou um protesto em frente ao quiosque com cobertura da imprensa local. Depois disso, o caso ganhou nova velocidade. Na terça, oito pessoas foram ouvidas. Entre elas, os três suspeitos que admitiram a autoria do crime, segundo a polícia.

Quiosque Tropicália, na praia da Barra da Tijuca, no Rio, onde Moïse Mugenyi Kabagambe trabalhava Tércio Teixeira/Folhapress

O congolês Moïse Mugenyi Kabagambe Reprodução Facebook

> Tivemos uma semana praticamente sem nada feito. A partir da mobilização da sociedade e da visibilidade que a imprensa deu ao caso, em três dias, de 31 até hoje [terça], o inquérito andou e já existem pessoas presas
>
> **Álvaro Quintão**
> presidente da comissão de direitos humanos da OAB-RJ

Com base nesses depoimentos e nas imagens coletadas, a autorização para as prisões temporárias foi solicitada à Justiça, oito dias após o crime. O pedido foi apresentado ao plantão judiciário sob o argumento de que havia risco de "grande risco de manifestações violentas como protesto" pelo crime.

O inquérito juntado na Justiça não deixa claro quando as imagens foram apreendidas pela polícia. Não há qualquer auto de apreensão do material no processo.

O depoimento do dono do quiosque indica que ele só foi procurado no dia 28, quando foi intimado a depor.

O comerciante disse à polícia que foi abordado por parentes de Moïse no dia seguinte ao do crime. Ele relatou à polícia ter explicado a eles "que já tinha solicitado o técnico responsável pelas câmeras, para que pudesse pegar as imagens, bem como informou que aguardava ser solicitado pela polícia".

"Na mesma semana, policiais civis se apresentaram no quiosque solicitando as imagens, o que foi atendido prontamente pelo declarante", disse ele no depoimento.

A investigação começou tendo como principal suspeito uma pessoa investigada por outro homicídio a pauladas na praia da Barra no início do mês. Ao relatar a suspeita, o inquérito já indica a existência de imagens de câmeras de segurança no quiosque.

Em seu parecer, o Ministério Público menciona a falta de clareza sobre o momento em que as imagens foram coletadas.

Nesta quarta (2), o governador Cláudio Castro (PL) elogiou a atuação da polícia no caso. "Se todos os crimes fossem resolvidos em nove dias, a polícia mereceria ainda mais medalhas. A polícia está de parabéns. Não faço nenhuma crítica à polícia. Erros em investigação causam vícios, por causa da pressa. Não há demora. Cobro sempre por uma polícia técnica", disse ele.

Família diz que foi intimidada por dois policiais militares

RIO DE JANEIRO A família do congolês Moïse Mugenyi Kabagamb diz que se sentiu intimidada pela atitude de dois policiais militares que compareceram ao quiosque três vezes desde o crime.

Segundo os parentes, a primeira vez foi na própria noite das agressões, em 24 de janeiro. A dupla teria sido filmada no local depois que o Samu chegou — os recortes do vídeo das agressões que foram divulgados à imprensa pela Polícia Civil não mostram esse momento.

A segunda vez em que os policiais apareceram foi no dia seguinte à morte, uma terça-feira, quando parentes e amigos de Moïse foram até a Barra da Tijuca (zona oeste) tentar entender o que havia acontecido. Eles contam que estavam fazendo perguntas ao dono e ao funcionário do quiosque Tropicália, e depois a uma mulher de outro quiosque.

A intenção era que o proprietário acompanhasse a família até a Delegacia de Homicídios para dar depoimento, o que até aquele momento ainda não havia acontecido. Segundo os relatos, o proprietário disse que iria buscar o carro, mas demorou.

Nesse meio tempo, segundo os parentes, os policiais surgiram, pediram documentos do grupo e fizeram perguntas sobre o que havia acontecido, mesmo supostamente já tendo estado no local no dia anterior.

A gravação em áudio de parte da conversa, obtida pela **Folha**, mostra um agente afirmando que os comerciantes não eram obrigados a dar explicações à família, e sim apenas ao delegado. A comerciante chega a dizer que tudo bem, mas o policial insiste.

Procurada nesta quarta-feira (2) para comentar a situação, a Polícia Militar afirmou que "todas as questões pertinentes ao caso estão sendo investigadas pela Delegacia de Homicídios da Capital".

O motivo das agressões que levaram à morte do congolês ainda não está claro. A família diz que Moïse trabalhava na praia havia cerca de cinco anos e se queixou algumas vezes de que recebia suas diárias e comissões com erros ou com atraso. Eles acham que naquele dia ele foi cobrar diárias atrasadas.

Moïse e as tábuas da lei de Lynch

Preto e estrangeiro, congolês era a perfeita encarnação do 'intocável'

Sérgio Rodrigues

Escritor e jornalista, autor de "O Drible" e "Viva a Língua Brasileira"

As tábuas da lei desabaram seguidas vezes sobre Moïse. Eram as tábuas da "lei de Lynch", expressão americana nascida no século 19 e matriz do verbo "linchar". Havia um taco de beisebol também.

Nas tábuas de Moisés, o outro, estava escrito: "Não matarás". Mas os assassinos do imigrante congolês Moïse Mugenyi Kabagambe, 24, estavam seguros de que aquele corpo que esmagalhavam não pertencia exatamente a uma pessoa.

Como assim? O que Moïse tinha em falta — ou em excesso — para que sua morte a pauladas num lugar público e à vista de todos não tenha provocado imediata comoção, permanecendo mais de uma semana no limbo dos fatos irrelevantes?

As turbas de linchadores que ao longo da história se pautaram pela lei de Lynch para trucidar negros no Sul dos EUA se diferenciavam dos matadores de Moïse nesse aspecto. Adoravam uma publicidade.

Do século 19 a meados do século 20, contados aos milhares, esses linchamentos chegaram a se tornar um próspero ramo de entretenimento, com direito a cartões postais das vítimas trucidadas figurando entre os best-sellers do gênero.

"Os linchamentos eram em parte festivais, em parte câmaras de tortura, e atraíam milhares de espectadores que se tornavam cúmplices coletivos do sadismo público", conta a jornalista americana Isabel Wilkerson em seu livro "Casta: As Origens de Nosso Mal-Estar" (Zahar), lançado ano passado.

Ah, mas desde então o mundo evoluiu e hoje uma barbaridade dessas seria inconcebível, certo? Convém pensar melhor. Troque os cartões postais macabros do Alabama por visualizações no YouTube, um notável avanço tecnológico. O resto é muito parecido.

Como são parecidos o fazendeiro americano William Lynch (1742-1820), que a maioria dos etimologistas acredita ser o pai da "lei de Lynch", e os milicianos que transformaram todo o Rio de Janeiro em seu quiosque Tropicália particular.

Num caso e no outro, trata-se de impor uma lei própria, à margem da ordem legal, com julgamentos sumários e execução imediata das penas. Bandidagem pura, mas numa modalidade com a qual o Estado apodrecido se confunde cada vez mais.

Nos linchamentos de cem anos atrás, os xerifes também olhavam para o outro lado enquanto o pessoal se divertia. Entender por que faziam isso ajuda a entender por que, depois de apresentado a Moïse, a sociedade brasileira ainda consegue dormir o sono dos justos.

Nenhum de nós merece dormir o sono dos justos. Os que perderam o sono pelo menos sabem disso. Como sabem os que, como o colunista, capricham na retórica (estúpida, diria Caetano), latindo para o abismo civilizatório a nossos pés.

O massacre de Moïse é um crime racista? Até as areias da Barra da Tijuca sabem que sim. Séculos de escravidão o tornaram possível, e a cor da pele dos assassinos não tem nada a ver com isso. Mas Wilkerson inclui no debate a ideia de casta, como na Índia.

"A casta é a concessão ou negação de respeito, posição, honra, atenção, privilégios, recursos, benefício da dúvida e bondade humana a alguém com base no nível ou na posição que esse alguém, na percepção dos outros, ocupa na hierarquia", argumenta ela.

A distinção é sutil. A ideia de raça dá sustentação ao sistema de castas, mas este vai além dela. É mais onipresente e invisível, abraçado mesmo por aqueles que, julgando-se pessoas de bom coração, condenam o racismo. Preto e estrangeiro, Moïse era a perfeita encarnação do "intocável" brasileiro.

Mãe e tio de Moïse Mugenyi Kabagambe, 24, morto a pauladas no último dia 24, no Rio de Janeiro Tércio Teixeira/Folhapress

Moïse tinha o sonho de viajar para visitar o irmão na França

Congolês morto a pauladas estava juntando dinheiro, segundo amigos

Júlia Barbon

RIO DE JANEIRO No fundo de um corredor estreito, o menino de 7 anos, coroado por tranças amarradas no topo da cabeça, assiste a vídeos no celular. Sorridente, responde: "Meu irmão estava brigando", enquanto desliza a tela do TikTok até ver a cena de um homem negro sendo espancado.

O homem é Moïse Mugenyi Kabagambe, e o menino, o caçula de uma prole de 12 irmãos. Desde que o jovem foi morto, há pouco mais de uma semana, viraram apenas 11. Visitar um deles na França era um dos sonhos do congolês que teve a vida interrompida a pauladas.

Para isso, acompanhava atento grupos e páginas na internet que avisavam se o clima estava para praia. Sem ter terminado o ensino médio, era daí que tirava seu sustento havia cerca de cinco anos, vendendo caipirinhas e petiscos ao apelido de Angolano.

Bom de lábia e falando quatro línguas —português, francês, lingala e um pouco de inglês—, tinha vantagem nas areias, segundo a família. E gostava do que fazia. Estava animado por voltar a trabalhar depois de um tempo parado pela pandemia, vivendo de auxílio emergencial.

Não chegou a passar fome como os que vieram antes dele. Já dificuldade, "passou como todo mundo", responde um tio. Aterrissou no Aeroporto de Guarulhos em 2011, aos 13 anos, junto de alguns dos irmãos, e logo estava no Rio de Janeiro, na casa de parentes e amigos até a mãe chegar três anos depois.

Recentemente dormia com ela e dois irmãos, incluindo o caçula, no único quarto da casa em Madureira (zona norte). As roupas ainda estão no varal, as camas estão desarrumadas, e as panelas, no fogão. Ali não tem essa de parentesco, todo mundo é irmão ou filho.

> Ele pedia desculpa aqui em casa por qualquer coisa que fazia. Dizia 'Mãe, desculpa'
>
> **Lotsove Lolo Lavy Ivone**
> mãe de Moïse

Na República Democrática do Congo (RDC) hoje ainda ficou uma boa parte da família, incluindo o pai, político que atualmente trabalha na diplomacia. A primeira vez que pisaria no Brasil seria para chorar a morte do filho, mas não deu tempo de concluir a burocracia.

Não viu a dança que embalou o enterro do filho no último domingo (30), que segundo os parentes não foi cerimônia, mas apenas "a expressão de dentro que estavam botando para fora". Porque africano tem ritmo que é de dor, diz o tio.

O ritmo de alegria Moïse também tinha. Já era conhecido no samba d'Os Cria da Rua Alice, na zona norte carioca, e adorava curtir um baile funk. O churrasco também só começava quando ele chegava, por isso atrasou no fim do ano, quando se recusou a assar a carne.

Era mais brasileiro que muito brasileiro e já falava sem sotaque. Quase todos os amigos eram daqui, conhecidos no bairro, na praia ou durante os bicos como garçom em restaurantes, lanchonetes e quiosques. Nunca trabalhou de carteira assinada.

Outro dom eram os truques de mágica, um dos charmes do menino descrito como alegre, comunicativo, engraçado e prestativo. Certa vez se recusou a deixar a tia com Covid-19 e dificuldade de respirar em casa. "Não, tio, eu vou levar ela no hospital", insistiu.

Sabia pedir perdão, diz o amigo Gabie Nzazi, 34, que ajudou a cuidar dos pequenos quando chegaram da África. A mãe concorda: "Ele pedia desculpa aqui em casa por qualquer coisa que fazia. Dizia 'Mãe, desculpa'", reproduz Lotsove Lolo Lavy Ivone, 43, sem conseguir conter o choro.

Agora a casa de Madureira está constantemente cheia. A sala quase não suporta as cerca de 15 pessoas, incluindo familiares, amigos, repórteres e funcionários do governo do Estado, que vieram na tentativa de entender o que aconteceu. Eles ainda não tiveram todas as respostas.

Atos são convocados em São Paulo e no Rio de Janeiro

SÃO PAULO Atos pedindo justiça por Moïse Mugenyi Kabagambe foram convocados na capital fluminense e em São Paulo para o sábado (5).

Na capital paulista, o ato será em frente ao Masp (Museu de Arte de São Paulo), na avenida Paulista, às 10h. Já no Rio, no mesmo horário, a manifestação será em frente ao quiosque Tropicália, na Barra da Tijuca, onde Moïse trabalhava e onde foi morto.

Estão envolvidos na organização dos atos a comunidade congolesa, comunidade imigrante e movimentos negros de São Paulo. Até o momento, mais de 150 entidades apoiam as manifestações, como Anistia Internacional Brasil, Coalizão Negra por Direitos, Coletivo de Mães da Maré, Grupo Tortura Nunca Mais-RJ e Viva Rio.

Ele foi agredido por ao menos quatro pessoas no último dia 24. Segundo a família, isso aconteceu após Moïse pedir salários atrasados no local, onde trabalhava como ajudante de cozinha.

No sábado (29), amigos e familiares fizeram uma manifestação em frente ao quiosque. Eles seguravam cartazes pedindo justiça e dizendo que a comunidade congolesa no Brasil não vai se calar.

Nesta terça-feira (1º), a Polícia Civil prendeu ao menos três homens suspeitos de envolvimento na morte de Moïse.

Os advogados do dono do quiosque afirmam que ele não tem qualquer relação com o assassinato e dizem que ele estava em casa no momento das agressões. Eles negam que o motivo da briga tenha sido a cobrança de diárias de serviço ao quiosque, como sustenta a família da vítima.

"Não existe dívida alguma", declarou o advogado Darlan Santos de Almeida à imprensa na porta da 16ª delegacia, argumentando que outros depoimentos colhidos pela polícia corroboram isso.

Justiça determina prisão de 3 homens pela morte de imigrante

Matheus Rocha

RIO DE JANEIRO A Justiça determinou nesta quarta-feira (2) a prisão de três homens acusados de matar o congolês Moïse Mugenyi, 24. O imigrante foi morto a pauladas perto de um quiosque na Barra da Tijuca, na zona oeste do Rio de Janeiro, no último dia 24.

Na decisão, a juíza Isabel Teresa Pinto Coelho Diniz, do plantão judiciário, determinou a prisão temporária argumentando que as investigações apontam que os três homens são autores do crime. Ela destaca, porém, ser importante realizar outras diligências para elucidar os fatos.

Aleson Cristiano de Oliveira Fonseca, Brendon Alexander Luz da Silva e Fábio Pirineus da Silva já estavam detidos desde a terça-feira (1º) na Delegacia de Homicídios da Capital. Os três foram presos depois que a Polícia Civil cumpriu mandados de prisão temporária por homicídio duplamente qualificado.

Eles foram identificados após o depoimento de testemunhas que presenciaram o espancamento com pau.

Um dos presos, Fábio Pirineus da Silva, foi detido na noite de terça-feira na casa de parentes no bairro de Paciência, na zona oeste. Ele é vendedor de caipirinhas na praia e confessou aos agentes que deu pauladas no jovem, segundo a polícia.

O delegado Henrique Damasceno, titular da Delegacia de Homicídios da Capital, afirmou que as três pessoas presas não trabalham no quiosque Tropicália, do qual Moïse era funcionário. Ele disse, ainda, que o dono do estabelecimento auxiliou nas investigações, foi solícito, forneceu as imagens do crime e colaborou na identificação dos autores.

A polícia encontrou um porrete, indicado por uma das pessoas que ajudaram na investigação, em um terreno baldio próximo ao local.

A família de Moïse diz que ele foi espancado até a morte por ter cobrado diárias que estavam atrasadas. Segundo os parentes, o congolês trabalhava em um quiosque na altura do posto 8, onde teria sofrido agressões presenciadas por cerca de cinco homens.

"Mesmo depois de morto, os caras continuaram batendo nele. Largaram o corpo perto do quiosque mesmo, amarraram as mãos dele, colocaram elas para trás. Moïse morreu, mas continuaram torturando ele", contou Mamanu Idumbo Edou, 49, tio do jovem.

Em vídeo gravado por uma câmera de segurança, é possível ver quando Moïse mexe no interior de um refrigerador e dois homens se aproximam e o empurram para longe.

Um deles o joga no chão e os dois começam a lutar. O segundo homem chega a segurar as pernas de Moïse. Enquanto isso, um terceiro agressor, com um pedaço de pau, começa a bater no congolês.

Instantes depois, um quarto homem pega o pedaço de pau e o agride.

Aleson Fonseca, Fábio Pirineus da Silva e Brendon Alexander Luz da Silva deixam delegacia no Rio Alexandre Loureiro/Reuters

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Agregador e generoso, levou a vida com amor e arte

ALAN PIRES DE CARVALHO (1983-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Alan Pires era bancário há 17 anos, mas no teatro e na arte exercitava todas as formas de amor.

Nascido no Carandiru, na zona norte da capital paulista, Alan interessou-se pela arte ainda criança.

"Desde os três anos ele era interessado em arte e sempre tinha uma apresentação para os primos. No aniversário de nove anos, o Alan ensaiou e apresentou um musical com os primos", conta a teóloga Maria Inês Pires de Carvalho, 62, sua mãe.

Fisgado pela comunicação, Alan optou por cursar rádio e TV, e o fez na Universidade Sant'Anna. Também estudou locução e dublagem.

A paixão pelo teatro o levou a fundar o grupo Amadododito, um importante nome da cena teatral alternativa de São Paulo. Atualmente, o grupo comanda um espaço localizado no Bom Retiro, na região central, onde são oferecidas oficinas teatrais e apresentação de saraus.

Além de ator e diretor teatral, Alan integrava o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Dragões da Real. Estava como diretor artístico. Tudo o que fazia tinha muito amor. "Se não for divertido, não faça", costumava dizer.

Foi num ensaio, sua outra paixão, que Alan se despediu da vida. No dia 30 de janeiro, aos 39 anos, sofreu uma parada cardíaca ao final de um ensaio na quadra da escola de samba e não resistiu.

A atriz e educadora Marília Grampa, 33, amiga há 17 anos, diz quanto ele era transformador.

"Ele transformava os ambientes que entrava, as pessoas com as quais se conectava e os trabalhos que realizava. Tinha um olhar único, humano e sensível para tudo e todos. Cativante, conquistava facilmente as pessoas e era um agregador. Envolvia as pessoas nas coisas de um jeito muito próprio", afirma.

Querido por todos, Alan praticou a generosidade e o amor ao próximo. Valorizou e respeitou o ser humano e foi um grande acolhedor. Estendeu suas mãos e distribuiu conselhos e palavras de consolo a quem necessitava.

Alan deixa a mãe, um irmão, a cunhada e muitos amigos.

7º DIA

LUCIO MANUEL FIGUEIREDO COSTA Nesta sexta (4/2) às 18h, Paróquia Imaculado Coração de Maria, Vila Buarque, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex., 10h às 20h. Sáb. e dom., 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos), ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Pista central da marginal Tietê fica interditada até amanhã

Caso não seja possível, a previsão é que a via seja liberada até o dia 11, sexta-feira da próxima semana

SÃO PAULO O comitê formado por órgãos públicos e pela concessionária Acciona, responsável pela construção da linha 6-laranja do metrô de São Paulo, afirmou nesta quarta-feira (2) que são estudadas providências para liberar, até esta sexta-feira (4), a pista central da marginal Tietê, em direção à rodovia Ayrton Senna, na altura da ponte do Piqueri.

Se não for possível, a previsão é liberar a via até o dia 11, sexta da semana que vem.

Na terça (1º), uma cratera se abriu ao lado de um poço da obra do metrô, após o rompimento da tubulação de esgoto, quando o tatuzão, equipamento responsável pela escavação dos túneis do metrô, passava cerca de três metros abaixo.

O esgoto inundou o poço de ventilação da obra e fez ceder parte do asfalto da pista local da marginal, entre as pontes do Piqueri e da Freguesia do Ó. A causa do rompimento é investigada.

Segundo o secretário de Transportes Metropolitanos, Paulo Galli, a construtora apresentou duas soluções para a liberação da pista.

O primeiro cenário exigiria a colocação de estacas de contenção para evitar desmoronamento, o que levaria à liberação somente no dia 11 deste mês.

Porém, caso o preenchimento da vala seja suficiente, a liberação poderá ocorrer até esta sexta. "Talvez não precise do estaqueamento e, em 2 ou 3 dias, estaríamos liberando", afirmou Galli.

As decisões foram tomadas após uma reunião nesta quarta entre representantes do governo estadual, da prefeitura e da Acciona. O anúncio foi feito pelo governador João Doria (PSDB) no início da tarde, durante entrevista no Palácio dos Bandeirantes.

Diretor da Acciona, Lucio Matteucci detalhou o que se pretende fazer para liberar parte da marginal Tietê.

Segundo o representante da concessionária, a primeira medida foi dar estabilidade ao poço na esquina da avenida Santa Marina com a marginal Tietê. Para isso, estão sendo executadas três ações no momento.

A primeira é o preenchimento do poço com rocha, para impedir que perdesse mais solo. "Ontem [terça-feira] mesmo, mobilizamos nossos equipamentos. Colocamos mais de 50 caminhões para colocar pedras, mais de 30 betoneiras e 6 bombas para fazer o preenchimento. Isso se iniciou na tarde de ontem e segue 24 horas [por dia]", disse. "Até a manhã desta quarta, temos mais de 3.500 metros cúbicos de rocha lançada no poço."

Outra medida é a interrupção do fluxo de esgoto do interceptor. A Sabesp está desviando o esgoto de 2,2 milhões de moradores para outro interceptor nas proximidades, que passou a servir justamente para situações como essa após a inauguração, em 2020, do que rompeu próximo da obra da linha 6. Segundo o presidente da Sabesp, Benedito Braga, isso evita que o rio Tietê seja afetado.

A terceira ação é o completo preenchimento da cavidade que se formou no local. Por último, se necessário, será feito o estaqueamento nas bordas da cratera, para evitar novos desmoronamentos. "Se avançar bem, com o preenchimento da cratera, pode ser que a gente não necessite fazer o estaqueamento", explicou.

O governo estadual anunciou que o IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) deverá participar das investigações sobre o que causou a abertura da cratera.

Matteucci diz que a tuneladora (como também é chamado o tatuzão, equipamento que faz a escavação do túnel) estava cerca de 1,80 metro da chegada do túnel ao poço da esquina com a avenida Santa Marina, e aproximadamente 3 metros abaixo do interceptor de esgoto.

O diretor da Acciona ressaltou que não houve ruptura de nenhuma estrutura da obra. Segundo Matteucci, um túnel de estacionamento dos trens já estava concluído, o que gerou um vaso comunicante com o outro poço, na margem oposta do rio Tietê. "Todo esse esgoto que caiu ali foi carregado para lá."

O representante da construtora disse que, às 8h, foi feita uma leitura e o terreno seguia estável. Cerca de 15 minutos depois, começou a ocorrer o problema. "Em pouco mais de cinco minutos, o esgoto já estava adentrando o poço", afirmou. Segundo Matteucci, havia 120 pessoas trabalhando no local. "Conseguimos tirar todos sem nenhum incidente, sem nada mais grave."

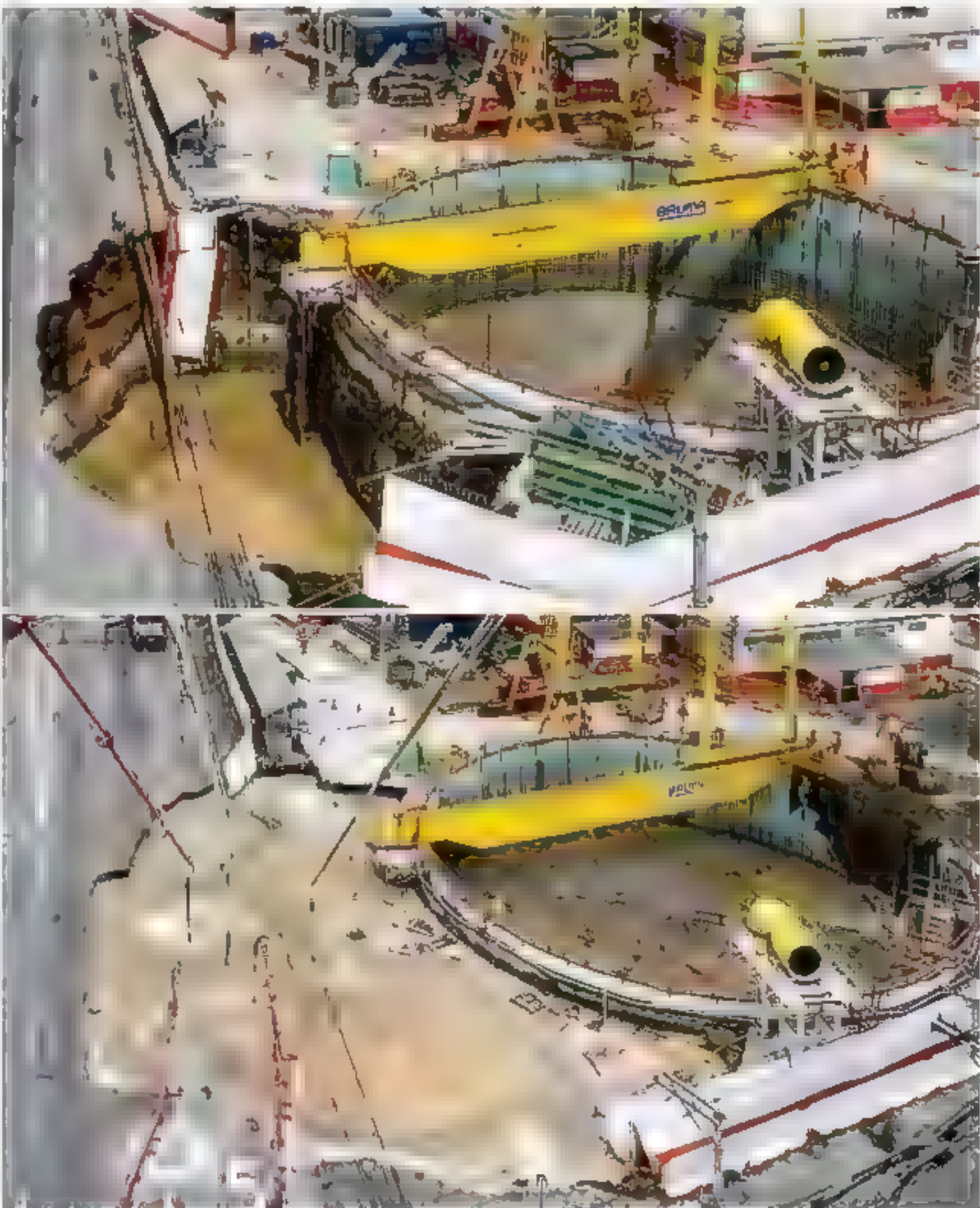
A avaliação de Matteucci é que o plano de contingência, com isolamento das áreas próximas e acionamento de concessionárias de serviços públicos, entre outras, funcionou como previsto.

O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), afirmou que a interrupção da circulação em duas pistas da marginal gera um grande transtorno para a cidade. Citou, também, que cinco linhas de ônibus, que transportam 40 mil pessoas por dia, foram desviadas. Ressaltou ainda que a interrupção da pista local, principalmente, afeta a mobilidade de motociclistas.

Segundo Nunes, a CET identificou a possibilidade de fazer um desvio, que amenizaria o problema na marginal. "Atenderia principalmente a questão das cinco linhas de ônibus e também os motociclistas", afirmou.

A cratera aberta na terça aumentou de tamanho durante o dia. Após a abertura da pista central da marginal para veículos, o asfalto cedeu mais, atingindo três faixas da pista local, que está com o trânsito desviado para o corredor das avenidas Ermano Marchetti e Marquês de São Vicente, na altura da Ponte do Piqueri, e retornam para a marginal pela praça Pedro Corazza, na altura da ponte da Freguesia do Ó.

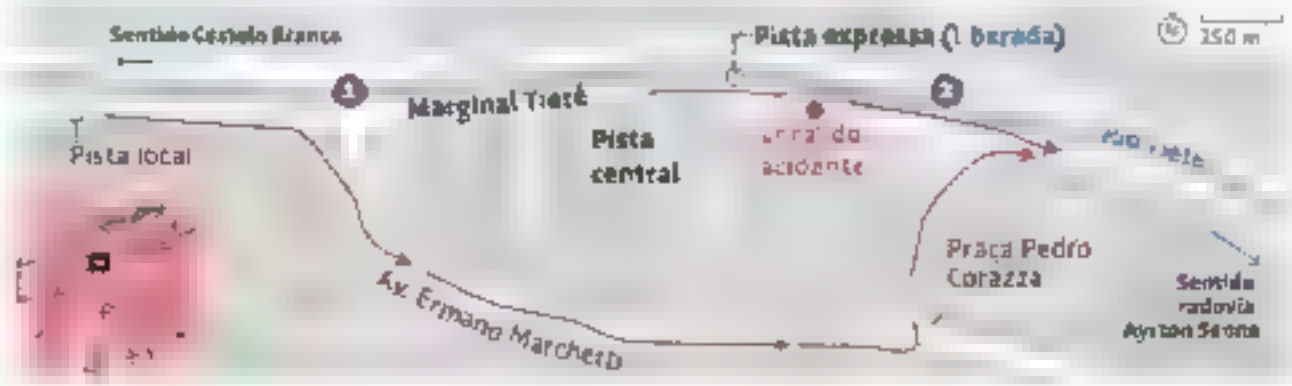
Já os veículos que trafegam pela pista central estão sendo desviados para a expressa na altura do canteiro de obras, somente, retornando para a pista central a seguir.

Leia mais na pág. A8

Cratera aberta na marginal Tietê antes e depois de receber concreto despejado dos caminhões Fotos Eduardo Knapp/Folhapress

Como fica o trânsito na marginal Tietê

Desvios
1 Ponte do Piqueri
2 Ponte da Freguesia do Ó

Sentido Castelo Branco
Pista expressa (liberada)
Marginal Tietê
Pista local
Pista central
Cratera do acidente
Rio Tietê
Av. Ermano Marchetti
Praça Pedro Corazza
Sentido rodovia Ayrton Senna
150 m

Fonte: CET

'São Paulo é um lugar complicado para obras'

Isabella Menon e William Cardoso

SÃO PAULO A cratera que se abriu no asfalto da marginal Tietê na terça (1º) não foi um acidente isolado nas construções do metrô de São Paulo.

Um dos episódios mais lembrados é o que ocorreu em 2007, quando o desabamento de um dos túneis da linha 4-amarela matou sete pessoas e mais de 70 casas foram interditadas. Nos anos seguintes, também aconteceram problemas em obras. O mais recente foi em 2021, quando um guindaste das obras de expansão do monotrilho, linha 15-prata, tombou na Vila Prudente, zona leste da capital.

Engenheiros ouvidos pela Folha afirmam que São Paulo possui um solo mais instável que outras capitais, como o Rio de Janeiro. Porém, de acordo com eles, as obras são, na maioria das vezes, seguras e há uma constante análise de risco para evitar percalços.

Eloi Angelo Palma Filho, presidente Comitê Brasileiro de Túneis, afirma que a engenharia de túneis trabalha com um ambiente que não é plenamente conhecido e, por isso, há um risco maior nas obras se comparado com as outras áreas da engenharia. "Há normas e procedimentos que fazem investigações para prever se as atividades dos túneis são seguras, mas a obra traz essa especificidade", diz.

Já o presidente do Instituto de Engenharia, Paulo Ferreira, diz que erros acontecem, mas as obras do metrô em São Paulo são confiáveis.

"Pelo porte da cidade, pelo tamanho do metrô e a dificuldade que temos, os acidentes são pequenos", afirma. "De vez em quando, cai uma viga ou outra. É acidente de obra. Lógico que é uma incompetência, algo que não deveria ter acontecido, mas é localizado", diz.

> Pelo porte da cidade, pelo tamanho do metrô e a dificuldade que temos, os acidentes são pequenos
>
> **Paulo Ferreira**
> Instituto de Engenharia

Ferreira cita as obras da linha 1-azul, que passa sob a praça da Sé e parte do centro velho, debaixo de construções antigas, como um exemplo. "A engenharia brasileira é muito consciente, bem-feita, principalmente em obras pesadas, com grandes estruturas", diz.

O presidente do IE fala que São Paulo é um dos lugares mais complicados do mundo para se fazer obras. "Tem terreno com baixa qualidade em alguns lugares e muitas residências frágeis", afirma.

O professor Paulo Helene, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, diz que a maioria dos túneis no Rio de Janeiro e em muitas cidades do mundo são feitos em rocha. Já em São Paulo, o solo é o de argila, silte ou arenoso.

"Temos essa desvantagem de que trabalhamos com uma situação mais instável. Toda a escavação acaba movimentando o solo nas regiões próximas", analisa o professor, que reconhece que, apesar da dificuldade, os engenheiros são capacitados para fazer um monitoramento das medidas que acontecem próximas aos solo.

Helene compara com o ocorrido em 2007, na construção da linha 4-amarela. "Existia um monitoramento, mas, muitas vezes, a necessidade de produção e velocidade da obra acabam comprometendo as informações que são obtidas através do trabalho de monitoramento", afirma o professor.

saúde

946 entre terça e quarta | 25.813.685 casos
188.552 infecções em 24 horas

Testes positivos de Covid-19 chegam a 60%

Levantamento de associação mostra que em janeiro houve aumento na busca por exames de coronavírus no país

Ana Bottallo

SÃO PAULO A taxa de positividade dos exames para Covid em janeiro chegou a 60% nos laboratórios de diagnóstico ligados à Abramed (Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica), entidade que reúne serviços em todos os estados do país. Isso significa que, a cada dez testes realizados nos laboratórios associados, seis foram positivos para o coronavírus.

Esse índice foi registrado na última semana do mês, encerrada no dia 30. Foram feitos no total 390 mil exames entre os dias 24 e 30. A Abramed estima reunir em seu levantamento 65% dos testes feitos no Brasil.

Segundo divulgou a associação nesta quarta-feira (2), o quantitativo de testes da última semana do mês representa um aumento de 18% em relação à semana anterior, quando haviam sido realizados 330 mil exames.

Por outro lado, a busca por exames de gripe, ocasionada por uma epidemia do vírus influenza A H3N2 entre dezembro e janeiro, caiu 12% no mesmo período, com 150 mil testes para o vírus da gripe realizados na última semana do mês. A taxa de positividade para influenza também baixou no intervalo: foi de 7,7% para 2,8%.

Homem faz teste de Covid em São Paulo Danilo Verpa - 1.jan.22/Folhapress

O pico de casos confirmados de gripe, de acordo com o levantamento, foi na última semana de dezembro, quando a taxa de positividade chegou a 41%, situação que já se estabilizou no mês de janeiro.

Segundo a diretora-executiva da Abramed, Milva Pagano, o arrefecimento da epidemia de gripe é bem evidenciado nos dados da última semana de janeiro.

"Estamos monitorando semanalmente os números de exames e vimos com os resultados até o dia 30 um claro arrefecimento do surto de gripe, ao mesmo tempo que os exames para Covid continuam aumentando, bem como a taxa de positividade", afirma.

> **Vimos [...] um claro arrefecimento do surto de gripe, ao mesmo tempo que os exames para Covid continuam aumentando, bem como a taxa de positividade**
>
> **Milva Pagano**
> diretora-executiva da Abramed

A procura simultânea por exames de Covid e influenza no início do ano fez com que farmácias e laboratórios ficassem sem testes para os dois vírus respiratórios, e a liberação do laudo de exames em hospitais públicos e privados estava demorando até sete dias.

Como mostrou reportagem da Folha, a busca por atendimento médico na capital de São Paulo levou a longas filas de espera e falta de exames nos laboratórios. Os testes realizados em farmácias com resultado positivo para Covid-19 saltaram de 500 para 5.000 no final do ano, um aumento de 5% de positividade para 17%.

Por conta da alta demanda, a Abramed chegou a orientar que apenas pacientes em estado grave buscassem os testes. Nesta quarta-feira, a entidade afirmou que os estoques de testes estão sendo repostos e que algumas regiões já apresentam normalidade no atendimento.

A liberação dos insumos é feita pela diretoria de portos e aeroportos da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) e, segundo a Abramed, a agência tem facilitado o aval a reagentes importados.

"A Abramed vem acompanhando o cenário diariamente e informará a respeito de atualizações", disse, em nota, a entidade.

Errei, meu otimismo moderado não resistiu ao surgimento da ômicron

OPINIÃO

Pedro Hallal
Epidemiologista, professor da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas e coordenador do Epicovid-19

No dia 13 de julho de 2021, escrevi a coluna "Quando acaba a pandemia?" aqui na Folha. Naquele texto previ que, no Brasil, a pandemia se encerraria na virada do ano, na margem de erro, entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022. Portanto, o título da coluna de hoje é "Errei".

Durante a minha infância, meu pai e minha mãe me ensinaram muitas coisas, e uma das mais importantes foi admitir os erros e aprender com eles. Teve uma vez que um colega meu da escola foi suspenso, e lembro que a mãe dele fez uma confusão gigantesca no colégio e conseguiu reverter a suspensão dele. Na época, achei o máximo.

Certa vez, na minha adolescência, fui suspenso do clube por uma semana, em função de uma bagunça que eu e alguns amigos fizemos na portaria. Cheguei em casa indignado, e pedi para a minha mãe ir lá no clube tentar reverter a suspensão. Minha mãe, tranquilamente, me perguntou o que eu tinha feito. Narrei tudo. Após acabar, minha mãe disse: "Vais ficar sem ir ao clube por duas semanas: uma pela suspensão imposta pelo clube e outra pela suspensão imposta por mim, agora. Que não se repita".

Não se repetiu.

Hoje em dia, as pessoas erram muito mais do que naquela época. Isso porque as redes sociais geram uma comunicação que carece do "olho no olho". E sem o "olho no olho", a chance de errar é muito maior. É muito fácil xingar alguém pela internet. Atacar uma pessoa e ferir sua reputação é quase a profissão de alguns hoje em dia.

Mas é muito raro hoje em dia vermos as pessoas admitindo o erro.

Por exemplo, o espanhol Rafael Nadal conquistou seu 21º título de Grand Slam no tênis, e foi parabenizado por seu arquirrival "Novax Djocovid". Foi uma atitude decente. Mas imaginem o quanto seria épico se o "Djocovid" viesse a público e dissesse:

"Parabéns Rafa. Vendo a final, notei como fui um imbecil nesses últimos meses. Só o que eu queria era estar lá, disputando ponto a ponto esse título contigo ou com o Medvedev. Entrei nessa guerra da vacina sem me dar conta da bobagem que ela representa. Farei a vacina amanhã mesmo e me espere em Roland Garros".

Enfim, admitir os erros está fora de moda.

Voltando ao meu caso, escrevi aquela coluna quando os casos e óbitos vinham em tendência sustentável de queda. Ao mesmo tempo, a vacinação avançava rapidamente no país depois de um começo lento. A variante delta, tão temida pelos estragos que causou em outros países, não resistiu à força do nosso herói Zé Gotinha.

Eu sabia que era possível que surgissem novas variantes, mas achava que, mesmo que surgissem, elas seriam "anuladas" pela vacina. Em minha defesa, até a chegada da ômicron, a previsão estava correta, e já falávamos em retirada de máscaras e até em Carnaval.

Quando a ômicron chegou, logo notamos duas coisas muito ruins.

1- Se tratava de uma variante com imensa capacidade de contágio;

2- Ela infectava também os vacinados.

Por outro lado, tínhamos algumas notícias promissoras:

1 - Ela é bem menos agressiva do que as versões anteriores do vírus.

2 - Entre vacinados, o risco de hospitalização e óbito é bem menor.

3 - A onda deve ser bem mais curta do que a observada para as demais variantes.

A verdade é que, dois meses após o surgimento da ômicron, o número de casos bombou no Brasil e no mundo. Infelizmente, o crescimento agora também se observa no número de hospitalizações e óbitos. Mesmo que a onda seja mais curta, ela causará muito estrago.

Já que as medidas efetivas de controle da transmissão são solenemente ignoradas no Brasil, resta investir na vacinação em todos os grupos etários.

Até porque o presidente e o ministro da Saúde não vão admitir seus erros e começar a enfrentar o coronavírus com seriedade.

Brasil tem maior média de mortes desde agosto

SÃO PAULO O Brasil chegou à maior média móvel de mortes por Covid desde 31 de agosto do ano passado. São 653 vidas perdidas por dia, aumento de 178% em relação aos dados de duas semanas atrás. No último dia de agosto do ano passado, eram 671 óbitos por dia.

Nesta quarta, o país registrou 946 mortes, maior número em 24 h desde 19 de agosto, quando 1.030 óbitos foram notificados.

Também foram registradas 188.552 infecções, o que fez com que a média móvel de casos chegasse a 179.962 por dia, aumento de 63%.

O país chega a 629.078 vidas perdidas e a 25.813.685.

Os dados do país, coletados até 20h, são fruto de colaboração entre Folha, UOL, O Estado de S. Paulo, Extra, O Globo e G1 para reunir e divulgar os números relativos à pandemia do novo coronavírus.

ambiente

Mais intensas, chuvas trazem assinatura da mudança climática

Tempo instável deve ampliar áreas de risco e exige planos de adaptação aos períodos de precipitação e de seca

Ana Carolina Amaral

SÃO PAULO A questão se repete a cada vez que presenciamos um evento climático extremo: esse fenômeno aconteceu naturalmente ou é um efeito da mudança climática? A pergunta nunca foi respondida, porque estava equivocada.

A associação entre as mudanças climáticas e os eventos extremos —como tempestades, inundações, secas, furacões ou tornados— é mais complexa do que uma relação direta de causa e efeito.

Não haveria base científica para dizer algo do tipo "essa chuva aqui foi culpa da mudança do clima, mas aquela é natural e iria ocorrer de qualquer modo". O aquecimento influencia todo o sistema climático, sem discriminação.

A pergunta correta, que levou os cientistas a encontrar uma relação clara entre as diferentes expressões do mesmo fenômeno, questiona como a elevação da temperatura global impacta a frequência e a intensidade dos eventos extremos.

A resposta foi quantificada de forma inédita no último relatório do IPCC, o Painel Intergovernamental de Mudança do Clima da ONU.

Segundo os dados do relatório, as chuvas fortes no mundo já são 0,3 vezes mais frequentes e 6,7% mais intensas.

Em um cenário extremo, de aumento de 4°C na temperatura média global, a precipitação pode se tornar 30,2% maior e a frequência —cuja média global é de uma chuva forte por década— pode quase triplicar, chegando a 2,7 ocorrências no mesmo período.

Mais frequentes e mais intensas do que os padrões para o período, as chuvas que vivemos nos últimos dois meses em municípios da Bahia, Minas Gerais e São Paulo confirmam um marco temporal definido, desde o fim dos anos 80, pelos relatórios do IPCC.

Eles apontavam o ano de 2020 como horizonte para ação climática, já que a partir desse ano a ocorrência de eventos extremos seria mais expressiva.

"Quando a temperatura aumenta, isso coloca mais energia na atmosfera. Se há fonte de umidade, isso gera mais evaporação e faz com que as nuvens cresçam mais. Nuvens de maior desenvolvimento vertical provocam chuvas mais intensas", descreve o doutor em Meteorologia Gilvan Sampaio, coordenador de Ciências da Terra do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

"O sistema climático hoje tem muito mais energia para dissipar do que tinha há 50 anos. Grandes secas e enchentes são formas de dissipação dessa energia", afirma Paulo Artaxo, físico da USP e um dos autores dos relatórios científicos do IPCC.

Embora já tenhamos vivido episódios isolados de chuvas intensas nas últimas décadas, com índices pluviométricos que superam em apenas alguns dias a previsão de precipitação de todo o mês, a mudança climática guarda padrões inéditos, para os quais não estamos preparados.

"Com chuvas mais fortes, as áreas de riscos serão ampliadas. Áreas que historicamente não inundam podem passar a sofrer com as inundações. Precisamos mapeá-las", destaca Ivan Maglio, pesquisador da USP e pós-doutor em planejamento urbano e mudanças climáticas.

"Não basta tratar os riscos físicos quando há emergência; é preciso ter planos de adaptação climática para minimizar esses problemas com prevenção e preparação."

> [...] Os planos de adaptação climática precisam compor um eixo do planejamento urbano, junto ao combate à desigualdade social —já que as populações socialmente mais vulneráveis são também as mais impactadas pela mudança do clima e formam a maioria dos moradores em áreas de risco

Há pelo menos uma década, governantes de capitais como São Paulo e Rio têm acesso à informação científica sobre os impactos climáticos projetados regionalmente.

Coordenado pelo Inpe, o estudo "Megacidades, Vulnerabilidade e Mudanças Climáticas" projetou os impactos do aquecimento sobre as duas cidades até o final do século.

"Totais de chuvas acima de 50 mm/dia, praticamente inexistentes antes da década de 50 do século passado, ocorrem comumente de duas a cinco vezes por ano na cidade de São Paulo. A crescente urbanização das periferias atuando em sinergia com o aquecimento global projeta que eventos com grandes volumes de precipitações pluviométricas irão ocorrer com mais frequência no futuro, abarcando cada vez uma maior área geográfica da região metropolitana", diz o estudo do Inpe.

O estudo fez o cruzamento entre as projeções da expansão urbana na região metropolitana e a ampliação das áreas de risco causada pelo aumento das chuvas. Em 2030, mais de 20% da área de expansão seriam suscetíveis a enchentes e inundações e cerca de 11%, a deslizamentos.

Os planos de adaptação climática precisam compor um eixo do planejamento urbano, junto ao combate à desigualdade social —já que as populações socialmente mais vulneráveis são também as mais impactadas pela mudança do clima e formam a maioria dos moradores em áreas de risco.

Projeções regionais do IPCC publicados em agosto mostram aumento de chuvas fortes no Centro-Sul do Brasil, com grandes volumes concentrados em até cinco dias, enquanto o Nordeste e a Amazônia devem sofrer com períodos secos mais prolongados.

Sem o ritmo e a previsibilidade usuais, chuva e seca podem ser igualmente sinônimos de catástrofe.

Nos primórdios da agricultura, a invenção do conceito de tempo permitiu à humanidade lidar com os ciclos naturais. Agora o desafio reside especialmente na falta de regularidade dos tempos da natureza, o que exige reforço no planejamento de políticas públicas de médio e longo prazos, baseadas na melhor ciência disponível. A única saída é se adaptar.

Equipes buscam vítimas após deslizamento em região no município de Franco da Rocha, na Grande SP

País teve 116 mi afetados por desastres nos últimos 120 anos

Philippe Watanabe

SÃO PAULO No Brasil, pelo menos 116 milhões de pessoas já foram afetados por desastres naturais nos últimos 120 anos. Com a crise climática, a vulnerabilidade aos fenômenos naturais tende a piorar.

É o que aponta um levantamento da empresa britânica de energia Uswitch, com base em um banco de dados internacional de desastres naturais, como incêndios, enchentes e epidemias.

Segundo o levantamento, de 1902 a 2021, constavam na base de dados mais de 15 mil desastres. Desses, 251 ocorreram no Brasil e causaram a morte de cerca de 13 mil pessoas.

A maior parte (154) dos desastres no Brasil são enchentes, seguidas por deslizamentos (25), que são costumeiramente relacionados a chuvas.

O fim de 2021 e o começo de 2022 foram marcados por violentas chuvas e enchentes em diferentes regiões do país. No ano passado, as inundações na Bahia levaram à morte mais de duas dezenas de pessoas.

No começo deste ano, as chuvas em Minas Gerais mataram, ao menos, 24 pessoas.

No estado de São Paulo, da semana passada para cá, chuvas e deslizamentos mataram mais de duas dezenas.

Segundo Carlos Rittl, especialista em política pública da Rainforest Foundation, estudos, como os do IPCC (sigla em inglês para Painel Intergovernamental de Mudança do Clima da ONU), têm alertado para a vulnerabilidade do país frente à crise climática.

Rittl aponta ainda que, de forma geral, as populações socialmente mais vulneráveis são também as mais sujeitas às mudanças climáticas. No Brasil, por exemplo, isso se traduz muitas vezes na ocupação de áreas de risco, como encostas de morros.

Apesar dos avisos de cientistas, o país não tem agido na construção de políticas.

"O custo da inação, o custo de lidar com a emergência é muito maior do que prevenir. Os custos econômicos vão se tornar cada vez mais altos, mas o que não dá é a gente em 2022 ficar vendo mortes de dezenas de pessoas em cidade estruturadas, como em São Paulo. Por que ainda temos um grande centro urbano com esse tanto de mortes? Isso é muito cruel", completa.

A Uswitch calculou uma pontuação para os países mais afetados, levando em conta o número de pessoas atingidas, as mortes, o número de desastres e os gastos com os danos.

A lista é liderada pelos países mais populosos do mundo, China e Índia. No primeiro, cerca de 3,3 bilhões de pessoas foram afetados e 12,5 milhões morreram em 982 tragédias. No segundo, foram 2,5 bilhões de afetados e 9 milhões de mortes por 757 tragédias.

No ranking, que junta países com profundas diferenças de tamanho de população e de economia, o Brasil aparece na décima colocação.

Os desastres apontados pelo levantamento —que, vale lembrar, não se trata de um estudo publicado em revista científica, com revisão por pares— não necessariamente tem relação com a crise climática.

Inclusive, o ponto de partida de registro de fenômenos, o ano de 1902, é bem próximo às datas de referência pré-industriais adotadas para medir o aumento da temperatura global, derivado da emissão de gases-estufa.

Números expressivos de tragédias naturais no Brasil também já foram computados em estudos de órgãos como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Levantamento com dados de 2013 a 2017 feito pelo instituto concluiu que 48% dos municípios brasileiros foram afetados por secas, 31% por alagamentos e 27% por enxurradas.

A crise climática, além de intensificar desastres naturais, leva a impactos na saúde da população que também podem causar mortes —mais de 200 mil casos de doenças renais no Brasil, nos últimos 15 anos, estão associados ao aquecimento global, segundo estudo recente, por exemplo.

Desastres naturais

	Mortes	Pessoas afetadas	Número de desastres
China	12.521.981	3.304.765.752	982
Índia	9.131.408	2.479.868.026	757
Bangladesh	2.993.988	464.355.136	356
Estados Unidos	43.915	135.697.668	1.090
Filipinas	71.961	238.938.227	671
Indonésia	242.603	37.154.880	576
Irã	163.350	57.760.535	253
Paquistão	178.861	99.121.174	234
Japão	239.374	22.794.335	375
Brasil	13.121	116.155.528	[illegible]

ambiente

Bolsonaro diz que combate a desmatamento é prioridade

Devastação na Amazônia teve no ano passado o pior resultado em 15 anos

BRASÍLIA Apesar de uma coleção de dados negativos, o presidente Jair Bolsonaro entregou nesta quarta-feira (2) mensagem ao Congresso Nacional em que afirma que o combate ao desmatamento ilegal e às queimadas é pauta prioritária do seu governo. Não há, no documento, nenhuma menção à devastação recorde da floresta amazônica em 2021, a maior dos últimos 15 anos.

"O combate ao desmatamento ilegal e a prevenção e combate aos incêndios são pautas prioritárias do governo federal. A agenda de combate ao desmatamento ilegal é pensada e abordada de forma estruturante, com a perspectiva de gerar efeitos duradouros e sustentáveis, levando em consideração as pessoas e suas relações com o território", diz o documento.

O desmatamento por corte raso na Amazônia Legal foi de 13.235 km² entre agosto de 2020 e julho de 2021 (devido ao período chuvoso e de seca, o desmatamento é sempre medido nos 12 meses de agosto de um ano a julho do ano seguinte), índice mais elevado desde 2006 e 22% maior em relação ao período anterior.

Na mensagem presidencial são citadas várias iniciativas, entre elas Acordo de Cooperação Técnica com o Ministério da Justiça e Segurança Pública para atuação da Força Nacional na Amazônia.

A militarização do combate a ilícitos ambientais durou 16 dos 34 meses do governo Bolsonaro, custou R$ 550 milhões aos cofres públicos e não derrubou os índices de desmatamento da Amazônia, como a Folha mostrou em reportagem publicada em outubro do ano passado.

Ao todo, foram três GLOs, cujos decretos presidenciais deram amparo legal a três operações de intervenção militar: Verde Brasil, Verde Brasil 2 e Samaúma.

De acordo com a mensagem presidencial, o Plano Nacional para o Controle do Desmatamento Ilegal e Recuperação da Vegetação Nativa tem cinco eixos: tolerância zero ao desmatamento ilegal, regularização fundiária, ordenamento territorial, pagamentos por serviços ambientais e bioeconomia.

"Vale destacar a nova meta de redução do desmatamento ilegal, que deve ser zerado até 2028", afirma o documento.

Ranier Bragon, Danielle Brant, Matheus Teixeira, Marianna Holanda e Renato Machado

esporte

ESPORTE AO VIVO
Argentina x Paraguai — Copa América de futsal, SporTV
Brasil x Uruguai — Copa América de futsal, SporTV
Bragantino x São Paulo — Paulista, Estádio TNT Sports/HBO Max

Torcida envia Palmeiras ao Mundial com festa

Alviverdes celebram jogadores na ida aos Emirados Árabes Unidos e se mostram confiantes na aguardada conquista

SÃO PAULO Os torcedores do Palmeiras cumpriram a promessa de enviar com festa os jogadores para a disputa do Mundial. Celebrada na saída do centro de treinamento em direção ao aeroporto de Cumbica, em Guarulhos, a delegação alviverde embarcou para os Emirados Árabes Unidos na tentativa de buscar o título mais sonhado pelo clube.

Centenas de pessoas se aglomeraram na porta da Academia de Futebol, na Barra Funda. O ônibus com os atletas partiu às 11h07 desta quarta-feira (2), aos gritos de "vamos ganhar, Porco". O público estava inicialmente contido por grades, que não resistiram ao momento em que o [illegible] ques de São Vicente.

O automóvel, então, foi cercado, e levou oito minutos até que conseguisse ganhar alguma velocidade e rumasse até Cumbica. Em Guarulhos, o grupo de atletas não passou pelo saguão, onde havia outros fãs —bem menos numerosos do que no CT.

"Desta vez, não tem jeito. Não tem Monterrey, não tem Chelsea, não tem para ninguém", disse o publicitário Marcus Castro, 37, traçando o caminho que imagina até a taça.

As festas no embarque para campeonatos importantes são sempre recheadas de frases de confiança e gritos de incentivo. Mas a sensação registrada por vários palmeirenses é que conquistar o Mundial está mais ao alcance desta vez.

"Lá no Qatar, foi aquela correria, né? O time viajou cansado. E, mesmo que a gente tivesse passado pelo Tigres, teria na final o Bayern, um amaço. Agora, é fazer o papel na semi e pegar o Chelsea, que não é nenhuma máquina", disse o estudante Otávio Girardelli, 18.

Na edição de 2020, realizada já em 2021, o Palmeiras caiu logo em sua primeira partida, perdendo por 1 a 0 para o mexicano Tigres. Na sequência, foi superado nos pênaltis pelo Al Ahly, do Egito, após empate por 0 a 0 na disputa pelo terceiro lugar. Foi a pior campanha de um time da América do Sul na história do torneio.

Na ocasião, o embarque não teve a mesma empolgação. A pandemia de Covid-19 estava em uma fase mais crítica, uma das razões pelas quais menos torcedores foram até o aeroporto. Pelo mesmo motivo, ninguém pôde viajar e ver os jogos no Qatar, que teve arquibancadas vazias. Desta vez, há torcedores a caminho dos Emirados Árabes Unidos.

Será a segunda tentativa do Palmeiras no formato atual do Mundial, organizado pela Fifa. Em 1999, a equipe venceu a Libertadores e disputou o título [illegible] Manchester United, em Tóquio. A expectativa era grande em torno dos então comandados de Luiz Felipe Scolari.

"Aeroporto se torna geral do Palmeiras", noticiou a **Folha de S.Paulo** de 23 de novembro daquele ano, registrando o embarque na madrugada anterior. Segundo estimativa da Infraero, que administrava Cumbica, cerca de 500 alviverdes foram demonstrar seu apoio.

O presidente da uniformizada Mancha Alvi Verde, Paulo Serdan, organizou uma espécie de cordão para proteger os atletas. E vibrou. "Começamos a ganhar o título no embarque. Nesses momentos, a torcida do Palmeiras sabe ser... Fiel eu não vou dizer, porque é um termo de que não gosto, [illegible]"

A honestidade não foi suficiente. O United venceu por 1 a 0, e os palmeirenses passaram a conviver com uma crescente gozação de que não têm um título mundial —embora muitos deles considerem o triunfo na Copa Rio de 1951 uma conquista dessa grandeza.

Nos últimos anos, tornou-se popular um canto dos rivais, apontando que "o Palmeiras não tem Mundial, não tem Copinha, não tem Mundial". A parte da Copinha foi enterrada no mês passado, com a glória inédita no torneio de juniores.

Torcedores do Palmeiras se despedem do time, que estreia na terça (8) no Mundial de Clubes, em Abu Dhabi Danilo Verpa/Folhapress

Torneio reúne aspirantes a título inédito em Abu Dhabi

SÃO PAULO Terá início nesta quinta (3) a edição de 2021 do Mundial de Clubes, que ficou para 2022 por complicações no calendário do futebol durante a pandemia. Sete equipes brigam para ganhar pela primeira vez a competição em seus moldes atuais, organizada pela Fifa e com participantes de todos os continentes.

Programado inicialmente para o Japão, o torneio será realizado nos Emirados Árabes Unidos, que se apresentaram como alternativa quando aqueles que seriam os anfitriões desistiram de receber as partidas pelo agravamento da crise do coronavírus. O Brasil também lançou sua candidatura, sem sucesso.

A mudança deu ao Al Jazira a possibilidade de entrar na disputa como o representante do país-sede. Campeão dos Emirados, o time fará a sua estreia às 13h30 (de Brasília), com transmissão do Bandsports e do site da Band, contra outra agremiação que não estaria no campeonato em condições normais, o Pirae.

O clube de Taiti, na Polinésia Francesa, formado por amadores e que nunca conquistou o título da Oceania, foi convidado pela Fifa a ocupar a vaga que seria do neozelandês Auckland City. Pelo segundo ano consecutivo, o Auckland teve de abrir mão do Mundial também por questões ligadas à Covid, com restrições na movimentação de pessoas impostas pelo governo de seu país.

Quem sobreviver ao confronto entre Pirae e Al Jazira enfrentará em seguida o Al Hilal, da Arábia Saudita, campeão da Ásia. Será desse duelo subsequente que sairá o adversário do Chelsea, da Inglaterra, que conquistou a Champions League de 2020/21 e, como normalmente ocorre com o europeu na competição, carrega favoritismo.

O representante do velho continente venceu todas as edições do Mundial realizadas desde 2013. Ocorre que o Chelsea foi justamente o último ganhador da Champions a fracassar, perdendo para o Corinthians, por 1 a 0, no Japão, em 2012. A formação de Londres agora busca seu primeiro troféu da Fifa, mas deixa claro que essa não é uma prioridade.

"Isso está 0% na minha cabeça", afirmou o técnico Thomas Tuchel, no fim do ano passado, indicando que o Campeonato Inglês e a própria Champions lhe provocavam maior preocupação. Depois, chegou a dizer que o certame "é bem empolgante", sem deixar de admitir: "É uma competição que parece não ter muita importância na Europa".

Os jogadores do Palmeiras, campeão sul-americano pelo segundo ano seguido, dão de ombros para as declarações do treinador alemão e trabalham por aquele que é seu grande objetivo. A exemplo do Chelsea, a equipe brasileira começa a disputa nas semifinais e carrega favoritismo na tentativa de chegar à final.

A estreia alviverde ocorrerá na próxima terça (8), em Abu Dhabi, cidade que receberá todas as partidas. Os comandados de Abel Ferreira estarão à espera do vencedor do duelo entre o mexicano Monterrey, que levou o título das Américas Central e do Norte, e o egípcio Al Ahly, campeão na África.

Deve haver desfalques importantes na equipe africana, que derrotou o Palmeiras na briga pela terceira colocação na edição de 2020. A Fifa sobrepôs no calendário o Mundial de Clubes e a Copa Africana de Nações. O Egito, que tem seis jogadores do Al Ahly, está envolvido na competição continental de seleções e disputará a semifinal nesta quinta, contra Camarões.

É um dos motivos pelos quais as casas de aposta dão vantagem ao Monterrey na partida de sábado (5). Caso esse favoritismo seja confirmado, o Palmeiras terá novamente um mexicano pela frente, um ano depois de ser eliminado pelo Tigres. O sobrevivente da semifinal fará a decisão no próximo dia 12. **MG**

Chaveamento do Mundial de Clubes da Fifa 2021

De 3 a 12 de fevereiro de 2022*

Fase preliminar Jogo 1 (3.fev) Al Jazira (EAU) — AS Pirae (TAT)

Quartas de final Jogo 2 (5.fev): Al Ahly (EGI) — Monterrey (MEX)

Quartas de final Jogo 3 (6.fev): Al Hilal (ARS) — Ganhador do jogo 1

Semifinal Jogo 4 (8.fev): Palmeiras — Ganhador do jogo 2

Semifinal Jogo 5 (9.fev): Chelsea (ING) — Ganhador do jogo 3

Final (12.fev): Ganhador do jogo 4 x Ganhador do jogo 5

*Todos os jogos acontecem às 13h30 (horário de Brasília)

A seleção se mostrou

Time de Tite vinha chato e inconvincente, jogou bem e deu dois belos exemplos

Juca Kfouri
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Nem todos os cabeçudos são bolsominions, mas todos os bolsominions são cabeçudos, para começar a coluna com urbanidade, sem chamá-los de imbecis, idiotas, ogros, insensíveis, fascistoides.

Não aqui, afinal, um espaço para falar de futebol.

Daí que a seleção brasileira jogou no Mineirão contra o Paraguai e goleou: 4 a 0.

OK, OK, OK, golear, em casa, o time em penúltimo lugar nas Eliminatórias, e já sem chances de disputá-la, não chega a ser nenhuma façanha, longe disso.

Ocorre que o time de Tite vinha enfrentando equipes até mais fracas e vencia sem convencer. Assim aconteceu contra a atual lanterna Venezuela, no Morumbi, quando a vitória apenas por 1 a 0 só foi alcançada já na metade do segundo tempo, gol de Roberto Firmino.

A goleada em Belo Horizonte poderia até nem ter acontecido, com dois gols nos últimos minutos, quando os adversários pareciam muito mais preocupados com o jantar depois do jogo do que em disputar o tempo restante.

As queixas, mais do que justas e obrigatórias da crítica, davam-se não pelos resultados, mas pelos desempenhos.

Tivesse terminado com 2 a 0 sobre o Paraguai, a vitória se limitado aos gols de Raphinha e de Philippe Coutinho, o resultado não teria retratado o desempenho da equipe, e nem por isso a atuação deveria deixar de ser elogiada por quem a criticava.

Além do mais, ao menos dois de seus jogadores, Antony e Gabriel Jesus, manifestaram-se indignados sobre o bárbaro assassinato do congolês Moïse Mugenyi, sinal de que as coisas estão mudando no Brasil.

E outubro está chegando para começar a reconstrução do país.

Marquinhos jogou uma barbaridade e deu os passes para os dois primeiros gols, meio zagueiro, meio meio-campista que é, Lucas Paquetá e Philippe Coutinho se movimentaram e criaram com leveza, Raphinha mostrou ao Mineirão que ele, sim, tem alegria nas pernas, não aquele Bernard de oito anos atrás. Vinicius Junior e Antony enlouqueceram seus marcadores, além da farta distribuição de chapéus, canetas, rolinhos, enfim, de lances que tornaram agradável uma noite de futebol da qual pouco ou nada se esperava.

Mais chatos do que muitos dos jogos recentes da seleção apenas e tão somente os cabeçudos de plantão.

Em tempo: seria um prazer achar um motivo que fosse para elogiar o presidente que nos infelicita. Mas não há. Nenhum.

Palmeiras pronto

E lá se foi o Palmeiras em busca do título inédito, aquele que falta e que logo em fevereiro pode valer pelo ano inteiro, rima e solução.

E viajou com a certeza de que fez tudo certo para enfrentar, antes de mais nada, e muito provavelmente, os mexicanos do Monterrey, que são fortes, ricos, e não têm mais complexo algum diante do futebol brasileiro.

Seja como for, a preparação palmeirense beirou a perfeição.

Abel Ferreira, com qualquer resultado, pode estar vivendo seus dois últimos jogos à frente do alviverde.

Se retornar com a taça, terá tudo para curtir o momento, festejar com a torcida e tomar o voo de volta para Europa, porque sem mais nada a conquistar deste lado do mundo.

Se não for campeão, talvez lhe falte paciência para aguentar a inevitável corneteugem que o aguardará. O tricampeonato da Libertadores, convenhamos, pouco acrescentará a quem já tem um bi na bagagem para mostrar aos conterrâneos.

O que você faria no lugar dele?

Se você fosse um bilionário, abraçaria uma causa?

FOLHA, 100
COMO CHEGAR BEM AOS 100

Alexandre Kalache

Médico gerontólogo, presidente do Centro Internacional de Longevidade no Brasil (ILC-BR)

Ao anunciar a criação do grupo The Elders, em 2007, no dia em que completava 89 anos, Nelson Mandela afirmou: "Iremos trazer coragem onde há medo, encorajar harmonia onde há conflito, e inspirar esperança onde há desespero".

A ideia partiu do bilionário britânico Richard Branson, presidente do conglomerado Virgin, que demonstrava seu empreendedorismo social muito além de sua obsessão com os voos espaciais.

O The Elders é formado por líderes que já não detêm cargos públicos, são independentes de governos e galgaram reconhecimento e confiança internacional por terem demonstrado integridade. São líderes comprometidos com a mediação de conflitos, promotores da paz e defensores da equidade e inclusão social.

No grupo inicial, estavam, sob a liderança de Mandela, Mary Robinson, ex-presidente da Irlanda e Alta Comissária de Direitos Humanos das Nações Unidas; Kofi Annan, ex-secretário-geral da ONU; Jimmy Carter, ex-presidente dos EUA, e Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil.

E também minha ex-chefe Gro Harlem Brundtland, ex-diretora da OMS (Organização Mundial da Saúde) e o bispo Desmond Tutu.

Branson quis, por meio de uma doação milionária, proporcionar a esses eminentes líderes a oportunidade de continuarem contribuindo para a sociedade global com o peso de suas estaturas morais e trajetórias reconhecidas internacionalmente.

Em comum, tinham a idade avançada. A mensagem era bem clara: pessoas idosas continuam a contribuir muito para a sociedade global.

Branson não estava fazendo algo fora do comum nos países anglo-saxões. Seus bilionários identificam causas e as financiam substancialmente. Basta citar Bill Gates, por meio da fundação que tem seu nome, e Melinda, sua ex-mulher. Eles financiam pesquisas e intervenções na área da saúde há mais de duas décadas.

Carecemos da mesma tradição. No Brasil, em 2021, em plena pandemia, 42 pessoas se somaram à lista de bilionários, perfazendo o total de 315. O patrimônio combinado deles ultrapassa R$ 1,9 trilhão.

Em 2020, 1% dos brasileiros detinha 49,6% de toda a riqueza do país — em 2010, alcançava cerca de 40%.

A concentração de nossa renda só faz aumentar, na contramão de outros países latino-americanos, como o México, onde houve declínio de 43% para 31%, e o Chile, com queda de 40% para 33% no mesmo período. Não é à toa que continuamos campeões da desigualdade.

O PIB brasileiro terminou 2020 indicando mais uma década perdida, a pior performance desde 1990. Mas o número de bilionários só faz crescer, e suas fortunas aumentar.

Em 2020, nosso índice de Gini, coeficiente que calcula o grau de desigualdade de uma economia, foi de 89. Em 2010 era 82,2. Quanto mais perto de 100, maior a desigualdade.

Conseguimos retroceder em grande parte pelo congelamento de gastos sociais — o teto de gastos, que perdurará por ainda 15 anos, podendo ser prolongado por mais dez.

Enquanto isso, no ano passado, os empréstimos de bancos às famílias aumentaram 16,5%, atingindo R$ 642 bilhões, o que indica um desesperado esforço para pagar as contas, comprar comida, compensar a queda da renda pelo desemprego, inflação e os salários, em média, cerca de 10% abaixo dos níveis de 2019.

Branson possibilitou um espaço para pessoas idosas serem valorizadas, contribuindo para a sociedade global. Todos saíram ganhando.

E você, se fosse um bilionário, que causa abraçaria? Conseguiremos vir a ser uma sociedade mais solidária?

Seção discute questões da longevidade

A seção Como Chegar Bem aos 100 é dedicada à longevidade e integra os projetos ligados ao centenário da **Folha**, celebrado em 2021. A curadoria da série é do médico Alexandre Kalache, ex-diretor do Programa Global de Envelhecimento e Saúde da OMS (Organização Mundial da Saúde)

OFICIALMENTE SUSPENSA, FESTA DE IEMANJÁ OCORRE COM RESTRIÇÕES EM SALVADOR
Marco no calendário religioso baiano, evento no bairro do Rio Vermelho teve acesso limitado para evitar aglomeração Tiago Bernardes / FramePhoto / Agência O Globo

ACERVO FOLHA

Há 50 anos 3.fev.1972

Irlandeses incendeiam embaixada britânica

Cerca de 25 mil pessoas em Dublin, na Irlanda, protestaram contra o Exército britânico que matou 13 civis no domingo (30) em Londonderry, na Irlanda do Norte (na ocasião, as tropas agiram para tentar dissolver uma manifestação de católicos que defendiam direitos civis).

No protesto em Dublin, a multidão rompeu o cordão policial que guardava a embaixada britânica na cidade e lançou coquetéis molotov no edifício. Centenas de pessoas deitaram nas ruas impedindo a passagem dos carros dos bombeiros.

Não houve vítimas. Dentro da embaixada só estava uma pequena força de segurança.

FOLHA DE S.PAULO

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Teremos uma explosão sexual pós pandemia?

Quando a nossa vida amorosa e sexual voltará ao normal?

Mirian Goldenberg

Antropóloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é autora de "A Invenção de uma Bela Velhice"

Muitos leitores e leitoras me perguntam: "Será que a nossa vida amorosa e sexual vai voltar ao normal?"

Não sei como responder à pergunta já que não creio que exista "vida normal", especialmente no amor e sexo. Até escrevi um livro intitulado "De perto, ninguém é normal".

Com o objetivo de compreender a tão desejada "normalidade", realizei uma enquete no LinkedIn que foi respondida por 179 pessoas de 10 a 14 de janeiro de 2022: "Durante a pandemia, sua vida amorosa e sexual: melhorou, piorou, ficou igual ou não tenho?"

Sem tentar generalizar as respostas, até porque o grupo que participou pertence a uma elite educacional e econômica, achei interessante o resultado: para 34% a vida amorosa e sexual piorou; para 28% ficou igual; para 25% melhorou; e para 13% a vida amorosa e sexual não existe.

Foram apontados como inimigos do tesão: preocupação e ansiedade excessiva, estresse, convivência intensa e conflituosa, excesso de intimidade, brigas, críticas, cobranças, reclamações, implicâncias, irritações, rotina, tédio, insegurança, incerteza, desemprego, desesperança, falta de dinheiro, falta de reconhecimento e reciprocidade, falta de escuta e romance, violência, ignorância, intolerância, pânico, desespero, angústia, exaustão, depressão entre outros.

Os 28% que responderam que ficou igual revelaram que a pandemia não afetou suas vidas amorosas e sexuais. Mas como uma tragédia tão cruel, que provocou tantas mortes, doenças, perdas e sofrimentos, pode não ter impactado o tesão?

Os 13% que não têm vida amorosa e sexual não explicaram as causas da ausência de relacionamento, mas, obviamente, a pandemia dificultou novos encontros, impossibilitou as "escapadinhas", o sexo casual, as aventuras e relações extraconjugais. Não deve ter sido nada fácil arranjar uma boa desculpa para se encontrar com a (ou o) amante no meio da pandemia, não é mesmo?

Por fim, 25% afirmaram que melhorou porque estão com mais tempo e disponibilidade para se dedicar ao prazer do parceiro e ao próprio prazer, com mais momentos de namoro, intimidade e romance.

Alguns raros casais me contaram que o amor e o sexo estão melhores do que antes. Para outros, o amor e o sexo pioraram bastante. Nesses casos, o relacionamento já estava em crise e a pandemia só intensificou o que era insatisfatório. Nenhum casal me disse que a vida sexual melhorou apesar da amorosa ter piorado.

Uma jornalista de 45 anos me contou que a vida amorosa melhorou com a pandemia, apesar de a vida sexual estar "devagar quase parando". A intimidade aumentou, assim como o companheirismo, a cumplicidade e a amizade, mas "o tesão foi para o cucaro". Para ela, a reciprocidade, o reconhecimento e o amor são muito mais importantes do que o sexo, especialmente em um momento tão trágico.

"No primeiro mês da pandemia foi uma verdadeira lua de mel. Curtimos cada momento de intimidade e transamos todos os dias. Meu marido até me deu de presente de aniversário um vibrador maravilhoso. Mas fui ficando deprimida e perdendo completamente o tesão. Cuido dos meus pais, dos filhos, marido, amigos e não tenho tempo para cuidar de mim. Com tanto pânico, desespero e exaustão, como vou conseguir ter tesão? Nem com o George Clooney e com o vibrador mais caro do mundo. Não é à toa que o número de divórcios e de separações cresceu muito na pandemia. E vai crescer ainda mais quando a pandemia terminar."

Ela disse que o marido é mais otimista: "Ele leu estudos que mostram que cresceu o número dos adeptos de sexo virtual e de sites pornográficos e que aumentou muito a compra de vibradores e de outros brinquedinhos sexuais. Leu também pesquisas que revelam que, depois das epidemias e das guerras, acontecem verdadeiras explosões de sexo, festas e prazer. Ele acredita que, quando essa tragédia acabar, vamos ter uma explosão do tesão, uma overdose de sexo. Assim, iremos recuperar o tempo perdido e compensar a miséria sexual dos últimos dois anos. Mas quando será que esse pesadelo vai ter um fim?"

ilustrada

Esprema até o bagaço

De 'Sex and the City' a 'Rebelde', remakes tentam consertar erros sobre LGBTs, mas por vezes acabam por construir personagens que, ao preencher cotas, nem têm vida própria

Laura Lewer e Pedro Martins

SÃO PAULO E RIBEIRÃO PRETO Num internato no México, uma estudante brasileira dá as boas-vindas aos recém-chegados e logo é corrigida por um deles. "Sejam todes bem-vindes. Estamos na terceira década do século 21", diz o aluno, deixando a frase na linguagem neutra para contemplar os estudantes não binários — isto é, que não se identificam de todo com o gênero masculino nem com o feminino.

Num restaurante luxuoso de Nova York, um grupo de amigas de 50 e poucos anos bate papo enquanto toma café da manhã. "Não dá para continuar sendo quem éramos, certo?", sugere uma delas, uma advogada prestes a começar uma especialização em direitos humanos e engatar um relacionamento com uma personagem não binária.

Cenas como essas poderiam ter saído dos roteiros de seriados como "Sex Education" e "A Vida Sexual das Universitárias", lançados recentemente e já mergulhados em questões de gênero e sexualidade.

Mas elas fazem parte dos revivals "Rebelde" e "And Just Like That", que retoma "Sex and the City", na esteira de uma explosão de reboots e remakes que precisam enfrentar um problema que eles próprios criaram no passado —a falta de diversidade.

Quando foram lançadas, entre o fim da década de 1990 e o início dos anos 2000, essas produções tinham pouca ou nenhuma preocupação com representatividade. No meio dos anos 1990, por exemplo, existiam só 12 personagens LGBTQIA+ na TV, contra os 360 de hoje, segundo a pesquisa Where We Are on TV, da ONG Glaad, que monitora como a comunidade tem sido representada na mídia.

Ao retornar, porém, esses seriados encontraram um mundo em que pessoas LGBTQIA+ querem ser vistas —ou melhor, bem-vistas— nas telas. O problema é que, para atender à demanda, algumas produções acabam por criar personagens sem profundidade, que, tratados como cotas, servem só para alavancar a trajetória de outras figuras e encher os bolsos das emissoras com o chamado "pink money".

É que não basta um revival ter personagens coloridos. Suas histórias precisam ser complexas como as de qualquer outra figura. A avaliação é de Michel Carvalho, roteirista com trabalhos na Globo e na Netflix e antropólogo com formação na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

"A palavra que define um bom personagem LGBTQIA+ é subjetividade. Todo personagem precisa ter um interesse e uma agenda com questões próprias, mas muitas vezes personagens diversos são planificados, ou seja, a subjetividade deles é regida por apenas um aspecto —o fato de ele ser trans, ou negro, ou gay."

É o que ocorre no revival de "Sex and the City", analisa o roteirista. Ao tentar tirar suas protagonistas de uma bolha glamorosa e heteronormativa para envolver as personagens em narrativas com diversidade, o seriado acabou criticado por apresentar figuras estereotipadas.

Che Diaz, por exemplo, é retratada de forma caricata. A personagem se identifica como queer e não binária, tem ascendência mexicana, fuma maconha e faz sexo casual. Sem conflitos próprios, o combo de diversidade que Che carrega serve só para desconstruir o trio de mulheres brancas, cisgênero e até então heterossexuais formado pelas personagens principais.

Continua na pág. C7

O NOVO ARCO-ÍRIS

'And Just Like That'
Seriado da HBO que retoma 'Sex and the City' falha quando cria personagens diversas, como uma não binária, apenas para alavancar a narrativa das protagonistas

'Rebelde', 'She-Ra', 'One Day at a Time' e 'The L Word - Geração Q'
Reboots da Netflix e Showtime acertam ao inserir histórias com conflitos que não se reduzem à sexualidade das pessoas

Cartaz de 'The L Word – Geração Q', centrada em personagens lésbicas
Divulgação

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

PERTA DO CLUBE

Um grupo de representantes de 30 empresas, como Petrobras, Suzano, Natura e Mercado Livre, terá reunião nesta quinta-feira (3) com o secretário-geral da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico), Mathias Cormann, para sondar como agilizar a entrada do Brasil no chamado "clube dos países ricos".

LISTA No encontro virtual, intermediado pela ICC (Câmara de Comércio Internacional) Brasil, os convidados querem saber como o país, que iniciou formalmente negociações para ingresso na OCDE, pode cumprir as exigências para ser aceito, sobretudo nas áreas ambiental e tributária.

FILTRO VERDE Há resistência de membros da OCDE em relação à adesão do Brasil por causa da política ambiental do governo Jair Bolsonaro (PL).

FOI ISSO O ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Luís Roberto Barroso escreveu, em artigo para a edição de estreia da revista do Cebri (Centro Brasileiro de Relações Internacionais), que "o motivo real" para o impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) foi a falta de apoio político, não as pedaladas.

PÉ DA LETRA "A justificativa formal foram as denominadas 'pedaladas fiscais' —violação de normas orçamentárias— embora o motivo real tenha sido a perda de sustentação política", afirmou Barroso. A publicação, que será lançada no dia 10, tem Hussein Kalout, ex-secretário de Assuntos Estratégicos da Presidência, como um dos editores.

RAIZ Na sequência do texto, ainda inédito, Barroso comparou o quadro com o vivido pelo ex-presidente Michel Temer (MDB), que sucedeu a petista. Ele procurou "implementar uma agenda liberal, cujo êxito foi abalado por sucessivas acusações de corrupção. Em duas oportunidades, a Câmara dos Deputados impediu a instauração de ações penais contra o presidente".

MEU JEITO... Antonio Anastasia, que assume nesta quinta-feira (3) cadeira no TCU (Tribunal de Contas da União), pretende levar o estilo técnico que marcou sua passagem pelo Senado e se distanciar de controvérsias que têm rondado a corte, como o ruidoso caso sobre o ex-juiz e presidenciável Sergio Moro (Podemos).

... MINEIRO O ex-governador de Minas Gerais pretende adotar uma linha mais voltada à orientação e prevenção de irregularidades, mas sem descartar medidas rigorosas em desvios considerados graves.

AO VENTO O Tribunal de Justiça do Paraná condenou o blogueiro bolsonarista Oswaldo Eustáquio Filho a indenizar o PSOL em R$ 10 mil por crime de difamação. Eustáquio afirmou, em abril de 2020, que um braço político ligado à legenda teria agido junto com Adélio Bispo no episódio da facada em Jair Bolsonaro em 2018.

LINHA Adélio foi filiado ao PSOL de Uberaba (MG) de 2007 a 2014, mas nunca militou. Na decisão, o juiz disse que Eustáquio fez publicação maliciosa e deturpou informações.

HUMOR NA TELA

Fotos Dan Bertasso/Divulgação

A pré-estreia para convidados de "Tô Ryca 2" contou com a presença da protagonista, Samantha Schmütz, e do ator Raphael Logam 1. Os atores Katiuscia Canoro 2, Oscar Magrini e Diego Campagnolli 3 também foram à sessão do filme na segunda (31), no Cinemark Iguatemi, em São Paulo

VOZ DO MILÊNIO A editora Leya diz que planeja conversar, em momento oportuno, com os representantes legais de Elza Soares para realizar uma atualização da biografia "Elza", de autoria de Zeca Camargo, lançada em 2018. Elza morreu no mês passado, aos 91 anos.

AULA DE VIDA A biografia também foi selecionada para participar de um processo de análise do Ministério da Educação. É um dos livros que podem ser adotados para o ensino médio de escolas públicas.

ABALOU As atrizes Virginia Cavendish, Bruna Guerin e Paloma Bernardi encenarão o espetáculo "Terremotos". Escrita pelo autor britânico Mike Bartlett, a história gira em torno da temática do colapso ambiental.

Com direção de Marco Antônio Pâmio e produção de Giovani Tozi, a peça conta com cinco atos, 84 cenas e 30 atores no elenco. Sua estreia ocorre em março, no Teatro Sesi-SP.

BOLSO A Pinacoteca de São Paulo vai receber uma doação de R$ 1 milhão da siderúrgica Ternium, empresa que exporta aço e é acionista da Usiminas. A exposição da artista Adriana Varejão, que deve ser inaugurada no dia 26 de março, será contemplada com o aporte financeiro. A doação será feita por meio da Lei de Incentivo à Cultura.

Joelmir Tavares (interino), com Ligia Mesquita, Bianka Vieira e Manoella Smith

Esprema até o bagaço

Continuação da pág. C1

"O reboot teria um choque entre as protagonistas e o contemporâneo. Até é um conflito interessante, mas serve para construir a subjetividade de quem? Da não binária? Não, das personagens principais. É como se Diaz não tivesse vida própria. Parece um projeto caça-pauta", diz Carvalho.

Embora seja mais visível no streaming, uma indústria que cresce a todo vapor, a estratégia também tem sido adotada no cinema. Prova disso é o remake de "A Bela e a Fera", em que LeFou é gay, e somente gay, sem nenhuma outra função narrativa além de trazer à produção representatividade —o que é tentar, já que o personagem detonou críticas de que era estereotipado.

Outro reboot rechaçado é "Charmed — Nova Geração", que acabou com personagens caricatos ao tentar solucionar quase que com um "check list" as lacunas de diversidade sexual, racial e de gênero da versão original, de 1998.

Raina Deerwater, pesquisadora do Glaad, afirma que uma representação precisa ser mais densa. Ela sugere perguntas que devem ser feitas para analisar a qualidade de um personagem LGBTQIA+.

"Temos de questionar se eles são tratados com o mesmo respeito que seus colegas, se podem contar a própria história, se têm os mesmos altos e baixos, os mesmos romances, as mesmas diversões que os heterossexuais."

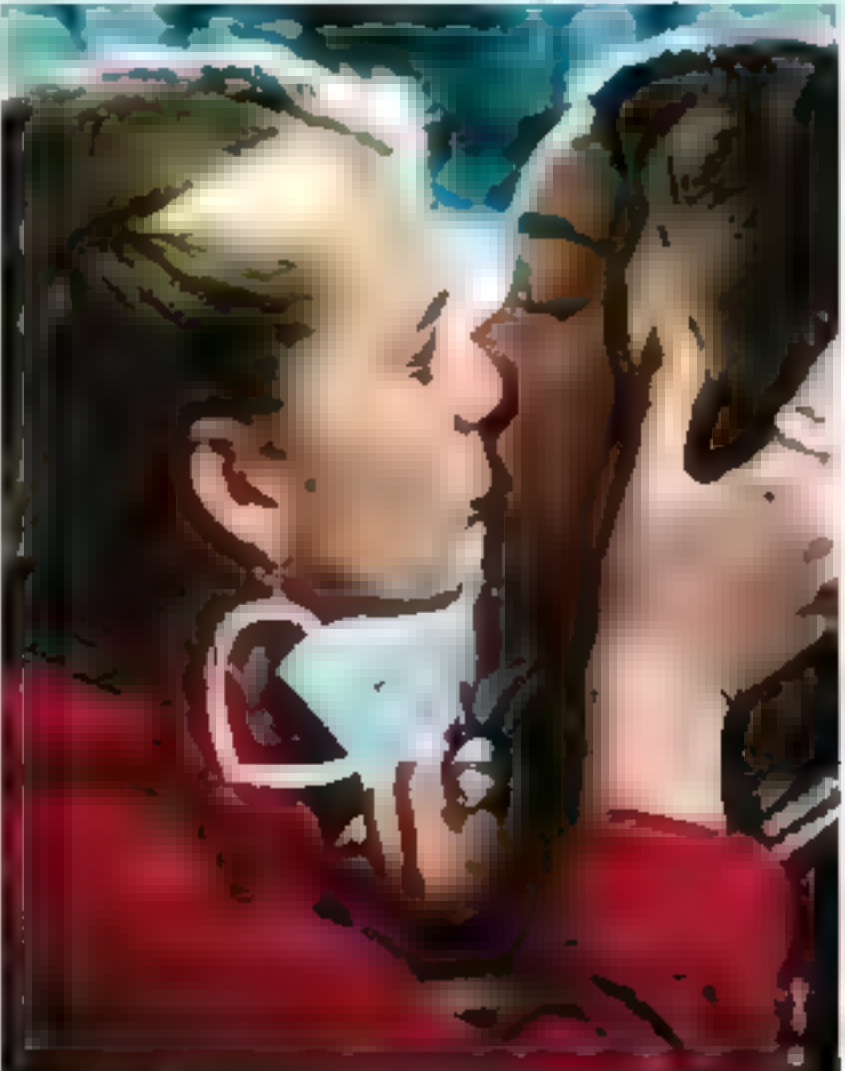
Há produções que cumprem tais requisitos, caso da releitura de "She-Ra", em que a protagonista salva o mundo tascando um beijo noutra personagem feminina, Felina, e de "High School Musical", que retornou com um casal gay após ter forçado a heterossexualidade de um coprotagonista.

Mesmo "The L Word", que já era centrada em personagens lésbicas em 2004, quando estreou, incorporou no remake "Geração Q" um personagem transgênero e bissexual com conflitos que vão além de sua identidade de gênero e de sua orientação sexual, assim como "One Day at a Time", que voltou ao ar 33 anos depois do encerramento de sua primeira versão, desta vez com a filha da protagonista se assumindo lésbica e namorando uma personagem não binária.

O reboot de "Rebelde", lançado neste ano, teve o mesmo cuidado. A atriz Giovanna Grigio, que interpretou uma personagem bissexual em "Malhação" e agora vive outra, Emilia, na produção, concorda que se deve ir além do cumprimento da tabela. "Amo na história da Emilia que sua sexualidade é apenas um detalhe. Ela é uma menina cheia de conflitos, vivendo com intensidade a adolescência, lidando com pressões, encontrando o amor, se questionando enquanto pessoa", diz.

Carvalho, o roteirista, afirma que a complexidade nasce a partir do momento em que certas convenções sobre a comunidade LGBTQIA+ na TV são quebradas. "Já vimos a narrativa da saída do armário, de se apaixonar pelo melhor amigo, de não se aceitar, de sofrer homofobia. Quando a gente desestrutura essas convenções, complexificamos os personagens", afirma.

Ainda há, no entanto, um longo caminho para que essas histórias cheguem à altura das que, por décadas, têm sido contadas sobre pessoas heterossexuais. Deerwater, a pesquisadora da Glaad, diz que é preciso adicionar mais diversidade à diversidade.

"A TV precisa contar mais histórias de pessoas queer negras, indígenas, assexuais, intersexuais, não binárias, de corpos diversos, dos que vivem com HIV. Histórias significativas, com personagens tridimensionais e com pessoas LGBTQIA+ não só na frente, mas atrás das câmeras."

Emilia e Andi no reboot de 'Rebelde', da Netflix Netflix

Micah, à direita, personagem trans de 'The L Word: Geração Q'

Che Diaz se relaciona com Miranda em 'And Just Like That'

Syd e Elena no revival de 'One Day at a Time' Fotos Divulgação

Luz de Monica Vitti não era presa a Antonioni

Morta aos 90 anos, atriz italiana de porte heráldico e movimentos suaves foi a face da modernidade, altiva e inteligente

ANÁLISE

Inácio Araujo

Maria Luisa Ceciarelli pode até ter nascido com esse nome, em Roma, em 3 de novembro de 1931. Mas sua vocação era mesmo ser Monica Vitti. Morta aos 90 anos nesta quarta-feira, diferente das grandes estrelas do país —de Anna Magnani a Sophia Loren e, em parte, Claudia Cardinale—, nada nela lembrava a tradição popular do cinema italiano, mesmo que viesse de uma família burguesa da Sicília.

Com efeito, os cabelos claros, o porte heráldico, os movimentos suaves— tudo que a consagrou como tipo diz respeito mais ao "milagre italiano" do pós-Guerra do que ao sofrimento da gente pobre.

Era muito particular, não apenas nesse aspecto. Desde a juventude sentia que a única razão de existir era "ser outra". Ela se matriculou na escola de secretariado para agradar a família, mas seu gênio já se manifestava —se inscreveu na Academia de Arte Dramática Nacional. A força de sua personalidade e a tendência nada conformista já se manifestavam desde então.

Não por acaso, sua carreira de atriz foi forjada pelo encontro marcante com Michelangelo Antonioni. Mas até que ponto Antonioni seria plenamente Antonioni sem o encontro com Monica Vitti? Seria notável, sim, mas é incontestável que esse encontro foi decisivo para ambos.

Vitti, até ali dubladora e atriz de filmes secundários, de repente aparece em "A Aventura", de 1960, como a própria face da modernidade. É inteligente, altiva, ativa, mulher capaz de experimentar uma aventura ao mesmo tempo interior e exterior.

Mais do que isso. Como dirá Antonioni, o que ela tem de mais estranho são os olhos. "Eles não se detêm em nenhum objeto, mas fixam segredos distantes. É o olhar de alguém que procura um lugar para encerrar seu voo, mas não o encontra."

O filme estoura no Festival de Cannes, entra na lista dos dez mais dos Cahiers du Cinéma, dá um novo status à obra de Antonioni e faz de Monica Vitti uma estrela.

O que veio depois justificaria o encantamento mútuo de que foram tomados o cineasta e a atriz —"A Noite", em que ela faz um segundo papel, ao lado de Jeanne Moreau, e "O Eclipse" completariam a famosa "trilogia da incomunicabilidade" em 1961 e 1962, nesta ordem, e tornam o nome de Monica Vitti de uma vez para a história do cinema. Junto com o de Antonioni, claro.

Ambos seguiriam cada um para seu lado após "O Deserto Vermelho", de 1964, mas Vitti já era, desde então, a representante feminina de todos os impasses modernos —a dificuldade de amar, a busca angustiante de si mesma, a necessidade de independência. Diante disso, a personagem de Vitti com Antonioni demonstrava uma segurança e uma força interior de moça com educação burguesa, mas nunca de jovem burguesinha acomodada.

De fato, também a atriz não se acomodava. Como se a imagem da atriz intelectual pudesse aprisionar a artista, tratou logo de ir à Inglaterra filmar "Modesty Blaise" com Joseph Losey. Talvez a mudança de figurino tivesse espantado tanto seu público como o de Losey —o fato é que, na pele de agente secreta, o resultado não foi o que se esperava.

Nem por isso a atriz desistiu. Muito pelo contrário. Ao longo dos anos 1960 e 1970, trabalhando com diretores como Mario Monicelli, de "A Garota com a Pistola", de 1968, e vários outros, Luciano Salce, de "Pato com Laranja", de 1975, e Alberto Sordi, de "Amor, Ajuda-me", de 1969, ela se impôs como um nome-chave da comédia popular italiana e provou que sua independência e ousadia não se limitavam aos personagens antonionescos.

Longe disso, ousou mesmo fazer "A Mulher que Inventou o Rebolado", de 1969, com direção de Marcello Fondato. Em diversas ocasiões, esteve ao lado dos maiores atores da comédia italiana (e não só), como Vittorio Gassman, Ugo Tognazzi, além de Alberto Sordi, sem nunca perder o rebolado.

Para quem a conheceu, aliás, Monica Vitti nunca precisou provar que tinha luz própria e, afinal, não dependia só de Antonioni. Chegando aos 50 anos permitiu que a carreira de atriz aos poucos fosse sendo substituída por funções outras. Escreveu os roteiros de "Flirt" e "Francesca È Mia", que seu então companheiro, Roberto Russo, dirigiu nos anos 1980.

Em 1990, ela própria dirigiu "Scandalo Segreto", que valeu a ela uma indicação como melhor diretora estreante ao prêmio David de Donatello, o maior do cinema italiano. Terminaria a carreira dois anos depois atuando em "Ma Tu Mi Vuoi Bene" de Marcello Fondato, de quem foi parceira em várias ocasiões. Em 1995, quando o Festival de Veneza celebrava os cem anos do cinema, recebeu um Leão de Ouro por sua carreira.

Em 2000, ela se casou com Roberto Russo, com quem vivia já havia quase três décadas. Russo a acompanhou nos últimos anos, em que, sofrendo do mal de Alzheimer, Monica Vitti perdia progressivamente a memória. O próprio Russo fez saber aos jornalistas o problema de saúde da mulher, que começara em 1995, e razão de seu retiro.

Vitti deixara então o cinema e também a arte da conversação, na qual, segundo seus amigos, não era menos interessante do que quando surgia na tela com seu porte único, que levou o atual ministro da Cultura italiano a chamar a atriz de rainha do cinema de seu país. Bem, o cinema italiano teve várias rainhas, mas Monica Vitti será sempre uma das mais marcantes.

A atriz italiana Monica Vitti em cena do filme 'A Aventura', de 1960, obra de Michelangelo Antonioni, diretor do qual foi a grande e inseparável musa Reprodução

O show tem que continuar

Novelas feitas como 'obras fechadas' amargam recordes negativos de audiência

Mauricio Stycer

Jornalista e crítico de TV, autor de 'Topa Tudo por Dinheiro'. É mestre em sociologia pela USP

O capítulo final de "Nos Tempos do Imperador", que a Globo exibe nesta sexta, encerra a primeira etapa de uma experiência ousada: a exibição de novelas quase inteiramente escritas antes de serem gravadas e levadas ao ar, já com metade ou mais dos seus capítulos prontos.

Trata-se de uma inflexão radical em um modo de produção estabelecido ao longo de décadas e que se convencionou chamar de "obra aberta". Normalmente escrita à medida que vai sendo exibida, a novela sempre permitiu que os autores alterassem o rumo de suas tramas em função da recepção do público.

As outras duas novelas inéditas da Globo atualmente no ar, "Quanto Mais Vida Melhor", na faixa das 19h, e "Um Lugar ao Sol", às 21h, também seguiram esse novo modo de produção. Transformadas em "obras fechadas", as três são cobaias da experiência de seguir produzindo conteúdo original em meio ao caos da pandemia.

O show tem que continuar, diz o mantra da indústria do entretenimento. Lançada em agosto de 2021, "Nos Tempos do Imperador" foi a primeira novela inédita da emissora em mais de um ano. Escrita por Thereza Falcão e Alessandro Marson, começou a ser produzida ainda em 2019, mas teve o seu cronograma revisto inúmeras vezes em consequência das dificuldades impostas pela pandemia.

Entre as medidas tomadas para reagir às restrições impostas pela crise sanitária, a produção sofreu um corte no número de figurantes, o que afetou o impacto de muitas cenas, e teve menos cenas românticas do que o tema e o horário permitiriam.

Mais difícil de contornar, creio, foi a impossibilidade de fazer ajustes na trama, investir mais ou menos em certos personagens, corrigir o tom da interpretação de alguns atores, e até mesmo acrescentar situações não previstas originalmente para dar dinamismo à história.

No livro "Novela: Obra Aberta e Seus Problemas", lançado em 2016, o pesquisador Fábio Costa fez um excelente levantamento sobre os diferentes tipos de intervenção realizados em novelas ao longo de cinco décadas. O estudo mostra como emissoras e autores reagiram a situações inesperadas e alteraram, com sucesso, aspectos significativos de tramas no meio do caminho.

Nunca saberemos qual seria o resultado de "Nos Tempos do Imperador" em uma situação normal, como "obra aberta", mas o fato é que a audiência média da novela é a mais baixa já registrada nessa faixa horária. O mesmo recorde negativo ameaça as outras duas tramas inéditas no ar.

Como mostrou Cristina Padiglione no final de dezembro do ano passado, a perda de audiência das novelas não é um dado ligado exclusivamente à pandemia ou a essa experiência de lançar histórias previamente já escritas e gravadas.

A Globo perdeu mais da metade de seu público de novelas de 2000 para cá, segundo a medição do Kantar Ibope. Levantamento obtido pela jornalista mostrou que a emissora segue líder em audiência com folga no mercado nacional e na Grande São Paulo, mas os seus índices despencaram.

A explicação para a fuga de público, aponta Padiglione, pode ser encontrada no crescimento do consumo de outras telas, com ênfase no streaming, nicho que mais cresceu no bolo de sinais medidos pelo Kantar Ibope.

Não deixa de ser irônico que essa migração de público tenha como resultado o consumo de... novelas.

Três folhetins infantis do SBT frequentemente estão entre os conteúdos mais vistos pelo brasileiro na Netflix. O Globoplay, além de oferecer dezenas de títulos antigos do seu catálogo, vem adquirindo os direitos de exibição de novelas mexicanas, turcas e portuguesas, entre outras. E a HBO Max anunciou planos de produzir tramas curtas para a sua plataforma.

Novo diretor do MAM do Rio quer cortar custos sem modificar planos

Paulo Albert Weyland Vieira pretende fazer uma gestão de transição e que será ponte entre o conselho e a equipe

Gustavo Zeitel

RIO DE JANEIRO Depois de vender a tela "Número 16" do pintor americano Jackson Pollock, em 2019 —negociada por US$ 13 milhões, metade do que era esperado—, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro parecia ter entrado na rota da prosperidade.

Afinal, era criado ali um fundo de R$ 34 milhões para garantir a reestruturação do museu a partir de 2020. Formada por Keyna Eleison e Pablo Lafuente, a nova equipe de curadores trazia uma aura mais diversa e acessível ao museu.

Isso até a surpreendente partida de Fabio Szwarcwald da direção executiva. Oficializada num pedido de demissão nesta segunda, sua saída sinaliza um novo capítulo de crise financeira para o MAM carioca.

Szwarcwald deixa o cargo após divergências com o conselho do museu, receoso com as despesas do fundo. Em 2020, o ex-diretor usou do montante R$ 9 milhões e, no ano passado, R$ 5 milhões. O gasto de R$ 14 milhões acendeu o alerta para os conselheiros do MAM, instituição privada sem fins lucrativos que tem custo médio anual de R$ 11 milhões. De acordo com o ex-diretor, os gastos eram inadiáveis.

Sua gestão foi marcada por reparos estruturais —como a limpeza dos dutos do ar-condicionado e a instalação de uma brigada de incêndio—, a fim de dotar o prédio de infraestrutura para contratar um seguro. "Ficaram questionando eu não ter caixa para isso. Mas esses investimentos são necessários para o museu", afirma Szwarcwald.

Conselheiro do MAM há mais de 20 anos, Paulo Albert Weyland Vieira, de 55 anos, anunciado agora como novo diretor, discorda do posicionamento de seu antecessor.

"O que ele chama de desentendimento é o custo. Havia uma instrução clara do conselho para reduzir. Ele deveria ter apresentado um plano para essa redução, mas isso nunca foi feito", afirma o novo diretor. Vieira conta que o conselho não questionou gastos com a segurança do prédio e que o serviço de uma seguradora será anunciado em breve.

Em julho de 2021, o museu anunciou o nome de Pedro Rodrigues para ocupar a direção financeira e administrativa. Szwarcwald afirma ter encontrado desde então dificuldades para o encaminhamento de projetos. Colecionador e egresso do mercado financeiro, Szwarcwald assumiu a direção executiva do MAM depois de ser exonerado da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, pela secretaria estadual de Cultura do Rio de Janeiro em novembro de 2019.

Sua gestão foi marcada pelo reposicionamento do MAM. Em 2020, foram oito exposições, com 28 mil visitantes presenciais, um crescimento de 67% após a reabertura. No ano passado, foram dez mostras, com 50 mil espectadores.

O MAM afirmou que uma nova hierarquia estava acertada com Szwarcwald desde setembro. Ele assumiria a diretoria de relações institucionais. Rodrigues seria o diretor financeiro e administrativo, e Weyland Vieira, o novo diretor executivo. "Achávamos que ele já tinha acertado", diz Vieira.

Funcionários do museu contam que Szwarcwald não via com bons olhos a chegada de Rodrigues ao posto de diretor financeiro e administrativo. Para a troca de gestão, o ambiente político foi decisivo.

Não se sabia quem de fato era o diretor executivo do MAM, uma vez que Rodrigues pusera freio em algumas iniciativas de Szwarcwald. O ex-diretor desejava recuperar o Bloco Escola, que formou gerações de artistas entre as décadas de 1950 e 1970.

O novo diretor do MAM é colecionador e o primeiro brasileiro a integrar o conselho internacional da Tate Modern, de Londres. "Meu objetivo é promover uma gestão de transição, fazendo a ponte entre a equipe e o conselho", afirma.

A ideia será encontrar um equilíbrio orçamentário, aproveitando um possível lastro gerado pelo fundo. Afirma ainda que os estudos para a reinauguração do Bloco Escola, com financiamento do BNDES, continuarão em sua gestão. Também apoia a ideia de captar recursos a partir da ONG Brazil Foundation.

Para a recuperação financeira, a nova direção pretende gastar, da quantia do fundo, apenas o valor compatível com seu rendimento, que varia de acordo com a taxa de juros. Sob o aspecto curatorial, não haverá nenhuma mudança, e a programação para este ano deve ser assegurada.

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em fotografia de Leonardo Finotti Fotos Reprodução

'Espelho da Alma', obra de 2020, do artista makuxi Jaider Esbell, feita para edição do Jornal Nossa Voz Divulgação

Desenho com rosto de congolês assassinado viraliza na internet

SÃO PAULO Emicida, Mano Brown, Leticia Colin, Babu Santana, Marisa Monte, Gabigol e outras centenas de celebridades e anônimos compartilharam, nesta semana, uma ilustração que estampa o rosto do congolês Moïse Mugenyi Kabagambe, espancado até a morte no Rio de Janeiro, na semana passada.

O desenho, do designer gráfico Dinelli, traz a frase "justiça por Moïse Mugenyi" e viralizou nas redes sociais em menos de um dia após a sua publicação, nesta terça.

"A minha grande esperança é que, com essas ilustrações, de lutas contra opressões, eu consiga levar esses assuntos até alguém", afirma o artista. "Quero chegar às pessoas. Seja para que elas leiam a respeito, se interem sobre o assunto ou se envolvam de alguma forma."

Kabagambe foi assassinado num quiosque na praia da Barra da Tijuca. Segundo a família, isso ocorreu após ele reivindicar o salário atrasado do local, onde trabalhava como ajudante de cozinha.

O caso vem gerando reflexões sobre racismo e xenofobia, já que Kabagambe era negro e refugiado.

Incomodado, Dinelli diz que espera que sua arte continue a ser replicada e a inspirar outras obras que denunciem crimes do tipo.

Marina Lourenço

Jaider Esbell e outros quatro artistas do Brasil estão confirmados na mostra principal da Bienal de Veneza

Carolina Moraes

SÃO PAULO Os artistas brasileiros Lenora de Barros, Rosana Paulino, Jaider Esbell, Luiz Roque e Solange Pessoa foram confirmados na principal mostra da próxima Bienal de Veneza, que começa em abril e vai até novembro deste ano.

A nova edição da mostra em Veneza, que foi adiada em 2020, tem organização da italiana Cecilia Alemani e foi batizada "The Milk of Dreams", ou o leite dos sonhos, remetendo a um livro da escritora e artista surrealista britânica Leonora Carrington, que morreu há dez anos.

Esta é uma das maiores participações de representantes brasileiros no evento nos últimos quase dez anos.

Em 2003, a Bienal de Veneza selecionou oito artistas do Brasil na mostra principal — Hélio Oiticica, Cildo Meireles, Fernanda Gomes, Marepe, Alexandre da Cunha, Rivane Neuenschwander, Rosângela Rennó e Beatriz Milhazes.

Desde então, só as duas edições seguintes, as de 2005 e 2007, tiveram cinco nomes nacionais na principal exposição do evento.

Na última Bienal de Veneza, em 2019, e também em 2013, nenhum brasileiro esteve nos pavilhões centrais. No centro dos espaços Arsenale e dos Giardini, a mostra deve reunir mais de 200 artistas em 2022.

O indígena makuxi Jaider Esbell, morto aos 41, no ano passado, era um artista em ascensão e foi um dos grandes destaques da Bienal de São Paulo do ano passado, edição com maior número de artistas representantes dos povos originários das Américas.

Ainda neste ano acontece também uma exposição da artista Lenora de Barros na Pinacoteca de São Paulo, que se debruça sobre as ideias de identidade nacional e decolonialidade na programação de 2022. Na mostra, a artista exibirá vídeos e instalações que traçam intersecções entre palavra e imagem, a partir da poesia concreta dos anos 1950 e de influências da arte conceitual e da pop art.

Estará também na programação da Pinacoteca uma mostra do artista alagoano Jonathas de Andrade, que vai representar o Brasil em Veneza. Essa é a participação oficial que ocorre historicamente no pavilhão brasileiro, construído em 1964 nos Giardini, os jardins da Bienal de Veneza, a partir de um projeto de Henrique Mindlin e mantido pelo Ministério das Relações Exteriores. Outras 80 nações se apresentarão em pavilhões na edição deste ano, que incluiu cinco novos países.

Conhecido por obras como a videoinstalação "O Peixe", que esteve na Bienal de São Paulo de cinco anos atrás, e pelo painel de cartazes "Educação para Adultos", Andrade foi escolhido por Jacopo Crivelli Visconti, curador da participação nacional na tradicional mostra italiana e também curador-geral da última Bienal de São Paulo.

Cartaz de Dinelli, que homenageia o jovem morto

Confissões de uma farofa

Não foi Bolsonaro que expeliu o farelo, mas ele quem se expeliu de Bolsonaro

Flávia Boggio

Roteirista. Escreve para programas e séries da TV Globo

No último domingo, o presidente Jair Bolsonaro foi flagrado comendo frango com farofa com as mãos, deixando cair todo o alimento em suas pernas e no chão.

O vídeo foi feito pela equipe de Fábio Faria que, mesmo sendo ministro e genro do maior comunicador do país, provou que de comunicação pouco entende. Caso contrário, saberia que o povo não iria gostar de ser representado por um adulto que se alimenta como um bebê. No final, a farofada se voltou contra o farofeiro.

Não foram apenas os eleitores que ficaram insatisfeitos. A coluna ouviu o outro lado de quem também protagonizou o vídeo: a farofa.

Segundo a iguaria à base de mandioca, não foi Bolsonaro que expeliu a farofa, mas a farofa que se expeliu de Bolsonaro. O farelo teria fugido para não ter o desprazer de parar na boca do presidente.

"Poderia ser pisada por passantes, varrida para um aterro, até ser comida por pombos, mas alimentar o presidente, jamais", protesta.

Em entrevista à coluna, a farinha conta como foi parar no chão de uma barraca de frango assado, em Brasília: "Estava tranquila aguardando ser comida como qualquer farofa, com garfo e faca. Até que fui capturada por dedos com restos de leite condensado e secreção nasal," desabafa. "Não tive escolha e pulei para o chão."

Os modos com que o presidente se alimenta foram decisivos para a fuga: "Um frango, que escapou da boca do capitão, contou que nem mastigar ele mastiga", relata, sem conseguir conter as lágrimas de manteiga. "Eu iria direto para o estômago e teria o desgosto de encontrar o miojo do seu jantar, que, provavelmente, não teria sido digerido."

Para a farofa, a lambança foi produzida por um parente do presidente. "Um rapaz com alguns fios de cabelo na cabeça que, assim como eu, também tentavam fugir." Pela descrição, tudo indica se tratar do filho do presidente, Carlos Bolsonaro.

O derivado de mandioca conseguiu prever a repercussão negativa do episódio: "Bolsonaro quis se parecer com um homem do povo, mas homem do povo foi quem varreu aquela imundície de lá."

A iguaria aproveitou para protestar contra o nome do evento, "Farofada do Bolsonaro". "Não fui eu que fiz aquela lambança. Tinha que se chamar 'Bolsonarada da Farofa'."

Galvão 22

Galvão Bertazzi

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. **Renato Terra** | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Atriz Andréia Horta conduz temporada de programa sobre o cinema brasileiro

O País do Cinema
Canal Brasil, 6h. 14 anos
Na sexta temporada do programa que revisita clássicos do cinema nacional, a atriz Andréia Horta conversa com produtores, diretores e atores de filmes como "Pacarrete", "Bacurau", "Madame Satã" e, na estreia, "Que Horas Ela Volta?". Entre os convidados estão nomes como Barbara Paz, Bruno Barreto, Marcélia Cartaxo e Susanna Lira. Os três primeiros episódios já estão disponíveis nos serviços de streaming Canais Globo e Globoplay + Canais ao Vivo

Raised by Wolves
HBO Max. 16 anos
A série de ficção científica produzida por Ridley Scott chega à segunda temporada, com os sobreviventes da raça humana enfrentando novos perigos no misterioso planeta Kepler-22b, onde buscaram refúgio.

Donald Trump - Linguagem Corporal
Discovery+. 10 anos
Especialistas analisam a postura e o gestual de Donald Trump e apontam as motivações psicológicas do ex-presidente dos Estados Unidos.

Aleluia, o Canto Infinito do Tincoã
Canal Brasil, 18h. livre
Inédito na televisão, o documentário de Tenille Bezerra acompanha seis anos da vida do cantor baiano Mateus Aleluia, ex-integrante do trio vocal Os Tincoãs

Live com Santídio Pereira
YouTube do Instituto Ling, 19h. grátis
O artista piauiense conversa sobre sua mostra "Incisões, Recortes e Encaixes" que começa em breve na Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, com o curador Ricardo Sardenberg e a especialista em arte popular Vilma Eid. Inscrições abertas no site institutoling.org.br

La Verónica
HBO Mundi, 22h. 16 anos
Neste filme chileno, uma influenciadora digital vê seu mundo desmoronar quando ela é acusada pela morte de sua primeira filha

Manufatura Fashion
Fashion TV, 22h. livre
Ao longo de oito episódios, esta série documental entrevista estilistas e empresários, em busca de soluções para tornar mais sustentável a indústria da moda brasileira

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

GODOKU

textoart.br/fsp

	A		U			O		
			C			D		G
			E		D		U	
	E				C		H	U
		O				C		
C	H		A				E	
	D		O		U			
O		E			A			
		G			E		O	

As regras do Godoku são simples: o jogador deve preencher o quadro maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que os espaços em branco contenham as letras presentes no diagrama. As letras não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid. No destaque será lido o nome dado ao habitante dos pampas

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Loja de artigos variados e de pouco valor / Tecla muito utilizada pelo usuário de computadores 2. Vendedor de Ray-Bans 3. Em tom depreciativo, chefe, fiscal / Diz-se do primeiro elemento de uma série 4. 1 / Um grande sucesso de Caetano Veloso (1969) 5. (Fig.) A última parte de algo 6. Tradicional time do futebol argentino 7. De preço exorbitante / Bicho semelhante a um pequeno veado 8. Imposto de Renda / Pedaço de pau usado como arma 9. Nascida em Antofagasta ou Concepción 10. (Matem.) O sinal = / Feito por ti 11. Diz-se de região com muitas montanhas 12. Um Lobo das histórias infantis / (Quím.) O Na 13. Vocal / (Pop.) Fazer uma brincadeira com alguém, por divertimento

VERTICAIS
1. Cachorro de pelagem curta e focinho achatado / Um oposto de sinceridade 2. Apressar / Congelar-se (o orvalho) 3. Ficar nervoso / Cidade do Pará, próxima a Santarém 4. Aquele lugar / Apertar muito 5. (Pop.) Briga em que se envolvem numerosas pessoas / Tom claro da cor rosa 6. Plantação de árvores para a produção de borracha / (-moscada) Condimento e estimulante gástrico 7. Extraterrestre / Diz-se de processo cujo andamento for retardado 8. Banho de vapor de água quente / (Galinha) O criminoso carioca interpretado por Seu Jorge no filme "Cidade de Deus" / Inteligência Artificial 9. Fruto grande, esférico, com sementes semelhantes às da abóbora / Picasso em relação a "Guernica"

HORIZONTAIS 1. Bazar, Esc. 2. Oculista. 3. Xerife, Um. 4. Ele-fante. 5. Reta final. 6. Racing. 7. Caro, Gamo. 8. IR, Clava. 9. Chilena. 10. Igual, Teu. 11. Serrana. 12. Mau, Sódio. 13. Oral, Zoar. VERTICAIS 1. Boxer, Cinismo. 2. Acelerar, Gear. 3. Zuretar, Curuá. 4. Ali, Arrochar. 5. Rififi, Lilás. 6. Seringal, Noz. 7. ET, Engavetado. 8. Sauna, Mané, IA. 9. Melão, Autor.

Marcia Melo

Hijab

Julgamos intransigentes as minorias, esquecidos da nossa própria empáfia

Fernanda Torres

Atriz e roteirista, autora de 'Fim' e 'A Glória e Seu Cortejo de Horrores'

Um mês longe de casa, sem nenhuma menção do Brasil no noticiário internacional, a não ser por uma breve imagem de Messias, num programa sobre as ameaças globais ao meio ambiente.

A distância, acompanhei a falsa polêmica sobre o racismo reverso nos jornais. Chamo de falsa porque é impossível separar a vergonhosa desigualdade social brasileira de sua herança escravocrata, bem como comparar a animosidade inerente às tribos humanas com as sequelas nefastas de uma política de séculos de escravização em massa.

Leis de acesso à educação, à saúde, à habitação, ao transporte e ao saneamento devem englobar gregos e troianos. Mas a carência geral não impede que, em paralelo, se discuta o preconceito evidente e a imensa dívida do país para com os descendentes de africanos escravizados.

O setor audiovisual, do qual faço parte, é prova de que o racismo estrutural existe. Para quem duvida, aconselho assistir ao documentário "A Negação do Brasil", de Joel Zito Araújo, disponível no YouTube, sobre a representação dos negros nas telenovelas brasileiras.

Em 1968, Geraldo Vietri, autor da novela "Antônio Maria", acreditou ter mudado a mentalidade do brasileiro para com as empregadas domésticas, por meio da personagem Maria Clara, vivida pela atriz Jacira Silva.

Num depoimento para a câmera, uma radiante Maria Clara desabafou no horário nobre: "Eu quero ficar nessa casa porque aqui eu sou criada, sim, mas sou tratada como gente. A dona Carola, outro dia, até me beijou! No dia do meu aniversário, eles me deram presente como se eu fosse uma pessoa da família. [...] Na cor, nós somos diferentes, no coração, não."

A primeira empregada doméstica negra de sucesso da telenovela mereceu um final romântico, casando-se na igreja com um oficial das Forças Armadas. Emocionado, o noivo confessou, mirando o tenente, que amava a mulher. "O que importa ela ser de cor, se a alma dela é branca e pura?"

Em "Escrava Isaura", de 1976, os trabalhadores alforriados de uma fazenda rodearam os branquíssimos Edwin Luisi e Lucélia Santos para agradecer de joelhos a liberdade concedida. E, em 1980, nos bastidores de "Água Viva", Bob Marley perguntou onde estavam os negros, antes de dar uma canja na festa da louríssima milionária Stella Simpson.

Foi só em 1994 que, numa atitude inédita, uma entidade ligada ao movimento negro de São Paulo acusou a Globo e Gilberto Braga, produtora e autor da novela "Pátria Minha", de terem levado ao ar uma cena que não refletia o comportamento do negro na sociedade brasileira.

A maneira submissa com que o personagem Kennedy reagiu à acusação infundada do patrão mau-caráter, Raul Pellegrini, de que ele havia arrombado o cofre da mansão foi o estopim da indignação.

Os autores do folhetim apelaram para o direito à liberdade de expressão, mas acabaram por reconhecer a infelicidade da cena. Quatro dias depois, um diálogo reparatório sobre o racismo, entre Kennedy e a mãe, foi transmitido via Embratel.

A acusação de que os movimentos negros brasileiros se curvaram à visão americana de raça, fruto da política do "one drop", pode até ser discutida. Possuímos, de fato, uma experiência única de miscigenação, que poderia oferecer algo de diverso ao mundo, não tivesse o mito da democracia racial tupiniquim servido para escamotear nosso racismo arraigado.

Numa hora de radicalidade irrestrita, a sutileza e o diálogo parecem ter cedido à incapacidade de escuta e à agressividade. É preciso estar atento às raras tentativas de expressar o que temos de comum e contraditório.

A New Yorker Classics de janeiro traz um artigo de 2016, da escritora americana Elif Batuman, intitulado "A Head Scarf", ou um lenço de cabeça. Filha de pesquisadores turcos imigrados para os Estados Unidos nos anos 1970, Batuman procura expressar a zona cinza que envolve as questões de raça, gênero, religião, liberdade e cultura, ao descrever o sentimento controverso que a acometeu ao portar o hijab —lenço que cobre a cabeça das mulheres muçulmanas—, numa visita à Turquia de Erdogan.

A autora se refere aos turcos laicos ocidentalizados como brancos e aos seguidores do Alcorão como pretos, discorrendo sobre a inesperada sensação de respeito e pertencimento que experimentou ao se cobrir com o hijab obrigatório, no governo de Abdullah.

Seu relato serve de espelho para as tensões em curso no Brasil, pois aborda a soberba do Ocidente esclarecido e as mágoas incuráveis que permeiam as relações entre colonizados e colonizadores.

Torcemos o nariz para o hijab, mas aceitamos a tortura do salto alto. E julgamos intransigentes as minorias, esquecidos da nossa própria empáfia.

seg. Luiz Felipe Pondé | ter. João Pereira Coutinho | qua. Marcelo Coelho | qui. Drauzio Varella, Fernanda Torres | **sex. Djamila Ribeiro** | sáb. Mario Sergio Conti

Flamingos em pintura da artista Ana Elisa Egreja Divulgação

John Berger propõe que olhemos para os bichos

Obra arrepiante, livro mescla ensaio, narrativa e poesia para estreitar o abismo entre os humanos e os não humanos

LIVROS
Por que Olhar para os Animais?
★★★★★
Autor: John Berger. Trad.: Pedro Paulo Pimenta. Ed.: Fósforo. R$ 59,90 (106 págs.); R$ 39,90 (ebook)

Maria Esther Maciel

"Por Que Olhar para os Animais?", do escritor, artista e crítico de arte britânico John Berger, é um livro precioso. Publicado recentemente, reúne nove textos escritos entre 1971 e 2009, nos quais o mundo vivo e as nossas controversas relações com os animais são expostos de forma prismática.

Numa mescla de ensaio, narrativa, relato e poesia, Berger trata da situação marginalizada dos animais na hierarquia dos viventes, das nossas práticas de confinamento e do "abismo da não compreensão" que nos separa deles.

O ensaio que dá título ao volume, escrito em 1977, ilumina histórica e conceitualmente os demais textos. Em quase todos, o tema do olhar é essencial e aparece por vias diversas. Já no primeiro conto, "Uma História de Ratos", encontramos "os olhos de azeviche" que um rato preso na gaiola dirige, sem piscar, ao homem que o captura.

Esse homem, por sua vez, também olha o rato. E é quando se lê "dificilmente alguém olha para um rato por tanto tempo quanto aquele homem o olha ou vice-versa". Na falta de uma linguagem comum entre as espécies, a troca de olhares passa a ser um meio privilegiado de comunicação.

No texto seguinte, ao tomar uma andorinha como ponto de partida para falar das fotografias do finlandês Pentti Sammallahti, o escritor flagra figuras de cães, ressaltando "as mensagens mudas e urgentes" que vêm dos olhos caninos. Isso o leva a concluir que, provavelmente, foi um cão que conduziu o fotógrafo ao instante e ao lugar onde as fotografias foram feitas.

O zoológico, também associado ao ato de olhar, ocupa de maneira incisiva uma reflexão no ensaio principal e reaparece, com outras nuances, no impressionante "O Teatro dos Grandes Primatas", de 1992, em que que Berger mistura memória e considerações sobre as habilidades cognitivas e emotivas de orangotangos, gorilas e chimpanzés, com ênfase no zoológico da Basileia.

Ele evidencia que os zoológicos, apesar de terem como objetivo oferecer ao visitante a oportunidade de ver os animais, só podem decepcionar, pois neles as pessoas jamais poderão encontrar o olhar de um animal pousado sobre elas. Os bichos "olham para além de nós" por terem sido "imunizados contra o encontro".

No livro há, ainda, um ensaio sobre o consumismo, outro sobre a vida no campo e um belíssimo poema que, em tudo, dialoga com o ensaio "Por Que Olhar para os Animais?". Já o texto final é sobre o último dia na vida de Ernst Fisher, filósofo e amigo do autor. É um relato afetuoso que não deixa de ser também um perfil e um obituário.

Nele, o narrador recorda, entre outras coisas, os passeios com o amigo por um jardim cercado de arbustos, fazendo com que a natureza entre nas frases com vitalidade e melancolia ao mesmo tempo, enquanto as experiências cotidianas se transformam numa celebração da amizade.

Em certo trecho do relato, Berger escreve que é difícil passar por aquele jardim sem sentir um arrepio. Talvez se possa dizer o mesmo em relação ao livro —não é fácil percorrer a obra sem sentir, de vez em quando, um arrepio. Mas, neste caso, um arrepio provocado pela beleza que suas páginas trazem aos olhos e à sensibilidade de quem o lê.

guiafolha

Fotos Divulgação

Saiba onde assistir aos filmes de Almodóvar no streaming

Diretor espanhol lança 'Mães Paralelas', que estreia nos cinemas nesta quinta

Nathalia Durval

SÃO PAULO Tramas novelescas, uma fotografia dominada por cores fortes, principalmente tons de vermelho, e histórias protagonizadas por mulheres ou homens gays são algumas das características que marcam os filmes do espanhol Pedro Almodóvar.

Um dos diretores vivos mais cultuados no mundo, Almodóvar lança "Mães Paralelas" nos cinemas nesta quinta (3) e na Netflix no próximo dia 18. Estrelado por Penélope Cruz, uma de suas musas, o longa acompanha duas mães que dão à luz no mesmo dia.

O espanhol começou a carreira em 1974, aos 25 anos, com o curta "Film Político". Ganhou reconhecimento internacional com filmes como "Tudo Sobre Minha Mãe" (1999), que lhe rendeu o Oscar de melhor filme estrangeiro, e "Fale com Ela" (2002), Oscar de melhor roteiro original.

Com a popularização dos serviços de streaming, é possível encontrar as principais obras do cineasta com poucos cliques. Praticamente todos os longas estão nos catálogos das plataformas no Brasil, com exceção de "Abraços Partidos", lançado em 2009, e "Labirinto de Paixões", de 1982.

Conheça, a seguir, 21 filmes e curtas de Almodóvar em ordem cronológica, do mais recente ao mais antigo, e saiba onde assistir a cada um deles nos serviços de streaming.

Mães Paralelas
Ana, uma garota de 17 anos, e Janis, uma fotógrafa que beira os 40, são mães solteiras que engravidam por acidente e se conhecem na maternidade no dia do parto. O filme foi recebido com aplausos no Festival de Veneza do ano passado.
Espanha, 2021. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Penélope Cruz, Milena Smit e Rossy de Palma. 14 anos. Estreia nos cinemas nesta quinta (3) e na Netflix em 18/2

A Voz Humana
A produção é um curta-metragem de 30 minutos filmado durante a pandemia e lançado em 2020. Inspirado em uma peça de Jean Cocteau, segue uma mulher, vivida por Tilda Swinton, que leva um fora de seu amante por telefone.
Espanha, 2020. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Tilda Swinton. [illegible] anos. No Telecine Play e disponível p/ compra ou aluguel no iTunes, Now e YouTube

Dor e Glória
Inspirada na infância e na juventude de Almodóvar, a cinebiografia foi indicada ao Oscar de melhor filme estrangeiro e Antonio Banderas, a melhor ator — ele foi premiado em Cannes. Salvador Mallo, papel de Banderas, é um cineasta em declínio que reflete sobre sua vida e as escolhas feitas ao longo de sua trajetória.
Espanha, 2019. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Antonio Banderas, Penélope Cruz e Leonardo Sbaraglia. 16 anos. Disponível p/ compra ou aluguel no iTunes, Now e YouTube

Julieta
Prestes a sair de Madri, Julieta tem um encontro inesperado que a faz mudar de ideia. Ela volta ao antigo prédio em que vivia e lá começa a escrever uma carta para sua filha.
Espanha, 2016. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Adriana Ugarte e Emma Suárez. 14 anos. No Globoplay e p/ aluguel no iTunes, Google Play e YouTube

Os Amantes Passageiros
Uma pane faz com que um avião não possa pousar com segurança. Segredos e intrigas dos passageiros vêm à tona enquanto os tripulantes tentam entretê-los.
Espanha, 2013. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Javier Cámara, Pepa Charro e Cecilia Roth. 16 anos. No HBO Max, Now e disponível p/ aluguel no iTunes

3 A Pele que Habito
Atormentado após ver a esposa morrer queimada, um cirurgião plástico usa uma mulher como cobaia para testar uma pele sintética imune a qualquer tipo de dano.
Espanha, 2011. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Antonio Banderas e Elena Anaya. 16 anos. No Now e p/ aluguel no iTunes

1 Volver
O filme gira em torno das irmãs Raimunda e Sole, que não sabem como lidar com seus problemas após a morte dos pais e recebem a ajuda do fantasma da mãe.
Espanha, 2006. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Carmen Maura, Penélope Cruz e Lola Dueñas. 14 anos. No Mubi, Telecine Play e Now

Má Educação
Nos anos 1960, dois meninos descobrem o amor em um internato católico. Eles se reencontram tempos depois, assim como o diretor da escola, que foi testemunha.
Espanha, 2004. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Gael García Bernal, Fele Martínez e Javier Cámara. 18 anos. No Mubi e p/ aluguel no iTunes e YouTube

4 Fale com Ela
Vencedor do Oscar, o melodrama acompanha dois homens que se tornam amigos enquanto cuidam de duas mulheres que estão em coma, uma toureira e uma bailarina.
Espanha, 2002. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Javier Cámara, Leonor Watling e Rosario Flores. 14 anos. No Mubi e p/ aluguel e compra no iTunes e YouTube

5 Tudo Sobre Minha Mãe
Outro vencedor do Oscar segue uma mãe que perdeu o filho em um acidente e viaja em busca do pai do garoto, que agora vive como uma mulher.
Espanha, França, 1999. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Cecilia Roth e Penélope Cruz. 18 anos. No Amazon Prime Video, Mubi e p/ aluguel no iTunes, Google Play, Now e YouTube

6 Carne Trêmula
Javier Bardem interpreta Víctor, um jovem que acaba de sair da prisão e tenta recuperar o amor de uma mulher, que agora é casada com o policial que o deixou paraplégico.
Espanha, França, 1997. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Javier Bardem e Penélope Cruz. 18 anos. No Amazon Prime Video, Mubi e Telecine Play

A Flor do Meu Segredo
Cansada do próprio trabalho e prestes a se separar do marido, uma escritora de meia-idade enfrenta uma crise e passa a reavaliar suas relações.
Espanha, França, 1995. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Marisa Paredes e Rossy de Palma. 14 anos. No Amazon Prime Video, Mubi e Telecine Play

9 Kika
A personagem-título é uma maquiadora que se envolve com um escritor americano e seu enteado catatônico. Quando este é ressuscitado acidentalmente por Kika, ela decide ir morar com ele.
Espanha, França, 1993. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Peter Coyote, Verónica Forqué e Victoria Abril. 16 anos. No Mubi e p/ aluguel no iTunes

2 De Salto Alto
A trama explora a relação entre uma apresentadora de TV e sua mãe, uma famosa cantora, que já foi amante do atual marido da filha. Enquanto as duas tentam se reconciliar, ocorre um assassinato.
Espanha, França, 1991. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Victoria Abril, Marisa Paredes e Miguel Bosé. 16 anos. No Amazon Prime Video, Mubi e p/ aluguel no iTunes e YouTube

Ata-me!
Ricky, um paciente recém-saído de um hospital psiquiátrico, sequestra e mantém como refém uma atriz pornô por quem tem uma obsessão.
Espanha, 1990. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Victoria Abril, Antonio Banderas e Julieta Serrano. 16 anos. No Mubi, Now e p/ aluguel no iTunes e YouTube

8 Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos
Pepa, uma famosa atriz de televisão, cruza com uma série de personagens excêntricos enquanto tenta descobrir por que o amante a deixou.
Espanha, 1988. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Antonio Banderas e Carmen Maura. 14 anos. No Amazon Prime Video, Mubi e Telecine Play

A Lei do Desejo
A trama segue três personagens: Pablo, um cineasta gay que embarca em um novo projeto e tem uma paixão não correspondida; Tina, sua irmã e atriz transexual; e Antonio, um fã obcecado por Pablo.
Espanha, 1987. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Antonio Banderas, Carmen Maura e Eusebio Poncela. 18 anos. No Mubi e p/ aluguel no iTunes e YouTube

7 Matador
Um toureiro aposentado que mata as mulheres depois do sexo conhece uma advogada criminalista que secretamente admira o assassino.
Espanha, 1986. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Antonio Banderas, Carmen Maura e Julieta Serrano. 18 anos. No Belas Artes à la Carte

10 O que Fiz Eu para Merecer Isto?
A comédia segue uma família excêntrica formada por Glória, uma faxineira viciada em anfetamina, o marido taxista abusivo, a sogra ingrata e os filhos — um garoto de programa e um traficante de drogas.
Espanha, 1984. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Carmen Maura e Luis Hostalot. 14 anos. No Amazon Prime Video e Mubi

11 Maus Hábitos
Após a morte do namorado, uma cantora de boate foge da polícia e se refugia num convento de freiras que se envolvem com drogas e sexo.
Espanha, 1983. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Carmen Maura, Cristina Sánchez Pascual e Julieta Serrano. 16 anos. No Amazon Prime Video e Mubi

Pepi, Luci, Bom e Outras Garotas de Montão
A jovem Pepi tenta se vingar do policial que a estuprou com a ajuda da melhor amiga, líder de uma banda punk.
Espanha, 1980. Dir.: Pedro Almodóvar. Com: Carmen Maura, Cecilia Roth e Félix Rotaeta. 16 anos. No Belas Artes à la Carte

turismo

Além da máscara, esquema vacinal completo com três doses é fundamental aos turistas em aeroportos Danilo Verpa/Folhapress

No avião, ônibus ou carro, veja como se proteger da Covid-19

'A sugestão é viajar no seu próprio veículo', diz o médico Marco Aurélio Sáfadi

Gabi Dourado

FORTALEZA Arruma a mochila, monta o roteiro, compra as passagens e... separa o kit de máscara e álcool em gel. A dinâmica de viajar nos últimos anos ganhou novas etapas e, entre as essenciais, está a busca por meios de se proteger contra uma contaminação por Covid-19.

Com o "afrouxa-aperta" das medidas de isolamento e surgimento de novas variantes, viajantes vêm encontrando formas de seguir com seus planos sem correr tantos riscos.

Os planos de viagens tomaram ainda mais força nos últimos meses, principalmente pelo desejo de compensar o período de maior isolamento social. É o que diz um levantamento promovido pela Booking.com com mais de 24.000 viajantes de 31 países, entre eles o Brasil.

No documento, 57% dos entrevistados dizem que ficarão felizes simplesmente por estar longe de casa, independentemente do destino.

Mesmo com tanto otimismo, a disseminação da variante ômicron ainda preocupa, principalmente pela alta transmissibilidade do vírus. O aumento nas taxas de vacinação, porém, exerce um papel muito relevante para diminuir o risco por aqueles que se infectam de evoluir para complicações de formas graves.

De acordo com o médico e presidente do departamento de infectologia da Sociedade Brasileira de Pediatria, Marco Aurélio Sáfadi, a vacina é, inquestionavelmente, o principal método de diminuição dos riscos de contaminação, principalmente em pessoas que irão se expor em ônibus e aviões, ou seja, em ambientes com pouca possibilidade de outras ações que minimizem riscos, como o distanciamento social.

"É essencial estar adequadamente vacinado. Nesse momento com a ômicron, a gente viu que ficou muito importante a terceira dose. A gente tem que parar de ficar discutindo estratégias que já estão enterradas em termos de efetividade e concentrar naquilo que de fato pode ajudar a nossa população", recomenda.

Nesse momento, a melhor opção para viajar ainda é ao estilo 'Chapeuzinho Vermelho' pela estrada afora, bem sozinha. "A sugestão que a gente faz para minimizar os riscos nesse momento ainda é viajar no seu próprio veículo", observa Sáfadi.

Destinos no próprio estado ou regiões próximas se tornaram opções, e isso mesmo para que não tem o tal veículo.

Viajantes têm buscado aluguéis de carros mirando um trajeto com menos riscos sanitários. Segundo a Abla (Associação Brasileira de Locadores de Imóveis), R$ 7,8 bilhões do faturamento do mercado de locação de veículos em 2020 correspondem ao aluguel de carros para pessoa física.

Nos últimos meses de 2021, também de acordo com a Associação, empresas como Localiza, Unidas e Movida relataram ter superado os números pré-pandemia, e ocuparam 80% da frota disponível.

> Evite tirar a máscara para beber e comer, principalmente se for uma viagem curta. Cada vez que você tira a máscara, você está aumentando o risco de se contagiar
>
> **Marco Aurélio Sáfadi**
> infectologista

Consciência coletiva

Com uma rotina dividida entre a família em Sobral e os estudos em Fortaleza, a cearense Lídia Ribeiro, 24, utiliza o ônibus para fazer esse trajeto. Na tentativa de minimizar as possibilidades de contaminação, ela busca usar diversas formas de prevenção.

Além da boa máscara e de já estar com o esquema vacinal completo, ela ainda procura rotas fora de datas e horários de maior movimentação.

"Quando eu viajo de segunda a quarta, ou sexta de manhã, o veículo sempre está vago, nem metade dos assentos ficam ocupados. Já sair na sexta à noite ou no fim de semana é quase garantia de pegar um ônibus com todos os assentos ocupados", compara.

Os métodos de prevenção adotados por Lídia são os mesmos indicados por especialistas. "Quem usa transporte coletivo para viajar deve se valer de máscaras eficientes que cubram nariz e boca e se ajustem bem à face", ensina Sáfadi.

"As melhores são as que chamamos de PFF2 ou N95, mas temos as cirúrgicas, que também se ajustam bem à face, e também são mais eficientes do que as máscaras de tecido, que ajudam, mas para essa variante tem menor eficiência."

É preciso que passageiros e tripulação se valham do senso de coletividade. Em seus deslocamentos, Lídia não vê esse tipo de cuidado. "A maioria usa máscaras de pano e nem usam direito. Sempre tem gente com nariz de fora, gente que tira para dormir, para falar ao telefone, ou conversar com outros passageiros."

Nos aviões, é bom estar bem alimentado para evitar comer durante a viagem, por exemplo, dispor de máscaras extras na bagagem de mão e manter álcool em gel sempre consigo.

"Evite tirar a máscara para beber e comer, principalmente se for uma viagem curta. Cada vez que você tira a máscara, você está aumentando o risco de se contagiar", orienta Marco Aurélio Sáfadi.

"Além disso, [manter] as medidas básicas de higiene, como ter um tubinho de álcool em gel, pois nem todos os locais em que irá passar na viagem podem ter um banheiro ou lugar para lavar as mãos. E evitar colocar a mão na boca antes de higienizá-las."

Tais cuidados dos passageiros beneficiam os demais viajantes e também os trabalhadores da área. São diversas as situações difíceis enfrentadas por tripulações em voos nos últimos anos: gente que embarca com sintomas gripais, que se recusa a usar a máscara corretamente, que burla regras de serviço de bordo etc.

Um comissário que atua há 12 anos na área e preferiu não se identificar diz que a tripulação toma os cuidados necessários, mas que não cabe a ela barrar embarque de pessoas com sintomas, ou questionar se o passageiro que pediu para se alimentar tem de fato algum problema de saúde que o obrigue a comer naquele exato momento.

Se recusar a seguir as normas sanitárias oferece não somente um risco à saúde coletiva, como também pode promover um transtorno. Caso não cumpra os protocolos, o passageiro pode ser retirado da aeronave pela Polícia Federal.

Em qualquer ocasião, vacine-se com a quantidade de doses indicadas pelos serviços de saúde

- Realize a testagem de todos que irão compartilhar o mesmo veículo antes da viagem
- Caso precise fazer uma pausa em algum estabelecimento, não retire a máscara sob nenhuma circunstância e lave bem as mãos antes de voltar para o carro
- Mantenha um frasco de álcool em gel à disposição
- Informe-se sobre as condições sanitárias do destino, número de casos e decretos do local

DE ÔNIBUS

- Use máscaras bem ajustadas ao rosto e com alta eficácia de proteção, como PFF2 e N95
- Permaneça de máscara durante todo o trajeto, retirando-a apenas para alimentação. Caso a viagem seja mais curta, evite fazer refeições ou beber água. Opte por fazê-lo quando estiver em área aberta
- Ao mexer no bagageiro ou voltar do banheiro, use o álcool em gel para limpar as mãos
- Busque horários e datas de viagem fora do pico
- Se possível, viaje com as janelas do veículo abertas
- Tenha na bagagem de mão seu próprio frasco de álcool em gel, para quando precisar circular por rodoviárias, posto de gasolina ou lanchonetes

DE AVIÃO

- As máscaras PFF2 ou N95 sem válvula, ou cirúrgica são as permitidas em voos. Aposente as de pano ou de crochê
- O passageiro deve permanecer de máscara durante todo o voo. Avise à tripulação caso tenha alguma condição alimentar (diabetes, por exemplo)
- Caso seja possível, nas viagens internacionais aguarde até que a maioria dos passageiros tenha consumido a refeição servida. Comendo um pouco depois, menos pessoas estarão sem máscara ao mesmo tempo que você
- Mantenha a máscara ajustada inclusive quando for ao banheiro. Lave as mãos ao sair e, na volta à poltrona, use também o álcool em gel
- Siga todas as orientações dadas pela tripulação do voo
- Não embarque caso esteja com algum sintoma gripal ou com diagnóstico positivo de Covid

Imprevisíveis souvenires

Atraído por esse estranho chamado, me deparei com uma figura surreal

Zeca Camargo

Jornalista e apresentador, autor de "A Fantástica Volta ao Mundo"

Não importa para onde eu vá em Madri, eu tento passar pela Plaza Mayor. Mesmo que eu tenha que sair um pouco da minha rota, faço o desvio. Pela elegância da sua arquitetura. Pelo céu azul sobre as paredes rosa escuro. Para ver o movimento das pessoas. E conferir se uma estranha criatura está por lá.

A última vez que estive na Espanha foi em 2017, também a última vez que vi tal criatura. A primeira? Acho que 2005. Eu estava atravessando a praça, ainda sem o compromisso de um ritual e, antes mesmo de vê-la, eu a ouvi.

Ou ainda, ouvi um som que não consegui identificar bem. Parecia uma castanhola, mas vinha junto com uns guizos. E ainda um assobio e um gritinho, não exatamente humano.

Atraído por esse estranho chamado, fui até um canto da praça e me deparei com uma figura surreal, não muito longe do imaginário de uma cultura que nos presenteou com Goya, Miró, Picasso, Dalí. Humano ou animal? Não soube dizer na hora.

A cabeça lembrava a de um bode, referência reforçada por seus chifres contorcidos. Mas tinha um bico. E não se via quatro patas. Seu... hum... corpo era coberto por um manto de franjas metalizadas e coloridas, que o vento decidia em que direção deveriam dançar.

Tinha a altura de um adulto agachado, mas poderia esconder ali também uma criança. E se contorcia em movimentos rápidos, às vezes nos surpreendendo com uma empinada de um pescoço inexistente.

Ao seu lado, uma caixinha de doações. A criatura não disfarçava sua vocação de pedir dinheiro aos turistas transeuntes mas, bem longe das bobdas estátuas humanas e bailarinas flamencas previsíveis, aquela figura destoava de tudo.

Fiquei uns bons minutos observando-a e, antes de sair, deixei 5 euros na caixinha. A criatura fez um silêncio, empinou-se na minha direção e bateu o bico freneticamente como se quisesse me morder. Saí de cena disfarçando meu receio de que aquela imagem pudesse me assombrar para sempre.

Contrariando essa expectativa, porém, fiquei fascinado com o que vi. No hotel, ficava repetindo o curta filme que tinha feito na praça (isso foi antes dos smartphones), hipnotizado. Voltei lá no dia seguinte e nos dois outros dias que me restavam na capital espanhola.

De lá até hoje voltei mais umas cinco vezes a Madri e toda vez passo lá para deixar meus 5 euros.

Madri, claro, não é fraca de cartões postais. Do Palácio de Cristal (no parque Bom Retiro) à Fonte das Cibeles (Gran Vía), a capital é uma cornucópia de cenários de selfie. No entanto, eu sempre volto para aquela figura da Plaza Mayor.

Por quê? Bom, para explicar isso eu também teria que entender por que toda vez que vou a Bangcoc visito primeiro o altar de Erawan e não o Grand Palace. Ou por que, em Nova York, eu faço questão de ir ao museu Metropolitan e deixar uma moeda numa pequena estátua de um Ganesha.

Em Paris, tenho mais de 50 fotos no Square George Cain — tenho inúmeras também na Place des Vosges, mas é naquele pequeno jardim que me sinto bem. Em Buenos Aires, disparo selfies do Caminito ao obelisco, mas em nenhum estou tão em paz quanto no píer do Club de Pescadores.

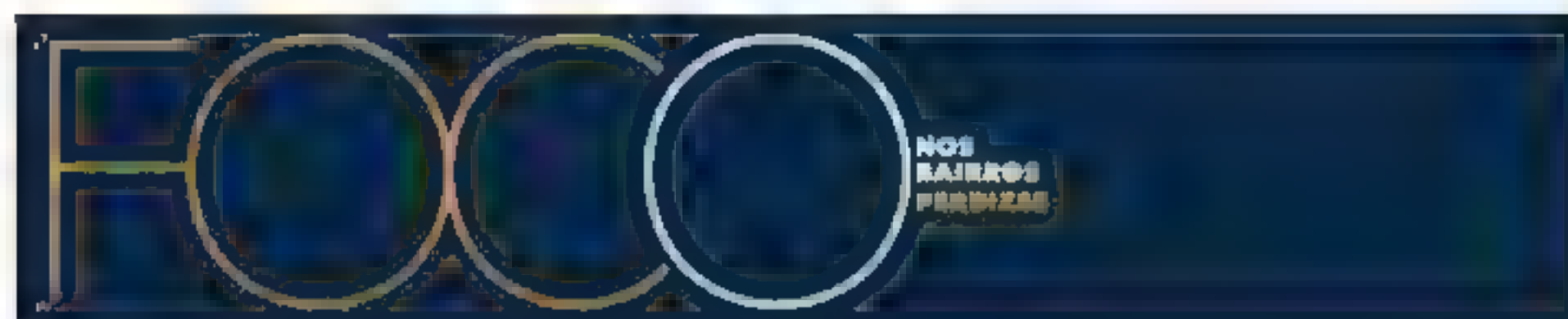
Guardamos memórias inesperadas e inexplicáveis de nossas viagens. E elas voltam à superfície por caminhos não menos enigmáticos. Podem ser despertadas por uma música, um cheiro, um sonho.

Ao contrário dos algoritmos, que só nos entregam o que (eles acham que) queremos ver e ouvir, nosso cérebro trabalha na maravilhosa imprevisibilidade das sinapses. E, quando eu menos espero, lá está a criatura da Plaza Mayor de novo batendo seu bico atrás de mim.

"Fala, memória", né Nabokov?

QUI. Josimar Melo, Zeca Camargo

EstúdioFOLHA APRESENTA

FOCO NOS BAIRROS PERDIZES

Sumaré

Pág. 4

Avenida Sumaré

PERDIZES DESCOBERTA

Com suas ruas acolhedoras, bairro convida a um passeio para desvendar seus segredos e revela alta gastronomia, bares descolados, espaços intimistas e diversão

Paulo Mauro/Divulgação

EstúdioFOLHA APRESENTA

FOCO NOS BAIRROS

as luzes de perdizes

Avenida Sumaré

Bairro se revela durante o dia no convite ao sair de casa e aproveitar a natureza e os raios do sol, e à noite, nas luzes dos restaurantes e dos palcos, que chamam para a diversão

Sob o sol

Exposição à luz do dia combate depressão e melhora o sono

Pág. 4

Cromoterapia

Cores podem ajudar nos cuidados com a saúde e o bem-estar

Pág. 4

Decoração

Como usar as luzes para transformar o clima dos ambientes

Pág. 6

EstúdioFOLHA: APRESENTA

Shutterstock

os efeitos da luz na saúde

Exposição ao sol melhora o humor, o sono e a felicidade, além de diminuir os transtornos depressivos

Estar ao ar livre sob a luz do sol não torna apenas o cotidiano na cidade mais agradável.

Dados recentes levantados por pesquisadores da Universidade de Cambridge entre mais de 400 mil britânicos adultos mostraram que a luz tem efeitos poderosos no humor, no sono e na qualidade de vida.

Os participantes relataram gastar, em média, 2,5 horas ao ar livre por dia.

Analisando os dados, os cientistas descobriram que cada hora adicional passada à luz natural está associada à redução dos transtornos depressivos, do uso de antidepressivos, da perda de prazer com a vida e da tendência a desenvolver sentimentos negativos.

Notou-se ainda que a exposição ao sol melhora também o sono e a felicidade. Quem passa mais tempo ao ar livre acorda mais feliz e se cansa menos.

A exposição à luz do sol também é importante para minimizar os efeitos do transtorno afetivo sazonal. Também conhecido como depressão sazonal, que é mais comum em países com dias mais curtos no inverno, mas também pode acontecer no Brasil, em épocas com céu mais nublado e menos incidência de luz.

Alguns minutos de exposição ao sol ao ar livre aliados a uma alimentação saudável e prática de exercícios ajudam a prevenir ou minimizar os efeitos deste transtorno.

O sol também é essencial para alguns mecanismos de funcionamento do corpo, como a síntese de vitamina D. São necessários cerca de 10 a 15 minutos de sol ao dia, a depender da indicação médica, para sintetizar a vitamina.

A falta dessa vitamina está associada a uma série de doenças, como osteoporose, raquitismo (em crianças), diabetes, obesidade, asma, infecções, problemas cardiovasculares, perda da memória e depressão.

A luz solar ajuda ainda a regular a percepção que o corpo tem do dia e da noite, melhorando o sono.

Atualmente, as pessoas passam muito tempo fechadas em ambientes com luz artificial, o que dificulta a percepção dos sinais naturais dos períodos para ficar acordado (quando há luz natural) e para dormir (quando está escuro).

Quando as pessoas têm contato com a luz solar pela manhã, passam a produzir a melatonina (o hormônio do sono) mais cedo. Consequentemente, dormem mais facilmente à noite.

SOLAR
Benefícios da exposição à luz do dia

Aumenta

- Bom humor
- Disposição
- Qualidade do sono
- Felicidade

Diminui

- Transtornos depressivos
- Uso de antidepressivos
- Perda de prazer com a vida
- Sentimentos negativos

Cores podem ajudar no humor e no sono

Cromoterapia usa poder de cada tom para auxiliar na busca por bem-estar

As cores influenciam nossa percepção e como nos sentimos em determinados ambientes.

Diversos estudos já comprovaram que elas têm o poder de mexer com o cérebro e o organismo. Não à toa, são escolhidas a dedo na hora de decorar espaços, vestir, definir marcas etc.

As ondas emitidas pelas cores também podem ser usadas na busca por bem-estar, na regulação do corpo e até como tratamento adicional para doenças.

A cromoterapia é um processo terapêutico alternativo que usa as cores para buscar o equilíbrio entre corpo e mente.

A aplicação é feita por meio de feixes de luz que podem ser direcionados diretamente para o corpo do paciente ou acesos em uma sala fechada.

A escolha dos tons a serem usados depende das necessidades da pessoa a ser tratada e da indicação do terapeuta.

Cada cor tem propriedades específicas: o azul, por exemplo, é calmante e atua no sistema nervoso; o vermelho é estimulante; o amarelo desperta energia e age na mente etc.

A cromoterapia ajuda a melhorar o sono e a diminuir o cansaço. Também tem bons resultados no tratamento de dores musculares, dor de cabeça, doenças psiquiátricas, hipertensão, entre outros benefícios.

EstúdioFOLHA: APRESENTA

Shutterstock

ambientes transformados

A iluminação tem o poder de criar cenários e transformar ambientes; confira dicas para usar a luz em apartamentos

As luzes têm o poder de criar e transformar ambientes. A escolha do tipo de iluminação para cada cômodo depende da intenção do uso para cada espaço. Bancadas de trabalho na cozinha e no home office, por exemplo, irão precisar de luz direta forte. Um jantar romântico ou um banheiro com clima de spa podem contar apenas com velas.

Confira orientações e dicas de especialistas para projetar a iluminação do apartamento e transformar a experiência de morar.

LUZ NATURAL

A luz natural ajuda no bem-estar, na saúde e na produtividade. Uma dica para aproveitá-la ao máximo é o uso de espelhos em pontos estratégicos —paralelos ou ao lado oposto à entrada de luz— para ampliar o ambiente e criar uma iluminação natural, homogênea e confortável.

"Pensar nos acabamentos e nas cores é fundamental. As mais claras refletem mais a luz solar e fazem com que a luminosidade varra o espaço", explica o arquiteto Igor Zanon.

Portas de vidro e cortinas claras e finas permitem mais entrada de luz. Bancadas [illegible] à beira da janela são outro bom truque para aumentar a quantidade de luz nos ambientes.

HOME OFFICE

Atualmente, é impossível pensar no projeto de um apartamento sem levar em conta um espaço de trabalho.

As mudanças impostas pela pandemia já têm aparecido nos pedidos de projetos para os escritórios em casa.

"Uma nova demanda é por luz para iluminar o rosto para as videochamadas. Uma solução que temos usado é fita de LED, mas não pode ser muito forte para não ofuscar", conta Thaís Aquino, do DT Estúdio.

A bancada de trabalho precisa de iluminação direta, sem barreiras de sombras, e de pontos auxiliares, como um abajur para leitura.

Se o home office estiver integrado a um cômodo e não for possível mudar a iluminação, o ideal é investir em uma luminária de mesa com um design interessante. "Com isso, garantimos toda iluminação necessária para o trabalho e ainda temos um item que agrega à decoração do espaço", diz Igor Zanon.

O tipo de lâmpada também é importante. As mais usadas [illegible] entre 2.700K e 3.000K.

CRIAR CENÁRIOS

A iluminação de quartos, salas e cozinhas tem de levar em conta as múltiplas funções de cada ambiente.

Na sala de estar, luzes embutidas, com o foco direcionado para as áreas de circulação, são uma boa opção para marcar o espaço sem deixar a fonte da iluminação visível.

Para leitura, uma boa dica é ter uma luminária de pé ao lado da poltrona. Luminárias sobre cadeiras, poltronas e sofás podem trazer incômodo e criam sombra de cima para baixo.

"O legal é misturar os usos e separar por circuitos, assim temos um único espaço com cenários de luz diferentes para cada uso, criando um ambiente menos monótono", diz o arquiteto Igor Zanon.

No quarto, a iluminação precisa ser acolhedora. Colocar como ponto principal uma fonte indireta é uma boa estratégia para deixar o ambiente mais relaxante.

Com a automação, também é viável criar cenários luminosos diferentes para cada uso. Por exemplo, em um quarto de casal, um cenário de luz para o uso do banheiro durante a noite em que se acende apenas uma arandela de um dos lados sem incomodar o companheiro de quarto. "A luz direta no quarto pode ficar nos armários. E o abajur para leitura sempre aparece entre os pedidos", completa Thaís Aquino, do DT Estúdio.

INTIMIDADE

As velas também podem ser aliadas para uma iluminação especial. Lanternas com velas dentro criam um objeto interessante de decoração, além de proteger a chama e ajudar a evitar acidentes.

É possível brincar com os materiais —como madeira, ferro, vidro, fibras naturais etc.— que complementam a decoração do ambiente. Em locais abertos, pendentes também são uma boa opção.

As velas podem ser usadas ainda para criar um ponto de iluminação indireta —como num canto da sala ou em uma mesa de apoio. Nesse caso, uma boa opção é usar velas de tamanhos diferentes para criar um visual interessante.

Funcionário prepara testes de Covid-19 para um participante dos Jogos de Inverno em um estacionamento de hotel, em Pequim Jewel Samad - 25.jan.22/AFP

Sistemas criados para conter Covid-19 na China ampliam controle do regime

Medidas ajudam em meta de erradicar o vírus, mas acendem alerta sobre 'tecnoautoritarismo'

MUNDO

Chris Buckley, Vivian Wang e Keith Bradsher

XANGAI | THE NEW YORK TIMES A polícia ordenou ao advogado de direitos humanos Xie Yang que não viajasse a Xangai para visitar a mãe de um dissidente. Ele foi ao aeroporto mesmo assim.

O sinal de seu aplicativo de saúde — passe digital indicando possível exposição ao coronavírus — estava verde: não havia casos de Covid em sua cidade, Changsha, e Xie não saía havia semanas.

Então o aplicativo ficou vermelho, indicando que ele seria uma pessoa de alto risco. Os seguranças do aeroporto tentaram colocá-lo de quarentena, mas ele resistiu.

Xie acusou as autoridades de mexer em seu código de saúde para impedi-lo de viajar. "O Partido Comunista Chinês encontrou a melhor solução para controlar a população", disse Xie em dezembro. Ele, que é crítico do governo, foi detido em janeiro, acusado de incitar a subversão.

A pandemia entregou de bandeja ao líder Xi Jinping um argumento poderoso para aprofundar a ingerência do partido na vida de 1,4 bilhão de cidadãos, pondo em prática sua visão do país como modelo de ordem segura.

Nos dois anos passados desde que as autoridades isolaram a cidade de Wuhan no primeiro lockdown da pandemia, o governo chinês vem aprimorando seus poderes de rastrear pessoas, com a ajuda de tecnologia, exércitos de agentes comunitários e amplo apoio público.

Animados com o êxito em combater a Covid, as autoridades chinesas estão usando sua capacidade aprimorada de vigilância para combater também a criminalidade, a poluição e forças políticas ditas hostis.

Isso tudo equivale a uma poderosa ferramenta tecnoautoritária nas mãos de Xi, no momento em que ele intensifica campanhas contra a corrupção e a dissensão.

A base dos controles é o código de saúde. Em cooperação com empresas de tecnologia, autoridades locais geram o perfil do usuário com base em seu local de residência, histórico de deslocamentos, resultados de testes e outros dados.

A cor do código determina se o usuário está autorizado a entrar em espaços públicos, e o uso do app é implementado por legiões de funcionários que têm o poder de colocar pessoas em quarentena ou limitar deslocamentos.

Os controles são fundamentais para a China alcançar sua meta de erradicar o vírus completamente em seu território. Depois dos erros iniciais que permitiram a propagação do Sars-CoV-2, a política "Covid zero" vem ajudando a manter o número de casos baixos na China, enquanto as mortes continuam a crescer nos EUA e em outras regiões.

Mas as autoridades chinesas têm agido com severidade, às vezes até isolando crianças de seus pais. Representantes municipais não responderam a perguntas sobre a denúncia de Xie. Embora seja difícil saber o que ocorre em casos individuais, o regime já assinalou querer utilizar essas tecnologias para outros fins.

O monitoramento de saúde agora ajuda a localizar foragidos: alguns foram rastreados por seu código de saúde, e outros, que evitaram usar o app, enfrentaram tantas dificuldades no cotidiano que acabaram se rendendo. Embora, de modo geral, a população tenha apoiado as ingerências de Pequim na pandemia, as preocupações com a privacidade vêm aumentando.

Uma concentração de casos de Covid na província de Zhejiang, no leste da China, no fim do ano passado começou com um funeral. Quando um dos presentes, um profissional de saúde, recebeu diagnóstico de Covid num teste de rotina, cem rastreadores entraram em ação.

Em questão de horas as autoridades já haviam alertado colegas em Hangzhou, a 70 km de distância, da presença de um potencial portador do coronavírus na cidade. Funcionários do governo o localizaram e testaram — e ele também recebeu o diagnóstico da doença.

Usando dados digitais dos apps de saúde, equipes mapearam uma rede de pessoas a serem testadas, baseadas nos locais por onde o homem havia passado: um restaurante, um salão de majongue, salões de jogos de cartas. Em duas semanas conseguiram interromper a corrente de infecções em Hangzhou, onde foi descoberto que 29 pessoas haviam se contaminado.

A capacidade de rastrear esses surtos depende em grande medida do código de saúde. Antes da pandemia a China já tinha uma capacidade enorme de rastrear pessoas com os dados de localização de celulares, mas hoje esse monitoramento é muito mais amplo.

Nos últimos meses, as autoridades de várias cidades ampliaram a definição de um contato estreito para incluir pessoas cujo sinal de celular foi detectado a até 800 metros de uma pessoa infectada.

Xi elogiou o centro dito "cérebro de Huangzhou", descrevendo-o como um modelo de como a China pode usar a tecnologia para combater problemas sociais. A entidade centraliza dados sobre tráfego, atividade econômica, uso de hospitais e queixas públicas.

Desde 2019, a cidade também vem usando câmeras nas ruas para checar se os cidadãos estão de máscara. Um distrito monitorou o consumo elétrico residencial para verificar se os moradores estavam obedecendo às ordens de quarentena.

A Prefeitura de Luoyang instalou sensores nas portas de quem estava confinado para notificar autoridades se elas fossem abertas.

Chen Yun, acadêmica da Universidade Fudan, em Xangai, escreveu que, com o enfoque concentrado sobre tecnologia e vigilância, as autoridades podem estar deixando de lado outras maneiras de proteger a vida das pessoas — como ampliar a participação popular em programas públicos de saúde.

O risco, segundo a acadêmica, é que surja "um círculo vicioso: as pessoas vão ficando cada vez mais marginalizados, enquanto aumenta a penetração da tecnologia e do poder em todo lugar".

Há mais de uma década, o Partido Comunista vem reforçando seus exércitos de agentes de base que fazem a vigilância de porta em porta. O novo aparato digital turbinou essa forma de controle. De acordo com a mídia estatal, o país mobilizou 4,5 milhões de agentes para combater a pandemia — um a cada 250 adultos.

Nos tempos normais, os deveres desses trabalhadores incluíam arrancar mato, mediar disputas e ficar de olho em potenciais agitadores.

Com a pandemia, os agentes passaram a ter que vigiar conjuntos habitacionais e registrar a identidade de todos que entravam neles; telefonar para verificar se os moradores haviam sido testados e vacinados; ajudar pessoas em lockdown a colocar seu lixo para fora.

O governo central instruiu a polícia e empresas de internet e telefonia a compartilhar com os agentes comunitários o histórico de deslocamentos dos moradores, para que eles pudessem decidir se alguém era considerado de alto risco.

Num condado na província de Sichuan, as fileiras de agentes de base triplicaram ao longo da pandemia, chegando a mais de 300, segundo Pan Xiyu, 26, uma das novas contratadas. Responsável por 2.000 moradores, ela diz que passa boa parte do tempo distribuindo folhetos e montando alto-falantes para explicar novas medidas e incentivar a vacinação.

Durante o lockdown em Xi'an, hospitais recusaram atendimento a uma grávida de oito meses porque o resultado do teste de Covid dela perdera a validade horas antes. Ela perdeu o bebê, num incidente que provocou fúria pública generalizada.

"Na visão deles, é sempre preferível ir longe demais do que optar pela condescendência, e a pressão criada pelo ambiente atual", diz Li Naitang, agente aposentada de Xi'an.

Mesmo assim, os defensores das medidas rígidas consideram os resultados inegáveis. O êxito que o regime vem tendo em limitar infecções garantiu à estratégia algo que não se vê em muitos outros países: apoio popular amplo.

As autoridades defendem abertamente a utilização das medidas de controle do vírus para finalidades não ligadas à pandemia. Na região de Guangxi, no sul, um juiz notou que a contagem dos moradores locais feita pelos agentes de base "era mais completa que o censo" e teve a ideia de mandar esses profissionais localizarem pessoas. 18 intimações foram entregues.

Prefeituras em toda a China asseguraram a seus residentes que os dados de seu código de saúde não serão usados para outros fins. O governo central também anunciou normas prometendo a privacidade de dados. Mas muitos chineses supõem que as autoridades podem acessar qualquer informação que quiserem.

Zan Aizong, ex-jornalista residente em Hangzhou, diz que com a ampliação da vigilância ficará ainda mais fácil para as autoridades reprimirem as atividades de dissidentes. Ele próprio se recusa a usar o código de saúde, mas isso significa que se deslocar é complicado.

"[Em postos de controle] não posso dizer a verdade: que estou resistindo ao código de saúde porque sou contra a vigilância", afirma. "Se eu mencionasse resistência, eles achariam um absurdo."

Tradução Clara Allain

> Na visão deles, é sempre preferível ir longe demais do que optar pela condescendência, é a pressão criada pelo ambiente atual
>
> **Li Naitang**
> agente aposentada de Xi'an

Charles Muro, 13, comemora a dose de vacina contra a Covid-19 em centro de imunização em Hartford, nos Estados Unidos Joseph Prezioso - 13.mai.2021/AFP

Pfizer pede aval a vacina para menores de 5 anos nos EUA

Empresa ainda pesquisa a eficácia de uma terceira dose nessa faixa etária

Sharon LaFraniere e Noah Weiland

WASHINGTON | THE NEW YORK TIMES A Pfizer e sua parceira, BioNTech, pediram à Agência de Alimentos e Drogas (FDA na sigla em inglês) nesta terça-feira (1) autorização para duas doses de sua vacina contra a Covid-19 para crianças menores de 5 anos.

As empresas continuam pesquisando se três doses, em vez de duas, seriam mais eficazes contra o coronavírus para essa faixa etária. A dose adicional já é aplicada em adultos em diversos países, inclusive no Brasil. Já para crianças a partir de 5 anos a recomendação são duas doses.

Em uma medida extremamente rara, os reguladores federais americanos pressionaram as empresas a enviar o pedido, embora duas doses não tenham produzido a resposta imunológica esperada entre crianças de 2 a 4 anos em um teste clínico.

Apenas crianças entre 6 meses e 2 anos de idade demonstraram resposta imune comparável à de adolescentes e jovens adultos, o critério para um teste bem-sucedido.

O pedido de autorização de emergência ocorre num momento em que a variante ômicron, altamente contagiosa, causou um número recorde de infecções no mundo. O grupo de menores de 5 anos inclui mais de 19 milhões de crianças nos Estados Unidos, os únicos ainda não qualificados para a vacinação.

Os resultados decepcionantes do teste, anunciados em dezembro, levaram as empresas a testar uma terceira dose baixa da vacina nessa faixa etária. Mas, em vez de esperar até o final de março pelos resultados, os reguladores federais decidiram incentivar as empresas a já solicitar a autorização para um regime de duas doses, na esperança de obter uma vantagem inicial no esforço de vacinação desse grupo.

Em reuniões sobre a estratégia, autoridades do governo argumentaram que duas doses se mostraram seguras na pesquisa, mesmo que não produzissem uma resposta imune em toda essa faixa etária, disseram várias pessoas informadas sobre as discussões. As crianças no estudo receberam um décimo da dose aplicada em adultos no país.

Se as crianças puderem receber uma injeção inicial este mês, algumas autoridades raciocinaram, elas estarão prontas para uma terceira dose quando os pesquisadores tiverem os resultados do teste de três doses, que esperam que tenha êxito. As duas primeiras doses seriam espaçadas em três semanas, seguidas por uma terceira dois meses após a segunda.

Janet Woodcock, comissária interina da FDA, e Peter Marks, membro da agência reguladora que supervisiona o escritório de vacinas, disseram nesta terça-feira (1º) que é importante agir rapidamente devido ao aumento dos casos de ômicron, que já atingiu o pico em muitas partes dos EUA, e à probabilidade de que surjam outras variantes.

Uma reunião de emergência do grupo consultivo de especialistas externos da FDA está marcada para 15 de fevereiro, quando se discutirá o pedido e fará uma recomendação.

Paul A. Offit, membro do grupo e diretor do Centro Educacional de Vacinas do Hospital Infantil da Filadélfia, sugeriu que os reguladores podem estar causando um curto-circuito no processo normal sem uma justificativa clara. "Não faz sentido aprovarmos uma vacina de duas doses supondo que a terceira dose compensaria as deficiências das duas primeiras."

Albert Bourla, presidente e CEO da Pfizer, disse em comunicado que "em última análise, acreditamos que três doses da vacina serão necessárias para crianças de 6 meses a 4 anos de idade para alcançar altos níveis de proteção contra variantes atuais e potenciais futuras".

Para o executivo, se duas doses forem autorizadas nesse meio tempo, "os pais terão a oportunidade de iniciar uma série de vacinação contra a Covid-19 para seus filhos enquanto aguardam a potencial autorização para a terceira dose".

O estudo da Pfizer e da BioNTech com crianças mais novas pretendia medir as respostas imunes, não a eficácia da vacina, na prevenção de infecções ou casos graves de Covid-19. Como algumas crianças do teste foram infectadas, porém, os pesquisadores obtiveram indicações da eficácia da vacina para evitar o vírus, disseram duas pessoas familiarizadas com o estudo.

Um fato semelhante ocorreu no estudo das empresas de sua vacina em crianças de 5 a 11 anos, que se sobrepôs a uma onda esmagadora da variante delta no país.

Uma pessoa informada sobre os dados, que falou sob a condição de anonimato, disse que crianças de 2 a 4 anos que receberam duas injeções foram infectadas a uma taxa 57% menor do que as crianças do grupo placebo. Crianças de 6 meses a 2 anos que receberam injeções foram infectadas a uma taxa 50% menor do que o grupo placebo.

Houve menos de cem casos de infecção sintomática — uma pequena fração do total de participantes—, e as margens de erro eram amplas, disse essa pessoa.

Os dados também sugeriram que a vacina protegeu melhor as crianças contra a infecção pela cepa delta do que pela ômicron. A nova variante é melhor que sua antecessora em escapar da proteção das vacinas da Pfizer e da Moderna em adultos.

A estratégia dos reguladores parecia se basear em parte na probabilidade de que o teste de três doses da Pfizer teria êxito. Vários especialistas, incluindo a doutora Yvonne Maldonado, professora de doenças infecciosas pediátricas na Universidade Stanford, disseram que a história das vacinas sugere que uma terceira dose realmente aumentaria a resposta imune.

"Quase não há hipótese concebível de que uma terceira dose seria pior", disse Maldonado, um dos principais pesquisadores dos testes de vacinas pediátricas da Pfizer em Stanford. "Na pior das hipóteses, não poderia ser diferente. Então, pode ser que duas doses sejam o melhor que vamos conseguir."

Se a FDA seguir com a autorização, um painel consultivo separado dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) votará se apoia a ação. Rochelle Walensky, diretora do órgão, decidirá então se a agência deve recomendar as injeções como política oficial.

As deliberações públicas dos comitês de especialistas das agências reguladoras podem influenciar a aceitação da vacina, ressaltando a importância de uma discussão clara e aberta dos dados.

Se as doses forem autorizadas, as famílias ainda poderão agir com cautela. Três em cada dez pais de crianças menores de 5 anos agora dizem que pretendem vacinar seus filhos contra o coronavírus assim que as vacinas estiverem disponíveis para essa faixa etária, segundo pesquisa publicada nesta terça (1º) pela Kaiser Family Foundation.

Moira Szilagyi, presidente da Academia Americana de Pediatria, disse em um comunicado que está animada porque "podemos estar um passo mais perto" das vacinas para crianças mais novas.

Ela lembrou que, em janeiro, o país registrou o maior número de casos de Covid-19 entre crianças desde o início da pandemia, com mais de 1,5 milhões de novos casos. Ela pediu "um processo transparente e baseado em dados" no processamento do pedido de liberação do imunizante.

O CDC divulgou uma pesquisa em dezembro que mostrou pouquíssimos relatos de problemas sérios entre crianças de 5 a 11 anos que receberam o imunizante. Mas o ritmo de vacinação nessa faixa etária foi ainda mais lento do que os especialistas em saúde pública temiam. Apenas cerca de 30% das crianças desse grupo receberam ao menos uma dose, segundo o CDC.

Um estudo divulgado pela agência sobre hospitalizações pediátricas em seis cidades apontou que quase todas as crianças não tinham sido totalmente vacinadas.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

> Não faz sentido aprovarmos uma vacina de duas doses supondo que a terceira dose compensaria as deficiências das duas primeiras
>
> **Paul A. Offit**
> diretor do Centro Educacional de Vacinas do Hospital Infantil da Filadélfia

Youtuber é condenado após associar imunizante a homossexuais

Rogério Gentile

SÃO PAULO O youtuber bolsonarista Marcelo Frazão, 54, foi condenado pela Justiça de São Paulo por crime de homofobia. Em outubro de 2020, Frazão, que foi candidato a prefeito de São Simão, no interior de São Paulo, pelo partido Patriota, gravou um áudio afirmando que a vacina Coronavac "poderia alterar o código genético" e causar "síndromes graves" como "câncer" e "homossexualismo".

O áudio foi distribuído pelo WhatsApp e replicado no Facebook. Em um dos trechos da gravação, Frazão diz que a vacina é uma "pauta comunista que tem como objetivo reduzir a população mundial" e que "as pessoas que a tomarem vão passar a ter problemas gravíssimos de saúde".

Segundo o bolsonarista, que é engenheiro agrônomo, "os filhos e os netos vão ter problemas graves porque ela [a vacina] vai alterar o código genético". "Quando seu filho for ter o filho dele, ele vai nascer com problema. O menino pode deixar de ser menino, vai virar menina. A menina deixa de ser menina e vira menino."

Na denúncia apresentada à Justiça, o Ministério Público declarou que Frazão "agiu de forma claramente preconceituosa". "O comportamento sexual, a orientação sexual e a identidade de gênero não são doenças e não podem ser provocadas por medicamentos ou cargas virais", disse o promotor Wilian Daniel Inácio na denúncia.

"As mensagens de áudio e texto divulgadas pelo denunciado são homofóbicas e transfóbicas, revelando aversão odiosa à orientação sexual e à identidade de gênero de número indeterminado de pessoas ao compará-las a doenças e ao sugerir sua ligação com questões genéticas."

Frazão se defendeu no processo declarando que não é homofóbico e que sua fala foi retirada do contexto, pois corresponde a parte de uma aula de genética que disse ter proferido. Negou ter preconceito, disse que não considera a homossexualidade uma patologia e afirmou que só existem dois sexos, o feminino e o masculino.

Durante interrogatório, o youtuber afirmou ainda que não existe Covid-19 nem tampouco vacina para a doença, pois "ambos são assuntos políticos".

O juiz Antonio José Paraluber condenou Frazão a dois anos e quatro meses de reclusão em regime aberto, mas a pena foi substituída por prestação de serviços à comunidade (uma hora de tarefa comunitária por dia de condenação). Terá ainda de pagar indenização por dano moral coletivo de 50 salários mínimos.

"Ele fazia uso de suas redes sociais para propagar notícias falsas, desestimulando as pessoas a tomarem a vacina", disse o juiz. "Ao contrário da fala propagada, os estudos de medicina baseada em evidências indicam que [a vacina] se trata de substância segura ao uso humano, tanto que o uso foi autorizado pela Anvisa, maior autoridade do país na matéria."

Frazão recorreu da decisão. Seu canal no YouTube, que tinha 170 mil inscritos, foi banido pela plataforma.

Soldados armados vigiam a principal avenida da capital Bissau após tiroteio perto do palácio do governo 1º.fev.2022/Reuters

Presidente diz que Guiné-Bissau está sob controle após tentativa de golpe

Umaro Sissoco Embaló afirmou que tiroteio no entorno do palácio pode ter relação com o tráfico

MUNDO

Patrícia Pamplona

SÃO PAULO Após intensos tiroteios no entorno do palácio do governo da Guiné-Bissau levantarem o alerta para uma tentativa de golpe de Estado nesta terça-feira (1º), o presidente Umaro Sissoco Embaló afirmou à agência de notícias AFP que a situação do país está sob controle.

Em pronunciamento mais tarde, o mandatário disse que o episódio foi mais do que uma tentativa de golpe. "Foi uma tentativa de assassinar o presidente, o primeiro-ministro e todo o gabinete. [O ataque] Foi bem preparado e organizado e pode ser relacionado a pessoas envolvidas no tráfico de drogas."

Embaló, no entanto, não deu detalhes sobre a hipótese.

O presidente afirmou que as forças de segurança impediram o "ataque contra a democracia" e que muitos morreram, sem especificar quantos. Segundo ele, as vítimas seriam todos agentes e não houve fatalidades entre os ministros. Também disse que prisões começaram a ser feitas.

Embaló, que contou com forte apoio dos militares em uma crise anterior, sugeriu ainda que o Exército não estava envolvido na investida.

"Posso garantir que nenhum campo se juntou a essa tentativa de golpe. Foi isolado. Está ligada a pessoas que lutamos contra."

Mais cedo, em um perfil não verificado no Twitter com o nome do mandatário, foi feita uma publicação na mesma linha. "Eu estou bem, Alhamdoulillah [graças a Deus]. A situação está sob o controle do governo", dizia o texto.

Houve quem questionasse a veracidade da publicação, uma vez que Roch Kaboré também havia divulgado que a situação em Burkina Fasso estava sob controle horas antes do golpe se confirmar.

Já no Facebook, postagem no perfil oficial do presidente dizia que a "calma retornou a Bissau", com fotos sem data de Embaló —também conhecido como Bolsonaro da África— sentado em uma cadeira, conversando como militares uniformizados.

Antes de Embaló se pronunciar, tanto a União Africana como o bloco regional Cédéao (Comunidade Econômica de Estados da África Ocidental) condenaram a investida, classificada como tentativa de golpe de Estado. A Cédéao, considerando os militares responsáveis pela integridade física do presidente e dos membros do governo, pediu para que eles voltassem aos quartéis e mantivessem "postura republicana".

O secretário-geral da ONU, o português António Guterres, também instou o fim imediato dos conflitos e o "pleno respeito às instituições democráticas do país".

A tarde desta terça-feira foi de confusão na capital Bissau. A sede do governo, onde supostamente ocorria uma reunião extraordinária de gabinete com Embaló e o primeiro-ministro, Nuno Gomes Nabiam, foi cercada por homens armados. Ainda não se sabe, porém, a causa do tiroteio.

Nos arredores do palácio e no restante da capital, não longe do aeroporto, militares mantinham os civis a distância. Um jornalista da AFP relatou que um homem armado, apontando seu fuzil, mandou ele ir embora. Muitos moradores abandonaram suas casas, deixando mercados vazios, e os bancos também fecharam a porta.

O alerta de um possível golpe já havia sido dado em agosto do ano passado, pelo comandante das Forças Armadas, o general Biague Na Ntam, enquanto Embaló estava no Brasil. À época, ele disse que vários de seus membros estavam preparando uma insurgência. Em 14 de outubro, Ntam afirmou que alguns oficiais tentaram subornar as tropas "para subverter a ordem constitucional".

O pesquisador de geologia da USP Orlando Silva, guineense que mora há 38 anos no Brasil, ressalta que Embaló "não é exatamente um democrata", mas condenou "qualquer movimento de um levante militar para resolver questões políticas".

Ele lembra que o atual mandatário atropelou a mais alta instância do Judiciário do país ao não aguardar a decisão sobre o questionamento do pleito presidencial —a corte depois ratificou sua eleição.

Segundo Silva, há ainda atos inconstitucionais, como a assinatura de um acordo de exploração conjunta de petróleo com o Senegal que, segundo a Carta, deveria ser submetido ao Parlamento. "Eu, como cidadão, acho que há motivos para depor Embaló de forma política, legal", diz.

O contrato com o Senegal, inclusive, foi anulado pelo Parlamento, desencadeando a discussão sobre a possibilidade de processo para destituir o mandatário. "Nossos políticos não estão fazendo seu papel, porque tinham que ter uma posição mais presente em cobrar do presidente os desmandos à Constituição que ele tem feito."

Silva relata haver denúncias de raptos e espancamentos de opositores políticos, mas ressalta que o país tem uma longa história de golpes e que é preciso respeitar a Constituição para evitar que situações como essa se repitam.

O episódio desta terça-feira (1º) vem na esteira de uma série de golpes de Estado na África, com quatro concluídos no ano passado —em Chade, Mali, Guiné e Sudão— e um neste ano, em Burkina Fasso.

"É cada vez mais difícil argumentar contra a ideia de um contágio golpista", disse à agência de notícias Reuters Eric Humphrey-Smith, analista de risco na consultoria Verisk Maplecroft. "Quando somado aos golpes realizados com sucesso no último ano, não há dúvida de que líderes da África ocidental estão nervosamente desconfiados."

As Forças Armadas guineenses têm papel de destaque em nível sociopolítico —Embaló, por exemplo, é ex-general do Exército.

Ele está no poder desde o início de 2020, mas o resultado da eleição que o alçou a chefe de Estado é considerado impugnado pelo PAIGC (Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde), movimento político dominante desde a independência do país.

Com AFP e Reuters

> Foi uma tentativa de assassinar o presidente, o primeiro-ministro e todo o gabinete. [O ataque] pode ser relacionado a pessoas envolvidas no tráfico de drogas
>
> **Umaro Sissoco Embaló**
> presidente de Guiné-Bissau

Marcha na Argentina pede troca de juízes e reforma do Judiciário

Sylvia Colombo

BUENOS AIRES Uma marcha contra a Corte Suprema da Argentina e com pedidos por uma reforma judiciária reuniu milhares de pessoas no centro de Buenos Aires nesta terça-feira (1º). A maioria dos manifestantes que se concentraram em frente ao obelisco da capital para caminhar até a praça Tribunales era formada por ativistas, apoiadores do peronismo e sindicalistas.

Muitos cartazes atacavam os juízes Horacio Rosatti e Carlos Rosenkrantz, respectivamente presidente e vice da Corte Suprema. Ambos foram nomeados por Mauricio Macri em 2015, inicialmente por decreto e depois seguindo o trâmite regular, com a aprovação pelo Senado.

Até hoje, os magistrados são considerados contrários ao kirchnerismo.

A porta-voz do governo, Gabriela Cerruti, afirmou que a gestão "não toma posição" oficialmente em relação aos protestos, mas fez a ressalva de que Alberto Fernández já apresentou propostas sobre o Judiciário.

A possível reforma não inclui a substituição dos juízes e tem mais a ver com a descentralização de tribunais pelas diversas províncias —sem que todas as causas federais sejam resolvidas em Buenos Aires.

Pouco antes de partir para uma viagem à Rússia e à China, o presidente afirmou que "a manifestação é legítima e cidadã", não política.

Fernández enfrenta nesta semana o início do que pode ser uma nova crise política em sua coalizão, após o deputado Máximo Kirchner renunciar ao posto de líder do governo na Câmara por discordar do acordo recente costurado com o FMI.

Uma das bandeiras centrais da marcha é a de substituição dos magistrados da mais alta instância da Justiça. Segundo os organizadores, os nomes atuais estão praticando "lawfare", ou seja, determinando condenações com base em interesses políticos.

"A principal demanda é acabar com o 'lawfare' na Argentina, e temos de acabar com ele com o povo na rua, tirando à força esses juízes dessa corte miserável", disse o dirigente sindical Luis D'Elia.

Apesar do linguajar, o ativista prometeu um movimento pacífico. A organização da marcha contou com outros representantes do kirchnerismo —não por acaso, todos são alvo de processos.

D'Elia, por exemplo, foi condenado em 2017 a quatro anos de prisão por invadir uma delegacia no bairro da Boca e "atentar contra a autoridade". Está em liberdade condicional. Outro organizador enrolado com a Justiça é Juan María Ramos Padilla, envolvido no escândalo chamado de "cadernos da corrupção", que investiga se durante os anos Kirchner na Presidência —com Néstor e depois Cristina, entre 2003 e 2015— houve entregas ilícitas de dinheiro para subornos.

Apesar de não se manifestar em apoio à marcha, a hoje vice-presidente Cristina Kirchner exortou seus funcionários mais fiéis a estimularem a militância a "repensar sua relação com a Justiça e dizer que Justiça querem".

Entre essas autoridades estão o ministro da Segurança, Aníbal Fernández, investigado por um esquema de corrupção ligado a desvio de medicamentos, seu vice, Juan Martín Mena, e a chefe do sistema de inteligência, Cristina Caamaño.

Amado Boudou, que foi vice de Cristina, esteve na marcha e foi bastante aplaudido. Ao final da caminhada, os manifestantes cantaram o hino nacional. Outras bandeiras que estão convocando a população e a militância nesta terça pedem o "fim da impunidade" e que processos corram de modo mais acelerado.

A oposição fez duras críticas à realização do evento. A aliança Juntos por el Cambio, do ex-presidente Mauricio Macri, afirmou em documento que o protesto tem "suma gravidade institucional".

"É outro passo na política sistemática que o governismo assumiu para atacar os juízes que não se comportam segundo seus desejos."

A deputada Paula Oliveto disse que que fez uma denúncia de sedição contra o vice-ministro da Justiça, Juan Martín Mena. O político apoiou a marcha e fez um discurso pedindo a destituição dos juízes.

"Não é possível que uma manifestação com essas características seja avalizada e estimulada por altos funcionários do governo", criticou a parlamentar.

Manifestantes pedem reforma do Judiciário, em Buenos Aires Emiliano Lasalvia - 1º.fev.2022/AFP

A reserva florestal Guaricica, no Paraná, mantida pela Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental

Mata atlântica ganha sistema mais preciso de alertas de desmatamento

Serviço, específico para esta vegetação, é capaz de detectar áreas afetadas a partir de 0,3 hectare

AMBIENTE

Nádia Pontes

DW A mata atlântica, o primeiro bioma brasileiro amplamente ocupado e destruído, passou a ser monitorada mais de perto desde esta terça-feira (1º). É quando passou a funcionar o Sistema de Alertas de Desmatamento (SAD) específico para esta vegetação, capaz de detectar áreas afetadas a partir de 0,3 hectare.

"Neste momento em que o país vive a disparada do desmatamento, é preciso colocar uma lupa sobre esse bioma, que ainda é o mais ameaçado, o que menos sobrou e onde se concentra a maior parte da população", diz Luís Fernando Guedes Pinto, diretor de conhecimento da Fundação SOS Mata Atlântica.

Com uma área original que chegava a 1,3 milhão de quilômetros quadrados e se estende por grande parte da costa brasileira, a mata atlântica foi drasticamente reduzida — atualmente, restam 12,4% de florestas primárias. Quando se consideram as que se regeneraram, o índice chega a 28% de cobertura.

A SOS Mata Atlântica, juntamente com a sociedade de geógrafos Arcplan e o projeto MapBiomas, são os responsáveis pelo novo serviço de alertas, que vai gerar relatórios mensais e disponibilizar as informações gratuitamente numa plataforma online.

Os dados, porém, não são considerados oficiais, como os gerados pelo sistema de alertas Deter, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), que foi inaugurado em 2004 para a floresta amazônica. No cerrado, o segundo maior bioma do país em extensão, o Deter começou a operar em 2017 e sofre ameaça de interrupção devido a falta de apoio do governo federal.

Durante a fase de testes do SAD, que ocorreu em 2021, foram monitoradas as bacias hidrográficas do rio Tietê (São Paulo), Iguaçu (Paraná), Jequitinhonha (Bahia e Minas Gerais) e Miranda e Aquidauana (Mato Grosso do Sul).

Esses pontos foram escolhidos por estarem entre os campeões de desmatamento em anos passados.

No período, foram detectados 1.103 alertas, que, juntos, representam uma área de 6.739 hectares de desmatamento, o equivalente a quase 7.000 campos de futebol.

As bacias dos rios Miranda e Aquidauana, em Mato Grosso do Sul, foram as campeãs em área desmatada, com quase metade do total (3.223 ha).

Segundo o levamento, a maioria absoluta dos alertas partiu de regiões rurais com predomínio de uso agropecuário (94%). O estado de São Paulo foi o único que apresentou um padrão diferente: 35% dos alertas identificados foram em áreas urbanas, impulsionados pela expansão das cidades e especulação imobiliária.

"Essa é uma realidade particular na bacia do Tietê, que é como uma colcha de pequenos desmatamentos na zona de expansão das cidades. Quase um terço desse desmatamento está em áreas urbanas e em áreas de mananciais", destaca Pinto, referindo-se às fontes de água, como rios, represas e lençóis freáticos.

"São florestas protegidas pela Lei da Mata Atlântica e pela lei sobre os mananciais que estão sendo cortadas. São áreas de muita fragilidade e que têm tudo a ver com essas imagens da destruição causada pelas chuvas que estamos vendo agora, com alagamentos, morro caindo, mortes", lamenta o diretor.

No estado de São Paulo, as chuvas intensas dos últimos dias provocaram deslizamentos, alagamentos, transbordamento de rios e deixaram pelo menos 24 mortos.

Alguns casos ocorreram em zonas ocupadas irregularmente, em encostas que foram desmatadas para abrigar moradias.

O avanço da tecnologia e a disponibilidade de imagens de alta definição e da inteligência computacional levaram a um avanço do sistema de monitoramento em larga escala. "A novidade é que usamos imagens com uma resolução mais detalhada, que dá para enxergar o desmatamento que antes era invisível", diz Pinto, da SOS Mata Atlântica.

Até então, os dados sobre o avanço do corte da vegetação primária eram publicados anualmente no Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica, parceria entre SOS Mata Atlântica e Inpe. Esse monitoramento, em vigor desde 1989, observa fragmentos florestais mais preservados e identifica desmatamentos maiores que um hectare.

Segundo a experiência de técnicos, os desmatadores teriam "aprendido" a despistar esse sistema e derrubavam árvores em áreas menores, um pedaço a cada ano, para não serem detectados pelo satélite.

Com a possibilidade de o SAD "ver" o que ocorre em solo com mais detalhe, a expectativa é que o serviço provoque reações. "A gente espera que os boletins de alerta levem órgãos fiscalizadores, empresas, estados e bancos a tomarem medidas contra os desmatadores", afirma Pinto.

Em 2021, uma ação de Ministérios Públicos de 17 estados aplicou mais de 32 milhões de reais em multas a infratores ambientais. Batizada de Operação Mata Atlântica em Pé, a fiscalização tenta coibir o desmatamento e proteger as regiões de floresta que fazem parte do bioma.

Segundo os promotores, os locais vistoriados foram escolhidos com base nos dados gerados pelo sistema de monitoramento do Inpe e do MapBiomas. Essas informações foram cruzadas com o Sistema Nacional de Cadastro Ambiental Rural, o que permite a identificação dos proprietários dos terrenos.

A multa pode ser aplicada sem a necessidade de uma visita ao local afetado.

"A tecnologia, somada à análise histórica de imagens de satélite, viabiliza em muitos casos a lavratura de autos de infração e termos de embargo por via remota", ressalta o Ministério Público do Paraná, que chefia a operação de supervisão do bioma.

Pesquisadores da Embrapa pedem saída de assessor do órgão

AMBIÊNCIA

Ana Carolina Amaral

SÃO PAULO O Sinpaf, sindicato que representa os trabalhadores da Embrapa, pediu à direção da empresa a "imediata exoneração de Evaristo de Miranda da assessoria da presidência da Embrapa", através de nota publicada nesta sexta-feira (28).

Três dias antes, o agrônomo foi denunciado por cientistas, em um artigo científico no periódico Biological Conservation, como autor de falsas controvérsias e impulsionador de retrocessos na política ambiental do país.

"O ataque às políticas ambientais foi impulsionado por um esforço sistemático e velado de um pequeno grupo de contrários para desinformar os tomadores de decisão e a sociedade", diz o artigo, que mapeou as táticas do grupo ligado a Miranda para disseminar informações falsas e identificou o seu impacto sobre o enfraquecimento de políticas públicas das últimas três décadas.

O agrônomo Evaristo de Miranda em reunião com o presidente Jair Bolsonaro Alan Alves/Presidência da República

O estudo mostra, por exemplo, como Miranda superestimou em 309% dados sobre a conservação de matas ciliares em um texto de 2008. A publicação foi usada por parlamentares ruralistas, no ano seguinte, como argumento para pedir a alteração do Código Florestal. Em 2012, o Congresso aprovou nova versão da lei com anistia a 58% do desmatamento ilegal feito até 2008.

O artigo também aponta a influência de Miranda sobre os discursos presidenciais. Na Assembleia Geral da ONU em 2019, o presidente Jair Bolsonaro usou dados do autor. Naquele período, orientações do Itamaraty enviadas a diplomatas no exterior também seguiram os dados de Miranda.

A pesquisa ainda analisou o currículo do agrônomo na plataforma Lattes. Embora mencione a publicação de 83 textos como artigos científicos completos, apenas 17 deles foram publicados em periódicos científicos. Dentre esses, apenas dez artigos estão indexados em bases de dados reconhecidas por cientistas.

Liderado pelo professor Raoni Rajão, da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), o estudo foi produzido por um grupo de 12 cientistas da USP (Universidade de São Paulo), do Inpe, da UnB (Universidade de Brasília), da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e da Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha).

"Há muitas evidências e provas de que a atuação de Evaristo de Miranda tem sido historicamente tendenciosa, manipulando dados e informações para dar sustentação à elaboração de propostas e projetos de leis com objetivo de afrouxar e dilapidar a legislação ambiental em prol do agronegócio", afirma a nota do Sinpaf.

Além da exoneração, o sindicato pediu ao órgão "um posicionamento institucional público e a apuração das denúncias em curso por meio do devido processo legal".

A Embrapa não se pronunciou sobre o caso. Procurado, Evaristo de Miranda não retornou os contatos.

Nos EUA, bitcoin joga com fantasia de individualismo autossuficiente

Radicais de direita veem na criptomoeda um bem privado, imune a ação de governos e bancos

OPINIÃO

Paul Krugman
Prêmio Nobel de Economia, colunista do jornal The New York Times

Em fevereiro de 2021, um congelamento profundo causou amplas quedas de energia no Texas, deixando cerca de 10 milhões de moradores sem eletricidade, em muitos casos durante dias. Centenas de pessoas morreram.

A principal causa imediata da crise foi a interrupção da produção de gás natural, a principal fonte de energia do estado. Depois de uma temporada de frio congelante em 2011, os órgãos reguladores federais tinham pedido que o Texas exigisse a adaptação das instalações de gás e eletricidade para esse clima. Mas ele não o fez.

Até agora, nenhuma exigência de adaptação ao inverno foi imposta ao politicamente poderoso setor de gás. Em vez disso, o governador Greg Abbott espera garantir o rede elétrica incentivando a mineração de bitcoins. Isso supostamente reduziria o risco de apagões porque o enorme consumo de eletricidade pela bitcoin acabaria expandindo a capacidade de geração do estado.

Sim, é tão maluco quanto parece. Mas se encaixa num padrão. Quando confrontado com problemas que poderiam ser facilmente atenuados por ações cooperativas, os radicais de direita que dominaram o Partido Republicano costumam recorrer a não-soluções bizarras que agradam à sua ideologia antissocial. Vou explicar por que uso essa palavra em um minuto.

Primeiro, vamos falar sobre o mais óbvio exemplo atual: a política da Covid. Na Flórida, o governador Ron DeSantis tentou bloquear praticamente todas as medidas destinadas a limitar a disseminação do coronavírus; ele e seus assessores quase chegaram a ser explicitamente contra as vacinas, mas eles agradaram à turma "antivax", com DeSantis até se recusando a dizer se recebeu a dose de reforço.

No entanto, todos eles aprovaram tratamentos com anticorpos que são muito mais caros que as vacinas, e DeSantis pediu que a Agência de Alimentos e Drogas permitisse o uso de anticorpos que, como o órgão descobriu, não funcionam contra a ômicron.

Por que eles apoiam tratamentos caros e ineficazes enquanto se opõem a medidas que ajudariam a evitar a doença severa, para começar? Bem, considere um paralelo que talvez não seja imediatamente óbvio, mas na verdade está bastante próximo: os tiroteios nas escolas.

[...]

O governo existe por um motivo. Mas os constantes ataques da direita às funções essenciais do governo cobrarão um preço, tornando nossas vidas mais desagradáveis

Entre os maiores países avançados, esses tiroteios são um fenômeno quase exclusivamente americano. E embora possa haver diversas razões para que os Estados Unidos liderem o mundo em massacres escolares, certamente poderíamos mitigar o horror com medidas de bom senso como restrições à venda de armas, verificação de ficha policial e proibição de armas de assalto para pessoas físicas.

Mas não. Os republicanos querem expandir o acesso às armas e, em muitos estados, proteger os estudantes armando os professores.

O que esses exemplos têm em comum? Como poderia ter dito Thomas Hobbes, os seres humanos só podem florescer; só podem evitar um estado da natureza em que as vidas são "desagradáveis, brutais e curtas", se eles participarem de uma "comunidade" — uma sociedade em que o governo assume grande parte da responsabilidade por tornar a vida segura.

Portanto, temos a polícia exatamente para que os indivíduos não precisem andar armados para se protegerem da violência de outras pessoas.

A política de saúde pública reflete o mesmo princípio. Os indivíduos devem assumir a responsabilidade por sua própria saúde, quando puderem; mas a natureza da doença infecciosa faz que a ação coletiva tenha um papel essencial, seja em investimento público em suprimentos ou, sim, exigências de máscaras e vacinas durante uma pandemia.

E você não precisa ser socialista para reconhecer a necessidade de regulamentação para manter a confiabilidade de aspectos da economia, como o abastecimento de eletricidade e o sistema monetário.

E é por isso que estou chamando a direita americana moderna de antissocial — porque seus membros recusam qualquer política que dependa da cooperação social, e em vez disso querem que voltemos ao estado de natureza distópico de Hobbes.

Nós não vamos tentar manter as armas longe de potenciais assassinos em massa; em vez disso, vamos contar com professores-vigilantes para atirar neles depois que o tiroteio tiver começado.

Não vamos tentar limitar a disseminação das doenças infecciosas; vamos dizer às pessoas para tomarem drogas que são caras, ineficazes ou ambas, depois que elas já estiverem doentes.

E a bitcoin? Não acho que valha a pena tentar entender a lógica tortuosa de Abbott — por que ele imagina que promover uma indústria que devora energia tornará mais confiável o suprimento de eletricidade em seu estado?

Uma pergunta melhor é por que os republicanos se tornaram fanáticos pela criptomoeda, a ponto de um candidato ao Senado definir sua posição como sendo "pró-Deus, pró-família, pró-bitcoin"?

A resposta, eu diria, é que a bitcoin joga com uma fantasia de individualismo autossuficiente, de proteger sua família, tratar sua Covid com um vermífugo e administrar seus negócios financeiros com moeda criada em nível privado, imune a instituições como governos ou bancos.

Afinal, nada disso vai funcionar. O governo existe por um motivo. Mas os constantes ataques da direita às funções essenciais do governo cobrarão um preço, tornando nossas vidas mais desagradáveis, mais brutais e mais curtas.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Visitante observa algumas das instalações do Museu de NFT de Seattle, recém-inaugurado nos Estados Unidos Jason Redmond - 28.jan.22/AFP

Museu dedicado às NFTs quer explicar criptoarte para leigos

ILUSTRADA

AFP Um museu dedicado aos NFTs, ou "token não-fungíveis", as peças digitais que vêm causando furor no mercado de arte, abriu suas portas em Washington.

O Museu de NFT de Seattle exibe obras de arte originais, assim como explicações da tecnologia usada para dar vida aos tokens não-fungíveis, buscando ajudar os visitantes a entender este novo universo.

"O ponto de ter um espaço físico é facilitar a compreensão de todos", afirmou o cofundador do museu Peter Hamilton, em entrevista à AFP. "Não importa quanto você sabe, ou não, sobre arte digital, ou sobre os NFTs, porque você pode percorrer o museu e ver as peças de arte em um formato maior, de uma forma mais parecida com as exposições de um museu", acrescentou.

Os NFTs são peças virtuais únicas, cujo proprietário obtém a titularidade da obra, apesar de isso não ser algo tangível. Seu conteúdo pode ser copiado, mas o NFT é "o original", da mesma forma que existem no mundo inúmeras cópias da "Mona Lisa", de Leonardo Da Vinci.

Já a pintura original pode ser encontrada apenas no Museu do Louvre, em Paris.

Nos últimos meses, investidores e ricos colecionadores mergulharam de cabeça nesta mania digital, que funciona com a mesma tecnologia blockchain que sustenta as moedas digitais.

Vendidas com um certificado de autenticidade digital, essas obras, que podem ser ilustrações, GIFs e animações, são muitas vezes comercializadas com criptomoedas como o ethereum e o bitcoin.

Em leilões recentes, os NFTs arrecadaram milhões, incluindo os US$ 69,3 milhões oferecidos por uma obra digital do artista Beeple, em um evento da Christie's. Como acontece com todas as novas tecnologias, há quem questione essas peças. Alguns inclusive descartam o gênero, dizendo ser apenas uma moda.

Os visitantes do museu afirmam, no entanto, que veem essas peças como algo real. "É como um fenômeno global, estamos vendo isso nascer", disse uma mulher que visitava o museu.

Ver essa evolução é parte da diversão, afirma o cofundador do museu. "É difícil dizer para onde vamos com essa tecnologia, isso é apenas o começo", comentou Peter Hamilton. "Quem disser que é especialista em NFT, está mentindo, porque estamos todos aprendendo. É uma experiência nova, estamos todos vivendo esse começo", acrescentou.

Jeremy Irons decide trabalhar menos e focar a vida pessoal

Ator tem canalizado sua energia criativa para restaurar suas propriedades, como o castelo de Kilcoe, na Irlanda

FS

Kathryn Shattuck

THE NEW YORK TIMES "Estou falando demais?", perguntou Jeremy Irons. "Tendo a ser um tanto loquaz". Em entrevista ao jornal The New York Times, o ator fala sobre "Munique – No Limite da Guerra", e sua interpretação do primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain, cujo mandato começou em 1937 e terminou em 1940.

Baseado em um romance histórico de Robert Harris, o filme da Netflix acompanha quatro dias frenéticos de preparativos para a conferência de Munique, em 1938, na qual líderes mundiais buscaram evitar uma guerra ao permitir que Adolf Hitler anexasse a região tcheca dos Sudetos, que abrigava uma grande população de origem alemã.

Em Munique, Chamberlain também assinou um acordo entre o Reino Unido e a Alemanha nazista que, em suas palavras, "garantirá paz para nossa era".

"Adoro reavaliações da história, e Robert estava muito interessado em tentar limpar o nome de Chamberlain, pelo menos até certo ponto", disse Irons. "Acho que agora podemos compreender que Chamberlain se viu forçado a escolher entre duas opções muito ruins."

Depois de uma longa reflexão sobre sua história pessoal e sobre aquilo que o contenta, Irons escolheu trabalhar menos, nos últimos anos, e se concentrar mais em prazeres imediatos. "Eu atuo para viver. Não vivo para atuar."

Quando chegou aos 50 anos e os papéis principais começaram a escassear, "[Passei por um período] em que eu não me comportava terrivelmente bem, porque estava entediado", afirmou Irons.

Por isso, canalizou sua energia criativa para a restauração do castelo de Kilcoe, do século 15, na região irlandesa de West Cork. Agora, ele está reconstruindo uma casinha em uma ilha a cerca de cem metros da costa, para a qual ele às vezes vai nadando.

"Quando eu era jovem, costumava acreditar que o epítome da sabedoria, e o objetivo que eu deveria ter na vida, era ser perfeitamente feliz sentado sob uma árvore", disse. "E encontrei a árvore —fica ao lado daquela casinha. E fico sentado à sombra dela, contemplando a paisagem, a terra ao meu redor, e sou completamente feliz." Abaixo, trechos editados da conversa.

"Noah's Flood", de Benjamin Britten

Eu tocava violino na orquestra da escola. Nós nos reunimos com outras escolas da região, e fomos todos à maravilhosa abadia gótica que existe no centro da cidade; os papéis principais foram cantados por cantores profissionais. E ensaiamos "Noah's Flood" por três dias, com a garotada interpretando os animais que estavam entrando na arca de Noé.

Certa manhã, eu saí daquela abadia e a coisa me atingiu com a força de um relâmpago: "Onde estou? Onde estive? Estive em algum lugar ao qual quero voltar". Foi a primeira vez que tive aquele pensamento, e ele ficou comigo. E é por isso, suponho, que nunca vou parar de trabalhar. Vou estar sempre à procura da oportunidade de ir uma vez mais àquela terra estrangeira.

"Lawrence da Arábia", de David Lean

Lembro de ter assistido ao filme com cerca de 12 anos. Fiquei hipnotizado por Peter O'Toole e seus olhos azuis. Mas também fiquei hipnotizado pela escala e pela grande emoção do filme, e pensei que "adoraria contar histórias dessa maneira".

"Brideshead Revisited"

"Brideshead" foi um ponto de inflexão, de alguma maneira. E também foi um grande sucesso, é claro, e me ajudou a escapar daquilo que chamo de campo gravitacional dos atores ingleses.

Eu fazia peças no West End com meu nome acima do título, mas, naquela época, a maneira de tornar seu nome realmente conhecido na Inglaterra era a televisão.

Eles disseram que adorariam que eu interpretasse Sebastian. E eu disse que não, preferiria Charles. Eu tinha acabado de fazer um personagem muito parecido com Sebastian em "Love for Lydia", um cara que amava a mãe, bebia demais, e cai de uma ponte no episódio oito.

Mas olhei para Charles e pensei que "esse sim é um cara interessante, porque ele é tão tipicamente inglês. Eu conheço tudo isso muito bem. Fui educado para ser um homem como ele".

A família Cusack

Sou um menino de classe média anglo-saxã. Venho de uma linhagem inglesa, boa e tediosa. E adoro criar cachorros, e sei que misturas de raças são muito interessantes.

Minha mulher (a atriz irlandesa Sinead Cusack) sempre fica irritada quando faço essa comparação. Mas eu senti que precisava de uma mistura. Senti que precisava de um pouco de celta.

E por isso, quando tive a oportunidade de conhecer a senhorita Cusack, com todo o seu colorido e sua história, eu me tornei parte de uma dinastia das artes. Comecei a entrar naquela forma de vida, e estou mergulhado nela desde então.

> Quando eu era jovem, costumava acreditar que o epítome da sabedoria, e o objetivo que eu deveria ter na vida, era ser perfeitamente feliz sentado sob uma árvore

"The Real Thing", de Tom Stoppard

Eu fui convidado para começar a ensaiar uma peça em Londres chamada "The Real Thing", de Tom Stoppard, a quem eu não conhecia. E li a peça e pensei "meu Deus, ele me conhece. Porque era eu na página". Mas eu não pude fazer a peça, porque estava rodando um filme chamado "Betrayal".

Depois, ouvi uma fofoca de que Meryl Streep e Kevin Kline estavam em Londres e que estavam pensando em fazer "The Real Thing" [nos Estados Unidos].

E pensei que "não gosto nem um pouco dessa ideia". Liguei para o meu agente americano, Robbie Lantz, para dizer que ele não tinha feito coisa alguma por mim até ali, e que se ele não me conseguisse o papel em "The Real Thing", eu arranjaria outro agente.

Um mês ou dois mais tarde fui convidado para o papel, contracenando com Meryl. Mas então Meryl, como sempre faz, decidiu que não faria a peça. Glenn Close acabou fazendo o papel. Foi essa minha introdução a Nova York e à Broadway, fazendo um papel que nasci para fazer.

West Cork, Irlanda

David Putnam, o produtor de cinema, tinha se mudado para perto de Skibbereen, e em uma visita, na sala de jantar da casa dele, eu senti que estava em casa. Viajo muito, e nunca tinha sentido coisa parecida no passado.

Por que eu me senti em casa? Porque, suponho, eu fui criado na ilha de Wight, onde o mar é como que parte da terra. Em West Cork, ainda mais. Há sempre um barco no pátio da fazenda.

E a região tem, historicamente, um elemento meio anárquico. É um lugar de caçadas, de música e de conversação. E de repente lá estava eu me assentando em West Cork, e sentindo uma deliciosa felicidade.

"Quatro Quartetos", de T.S. Eliot

"Quatro Quartetos" é a maior obra dele. Fiquei apaixonado pela simplicidade e complexidade dos poemas.

E percebi que a maneira de ouvir poesia é ouvi-la em voz alta. Josephine Hart, que escreveu o roteiro de "Perdas e Danos", tinha criado uma série de leituras de poesia na Biblioteca Britânica, e convidava atores para ler.

Ela começou a me dar poemas de Eliot. Eliot é um poeta muito complicado, e eu lia sem muita preparação, no improviso. Valerie Eliot, a viúva dele, um dia me disse que "acho que você é a voz atual de Eliot, e que deveria gravar as obras dele". Por isso, gravei todos os trabalhos dele, para a BBC.

Martin Hayes e a magia da Irlanda

Fizeram uma série de televisão na Irlanda em que convidaram seis pessoas de meia-idade a aprender alguma coisa nova. E para mim perguntaram se eu queria aprender a tocar violino irlandês.

Martin me deu algumas aulas, e o homem é um completo mágico. Quando nos encontramos pela primeira vez, comecei a tocar "Arrival of the Queen of Sheba", de Handel.

Ele me parou e disse: "Calma lá, calma lá. Essa é mesmo a nota que você quer?" E eu respondi que era a nota escrita. Ele disse: "Não, não, não, não. A música é sua. Ela vem de você". Foi ali que eu percebi que a música irlandesa é jazz.

Centro Cultural Jean-Marie Tjibaou, na Nova Caledônia

Houve um momento em que eu achei que queria deixar de ser ator. E uma das coisas que imaginei que poderia fazer em vez de atuar seria me tornar arquiteto.

E assim conheci Renzo Piano, que se tornou um grande amigo. Ele permite que sua imaginação viaje sem embaraços. Esse edifício, que ele projetou como centro de artes na Nova Caledônia, é simplesmente maravilhoso, porque, além de ser deslumbrante, ele parece brotar do lugar.

A cachorra de Irons, Smudge

Simplesmente preciso de Smudge. Eu a adotei da Battersea Dogs Home quando ela tinha oito semanas de idade. Agora ela tem sete anos, e está aqui, pacientemente deitada aos meus pés. E é parte muito importante do meu trabalho e da minha vida, porque me propicia aconchego.

Ela me faz lembrar de que é só um filme, e que na verdade um passeio ou jantar importa muito mais. Ela é muito táctil, e gosto disso, porque também sou. E agora, quando não se pode mais ser táctil com outras pessoas, é maravilhoso tê-la por aqui.

Você ainda pode ser táctil com seu cachorro. Por isso, posso me aninhar com ela sem ter problemas.

Tradução Paulo Migliacci

> [Minha cachorra] é parte muito importante do meu trabalho e da minha vida, porque me propicia aconchego. Ela me faz lembrar de que é só um filme, e que na verdade um passeio ou jantar importa muito mais

O ator Jeremy Irons no evento de estreia do filme 'House of Gucci', em Londres [illegible]/Reuters